

**ÉRAMOS JOVENS, ÉRAMOS MUITOS.  
Memórias de dois casais de esquerda na América Latina.**



**MARÍA FLORENCIA MARTÍNEZ MARTÍNEZ**

**Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado  
do Programa de Pós-graduação em Antropologia**

**UFMG-FAFICH-PPGAN  
Belo Horizonte  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

MARÍA FLORENCIA MARTÍNEZ MARTÍNEZ

**ÉRAMOS JOVENS, ÉRAMOS MUITOS.  
Memórias de dois casais de esquerda na América Latina.**

Belo Horizonte

2015

MARÍA FLORENCIA MARTÍNEZ MARTÍNEZ

**ÉRAMOS JOVENS, ÉRAMOS MUITOS.**

**Memórias de dois casais de esquerda na América Latina.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de Concentração:  
Antropologia Social

Linha de Pesquisa:  
Antropologia da arte, da ciência e da tecnologia

Orientador:  
Professor Doutor Ruben Caixeta de Queiroz

Belo Horizonte

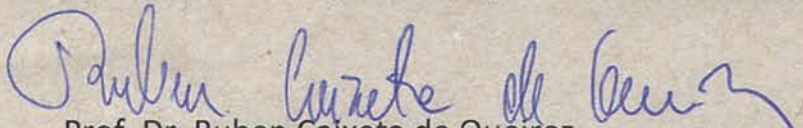
2015

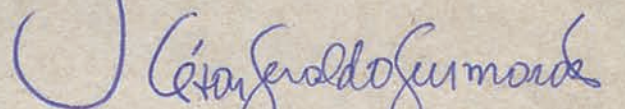


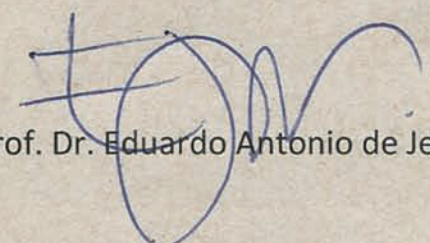


**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE MARIA FLORENCIA MARTÍNEZ MARTINÉZ (Nº DE MATRÍCULA: 2013666874)**

Aos 24 (vinte e quatro) dias do mês de fevereiro de 2015 (dois mil e quinze), reuniu-se no auditório Prof. Baesse - F-4059 – 4º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora, para julgar, em exame final, a Dissertação intitulada: **“ÉRAMOS JOVENS, ÉRAMOS MUITOS: memórias de dois casais de esquerda na América Latina”**, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, Área de Concentração: Antropologia Social - Linha de Pesquisa: Antropologia da Imagem e do Som. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Ruben Caixeta de Queiroz – orientador (PPGAN-FAFICH/UFMG); César Geraldo Guimarães (PPGCOM-FAFICH/UFMG) e Eduardo Antonio de Jesus (FCA/PUCMINAS)**. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Ruben Caixeta de Queiroz após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à mestranda Maria Florencia Martínez Martínéz, para apresentação de sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença da mestranda e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente à candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2015.

  
Prof. Dr. Ruben Caixeta de Queiroz  
(Orientador)

  
Prof. Dr. César Geraldo Guimarães

  
Prof. Dr. Eduardo Antonio de Jesus



*À alegria de se perder na multiplicidade.*

## AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus filhos pequeninos, que inconscientemente souberam dividir meu tempo com os livros, as aulas e a escrita.

Obrigada Cao, pelas incansáveis leituras e correções.

Obrigada Dadá, pelo inigualável apoio e carinho.

Obrigada Marco, obrigada Dora, obrigada Antonia, obrigada Pedro.

Foi uma emocionante e transformadora aventura compartilhar esses afetos e fotos com vocês.

Obrigada aos meus pais, inspiração que sempre volta.

Obrigada à incrível turma de mestrado, agora turma de amigos.

Obrigada a todos esses novos amigos que me fazem sentir em casa.

Obrigada a todos os professores de mestrado que estimulam a pensar.

E, para que ninguém fique de fora, obrigada finalmente ao cosmos em geral.

## RESUMO

O campo de trabalho desta pesquisa diagrama-se a partir dos itinerários narrativos evocados por meio dos arquivos pessoais de um casal uruguaio e outro brasileiro, que militaram politicamente entre os anos 1960 e 1990 e que encontram na denominação “esquerdista” um critério definidor da suas subjetividades. Esta pesquisa dedica-se, por um lado, a desenhar um espaço-tempo vinculante entre as memórias dos dois casais, conectando na montagem antropológica lugares, episódios e pessoas não-contíguos, gerando como desdobramento um dispositivo que permita aproximar descontinuidades e visualizar matrizes históricas e afetivas comuns. Por um lado, ao se propor a analisar o conteúdo destas matrizes comuns nas suas diferenças, estrutura-se um texto sobre retalhos dos encontros etnográficos que reiteram a imagem da heterogeneidade ao mesmo tempo que nos permitem pensar em traços definidores de uma ontologia de esquerda que interfere nas suas experiências amorosas. Por outro lado, tenta-se refletir sobre os processos de evocação da memória comum a cada casal, por meio da aproximação a alguns elementos dos seus arquivos pessoais. Argumentando que estes arquivos são espaços-tempos vivos que instigam estes sujeitos a se reconfigurarem, provocamos finalmente uma atualização destes relatos ao intervir neles no contexto desta investigação.

**Palavras-Chave:** Memória; Imagem; Ideologia; Amor.

## **ABSTRACT**

The fieldwork corresponding to this research is structured around the narratives evoked through the personal files of two couples who had been politically active between 1960 and 1990. Both couples, one Uruguayan and one Brazilian, define their own subjectivities as “leftist”. The goals of these studies are on the one hand, to generate a space-time link between the memories of both couples, connecting separate places, episodes and people at the level of the anthropological discourse. The device generated by this unwinding can close the gap between discontinuities and illuminate historical and emotional commonalities. Fragments of the ethnographic encountered are structured as a narrative in order to analyze the content of these commonalities and their potential differences. This exhibits an image of heterogeneity but at the same time allows us to think on the defining futures of a leftist ontology that traverses their life as couples. Secondly, this study reflects on the process of remembrance common to each couple by introducing objects from the couples' personal files. We generate an update of the remembered narratives through this intervention and argue that these personal files are living space-times that instigate these subjects to reconfigure themselves.

**Keywords:** Memory; Image; Ideology; Love.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto N° 1 – Marco cortando um queijo. Dodora na expectativa .....	19
Foto N° 2 – Tirando o espinho .....	23
Foto N° 3 – Cartão vermelho .....	23
Foto N° 4 – Antonia: Rastro, resto, rosto .....	26
Foto N° 5 – A origem .....	34
Foto N° 6 – Como se conheceram? .....	37
Foto N° 7 – Paquera .....	41
Foto N° 8 – Cúmplices .....	41
Foto N° 9 – Dodora .....	47
Foto N° 10 – Dodora e Marco .....	51
Foto N° 11 – Pedro e Antonia .....	52
Foto N° 12 – Aniversário de Pedrín .....	59
Foto N° 13 – Mundo-balão .....	59
Foto N° 14 – Pedro e Antonia em cena .....	65
Foto N° 15 – Pedro em Crisma .....	68
Foto N° 16 – Nossa Senhora no meio de outras lembranças .....	68
Foto N° 17 – Afetos de Antonia no barco se despedindo dos avós .....	72
Foto N° 18 – Antonia meditativa .....	75
Foto N° 19 – Antonia pequena com a mãe e os vizinhos, mostrando a plantação de couve e a fartura de Coca-Cola .....	76
Foto N° 20 – Pedro olhando para trás .....	81
Foto N° 21 – Marco lembrando .....	84
Foto N° 22 – Dodora lembrando .....	86
Foto N° 23 – Dona Chiquita à esquerda .....	90
Foto N° 24 – Espectros de Pedrín .....	97
Foto N° 25 – Pedro longe .....	108
Foto N° 26 – Antonia longe .....	109
Foto N° 27 – 2335 .....	111
Foto N° 28 – Antonia volta à cozinha .....	111
Foto N° 29 – Pedro na imprensa .....	112

Foto N° 30 – O bolo de Lucas .....	118
Foto N° 31 – Dodora é Antonia .....	119
Foto N° 32 – Balões de Pedrín para Pedro na cadeia .....	123
Foto N° 33 – Família .....	123
Foto N° 34 – Pedro se abre .....	126

## SUMÁRIO

<b>Prefácio .....</b>	<b>10</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo I – Memória: Criando fragmentos .....</b>	<b>16</b>
1.1 – Breve apologia das migalhas .....	18
1.2 – Fala, memória .....	24
1.3 – Tempos .....	28
<b>Capítulo II – Ontologia de esquerdas: compósitos ocidentais .....</b>	<b>31</b>
2.1 – Começando a se conhecer. Aproximações entre a ideologia e o amor .....	34
2.2 – Mundo moderno .....	53
2.3 – Das pessoas compósitas e das visões de mundo .....	60
2.4 – A Educação Sentimental: literatura e família .....	73
<b>Capítulo III – A instabilidade do homogêneo .....</b>	<b>94</b>
3.1 – Dos retalhos e do inacabamento .....	97
3.2 – Produzindo imagens .....	114
3.3 – Heterotopias e fronteiras. Construindo espaços de normalidade e outros desvios ...	125
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>133</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>136</b>

## PREFÁCIO

A melhor maneira, talvez, de explicar os caminhos que me conduziram a esta temática e a estes dois destinos geográficos é por meio da minha própria história. Sou uruguaia e nascida num berço militante. Meu pai, Don Walter Martínez, comunista convicto, e minha mãe, Dona Silvia Martínez, devota pela maternidade, cruzaram suas histórias e tentaram construir uma família no fim da ditadura, procurando conciliar a militância e o amor. Não deu muito certo. Ainda pequena, meus pais se separaram. A política fez parte das minhas primeiras representações sobre a vida. Ao longo dos anos, vi meus pais como heróis daquele tempo. Mal entendendo porque tinham sido presos ou torturados, mostrava aos meus amigos, com orgulho, as peças de um museu vivente. Fui a uma escola progressista e de esquerda onde, por exemplo, aos oito anos, a turma vibrava com o resultado eleitoral. Assim, desde muito cedo, ideologia e afetividade estavam entrelaçadas: muitas vezes, provocando catástrofes afetivas e, outras, dando transcendência e sentido à vida. Com a adolescência, me tornei previsivelmente crítica a meus pais e, segundo meu pai, me transformei “naquela pós-moderna” que nunca soube reconhecer em mim.

Fui embora do Uruguai com 25 anos. Instalei-me em Belo Horizonte, sentindo vertigem das montanhas e com saudades do mar. Tive dois filhos. Junto aos desafios do casamento e da maternidade, a política tornou a aparecer em meu cotidiano. Matutando sobre amor, ideologia, maternidade, casamento, devir, encontrava-me várias vezes perguntando: *como meus pais fizeram para estar juntos e criar uma família naquele mundo?* O que me levou a questionar como devia ter sido aqui, no Brasil. Quais seriam as lembranças de tudo aquilo? O que teria sobrevivido?

Com essas perguntas e já com esta dissertação em mente, encontrei a Antônia e o Pedro. Um casal comunista uruguaio, referência daqueles anos para muita gente. Emblemas de resistência e integridade, eles eram para meu pai dois nós de sentido. Assim, cheguei até eles que, sem que bem me conhecessem, embarcaram às cegas neste projeto.

Já Dora e Marco, casal de militantes brasileiros da Ação Popular, surgiram das falas de Raquel, uma querida amiga que via no que eu contava do meu projeto de mestrado alguma relação entre eles. Fomos apresentados e depois de alguns dias e conversas, Dora e Marco toparam o projeto tão inconscientemente como Antônia e Pedro.

## INTRODUÇÃO

Pedro Giudice Toma tem 64 anos, nasceu em Montevideú, Uruguai, no bairro que antigamente era conhecido como “Tajo y Puñalada”. Estudou arquitetura e virou empresário de corte de caixas. Antonia Yáñez Barros tem 65 anos. Espanhola de nascença, chegou ao Uruguai no ano de 1953, em um bairro chamado Pedras Brancas. Estudou literatura e trabalhou no ensino médio. No ano de 1973, Pedro e Antonia se casaram e, dois anos depois, nasceu o primeiro filho do matrimônio, Pedrín. Treze anos depois, nasceu a segunda filha, Lucia. Durante esse período, transcorreu a ditadura uruguaia (1973-1985), que marcou profundamente suas histórias. Atualmente, moram juntos na casa que Pedro e Pedrín desenharam juntos. São avós de Camilo e Gonzalo, os dois filhos de Pedrín.

Dora Miranda Vieira nasceu em Belo Horizonte há 74 anos. Formou-se em arquitetura e quando foi trabalhar em Teófilo Otoni conheceu Marco Vieira. Ele, nascido dois anos depois que ela e originário dessa terra, a desposou em 1967, em plena ditadura militar brasileira (1964-1985). Tiveram três filhos nesse tempo: em 1968, Pedro; em 1970, Ana; e em 1977, Lucas. Hoje moram juntos no bairro de Santa Efigênia, na casa onde Dora nasceu. São avós de Ana, filha de Lucas, que mora na Alemanha.

Os dois casais não se conhecem. Marco e Dora nunca viajaram para Montevideú nem nunca falaram espanhol. Pedro e Antonia nunca visitaram Belo Horizonte nem nunca falaram português. Ambos jamais imaginariam um dia a possibilidade de uma analogia entre eles. Desconhecem gestos, atitudes, manias e o jeito de viver do outro casal. Tampouco imaginavam a possibilidade de, em algum momento, com a desculpa de um certo texto, dialogar fantasmagoricamente entre si através das suas memórias. Em suma, não pensavam que alguém pudesse ver neles algo a mais. No entanto, ao percebermos que um sentimento comum poderia lhes aproximar, nos propusemos a pesquisar e construir essa possibilidade. Uma certa perspectiva de mundo semelhante permitiu-nos criar um diálogo fictício nesta montagem. Desenhamos, assim, um texto no qual a teoria nativa dialoga entre si.

O que se articula neles é uma certa sensibilidade que denominaríamos de esquerda<sup>1</sup> e que, aqui, sugerimos pensar por meio de alguns traços surgidos em suas falas, articulados com algumas ferramentas teóricas antropológicas. Ambas as teorias, nativa e antropológica,

---

<sup>1</sup> Sabemos que esta categoria é particular e historicamente circunscrita à história ocidental. Não pretendemos nesta dissertação estudar o conceito enquanto discurso. Definiremos e aprofundaremos as implicações desta denominação no capítulo intitulado “Ontologia de esquerdas: compósitos ocidentais”.



são intercaladas ao longo do trabalho, com o objetivo de tentar compreender estes modos de acreditar no mundo e nas relações. Além disso, não pretendíamos buscar uma conexão imediata entre elas.

Entrevistamos cada casal em suas respectivas casas. Geralmente as narrações de suas vidas eram realizadas com ambos presentes, a não ser em raras ocasiões — quando, por exemplo, iniciávamos o processo enquanto estávamos à espera da chegada de algum deles.

Editamos os trechos das falas de nossos encontros independentemente da cronologia dos fatos, inclusive brincando com a possibilidade de colocar os diálogos de forma descontínua. Ao ler as longas transcrições das falas de todas nossas entrevistadas, ficamos em evidência os pontos de articulação que aqui pretendemos explorar<sup>2</sup>.

Como diz Louis Dumont (2008), “a percepção de nós mesmos como indivíduos não é inata, mas aprendida” (p. 56). O nosso olhar é ideológico e, portanto, resulta interessante acompanhar as subjetivações destes casais quando se pensam a si mesmos em perspectiva.

Na medida em que o presente trabalho foi se impregnando das imagens das memórias destes casais, percebemos a quantidade de fantasmas que povoam cada uma delas. Estas hostes de espectros vêm à tona quando acompanhamos, através da atividade mnésica, o processo de construção dessa sensibilidade de esquerda. Referências familiares, literárias, intelectuais, musicais, artísticas, das mais diversas, confluem nas vidas destes casais pelas mais diversas vias, apenas insinuando uma relação.

A imagem da multiplicidade dentro de cada um deles não se refere apenas à expressa adesão a um partido político que pretende integrar em si o social como uma dimensão necessária a se contemplar. A integração múltipla de sujeitos que aqui pensamos sustenta-se no tempo contínuo e acumulativo da memória. A memória não nega as

---

<sup>2</sup> O embrião da ideia desta dissertação surgiu quando testemunhei fortuitamente os encontros de meu pai com seus amigos, todos ex-presos políticos, militantes do Partido Comunista, velhos companheiros de luta. Em suas histórias parecia existir uma auréola de força transcendente sob a qual os personagens ficavam subsumidos e, ao mesmo tempo, unidos por ela. Tudo parecia se justificar. Tanta dor, tantos esforços, um pedaço da vida de cada um. Sempre com alegria e convicção de repetir tudo novamente caso necessário.

Quando conversava com meu pai sobre este duro período, ele replicava argumentando que, para ele, o fato de não ter tido família (nem mulher nem filhos na época da prisão) simplificou bastante a traumática experiência. Eu pensava nisso também. Ele e todas estas histórias me pensavam. Mas tudo era muito próximo. Era meu pai, era eu. Precisava me distanciar, objetivar estas intuições por meio de alguém não tão íntimo.

Comecei a me interessar, então, por essas contingências afetivas – casais militantes. O que mais me impressionava e seduzia era uma espécie de discrição e timidez destes casais, relutantes ao natural crivo heroico da história. E mais, percebia em suas falas que o amor, em sua tintura moderna, ontologicamente parecia não existir. Definitivamente eram outros os sujeitos, outras relações. Pareciam estar na contramão de um certo sentido vertiginoso do mundo contemporâneo. Seus relatos, seus romances, seus heróis, suas lembranças formavam parte de um certo estilo de pensamento do qual sinto-me herdeira sentimental.

justaposições destas referências, não sintetiza apenas em um indivíduo uma vida inteira. Ao evidenciar esta pluralidade, ela nos apresenta desafios para criar novos espaços textuais que deem conta de expressar estas subjetividades.

Neste sentido, a presente dissertação é compósita. Não tem, nem pretende ter, exclusivamente uma grande questão a resolver. Partimos destas experiências por proximidade, por intuição, abrindo caminho por dobras e fissuras.

Poderíamos dizer que um dos contextos desta pesquisa é o levantamento das memórias destes dois casais, produzidas ao longo do espaço e do tempo, sob a influência de uma matriz simbólica específica como é a ideologia de esquerda. Poderíamos dizer também que esta matriz responde a uma perspectiva de mundo que poderíamos chamar de “ontologia das esquerdas”<sup>3</sup>. Nela encontram-se ligadas umas às outras imagens históricas, políticas, afetivas, sensoriais, morais etc. Para organizar este conjunto de imagens, propusemos por meio deste texto construir um dispositivo que colocasse memórias e imagens em relação para pensar as conexões e as divergências entre os dois casais, evidenciando a construção da memória como uma estratégia coletiva e poética.

Perguntamo-nos se, depois de ouvir e ler seus depoimentos, ainda poderíamos pensar em subjetividades de indivíduos apenas modernos e ocidentais. Provavelmente eles nos apresentariam o desafio de criar outros espaços conceituais mais amplos para lhes representar.

Estes casais abriram as portas de suas casas para nos receber ao longo do ano de 2014. Os encontros foram quase todos mediados pelo gravador e pela filmadora.

A relação entre fotografia, documentário e memória é tão vasta que mereceria uma dissertação à parte. Embora este trabalho não tenha a pretensão de abordar este vínculo como uma temática em si, é importante determo-nos aqui em alguns aspectos cruciais referentes ao processo etnográfico desta relação enquanto método de trabalho.

Refletir sobre fotografia é refletir sobre relação. A fotografia é uma espécie de intrusão. Há sempre uma informação que é subtraída da realidade, fazendo do contexto de criação um ato invasivo, donde um necessário e ciente cuidado para com todos os gestos envolvidos nesse processo de criação.

No caso dessa pesquisa, não priorizamos a técnica ou a estetização das composições. Tentamos registrar cenas domésticas sem afetação nem floreios. A câmera fixa sobre um tripé e sobretudo separada de nós, como que esquecida de lado, tentou

---

<sup>3</sup> Ver página 33.

minimizar essa intrusão. O tempo de cada tomada era o tempo possível de um cartão digital (sendo a narração interrompida de quando em quando para a troca de cartão). O tempo da gravação de áudio era bastante maior que o da imagem e o aparato ficava geralmente encima de uma mesa, mais próximo dos personagens. A atmosfera do cotidiano dos casais foi assim performatizada para a câmera e para mim.

Obviamente que diante de tão vasto material gravado foi necessário um trabalhoso processo de edição do texto, conscientes do grau de responsabilidade que isso exige sob a ótica de uma montagem antropológica. Esse é o lugar do autor: ele edita, monta, cria uma realidade. Por esta razão, decidimos manter uma comunicação permanente com os casais, contando com a aprovação do conteúdo linguístico e imagético em processo nesta dissertação. Enviamos sempre por e-mail as sucessivas versões deste trabalho, enriquecendo-o com seus comentários e, claro, empolgando-nos com seus consentimentos.

O uso da fotografia nesta dissertação é produto de um redirecionamento programático. Num primeiro momento, o objetivo era a realização de um documentário. Este fato condicionou muito a realização e disposição para as entrevistas, pois a própria ideia gerava resistência nos casais, que acabaram concedendo sem ter muita firmeza. Filmamos quase todos os encontros. Por uma questão de tempo, essas imagens não foram ainda editadas. No entanto, elegemos alguns *frames* do material bruto filmado e o dispusemos ao longo da dissertação.

Optamos por utilizar dois tipos de imagens neste trabalho. Por um lado, os *frames* extraídos do vídeo e, por outro, fotografias do arquivo pessoal. Estes dois tipos de imagens carregam em si características e formas diferentes de dialogar com o texto da narrativa. No caso dos *frames* do vídeo, temos o testemunho do momento presente, quando a memória emerge em forma narrativa, entre a consciência e a inconsciência, entre os fluxos de fala e os silêncios, entre a densidade e a rarefação, a emoção e a razão. As imagens são roubadas de um certo fluxo (já que não são instantâneas, mas imagens em movimento) e sugerem um antes e um depois. São o testemunho presente na expressão facial, corporal, nos gestos, nos silêncios, no espanto com este outro que foram (os personagens). Uma espécie de espelho invertido revelando o que deixaram de ser. Vemos o rosto e o olhar que lembra encontrar-se com este outro que foram um dia, mas nós não vemos este outro que realmente foram. Este passado move-se como um fantasma, uma neblina envolta num rosto que lembra.

Já as imagens de arquivo são a reencarnação deste fantasma. Representam um ponto distante no tempo, de contorno esmaecido, uma imagem que ecoa e reverbera este outro que foram. Estas imagens tem certamente o efeito de acentuar o foco da lembrança que,

sem elas, volta ao seu estado de fantasma. Uma alteridade de si materializada em nitrato de prata. Elas estão guardadas em uma caixa, têm cheiro, textura, rancor. São seres a espera de uma mão qualquer que um dia os tirem do esquecimento.

No primeiro capítulo, intitulado **Memória: Criando fragmentos**, pretendemos apresentar algumas reflexões metodológicas envolvidas na concepção do presente trabalho. Introduzimos com ele algumas noções-chaves em torno da temática da memória. Reforçando a ideia de montagem, propusemos pensar o contexto da dissertação como uma das tantas formas de revelar memórias.

O segundo capítulo, intitulado **Ontologia de esquerdas: compósitos ocidentais**, propõe-se a apresentar a multiplicidade destes sujeitos por meio do conjunto de elementos que compõem uma perspectiva de mundo específica para estes casais. Aparecem aqui os personagens inseridos nos relatos do começo da relação amorosa dialogando com alguns conceitos antropológicos como os de ideologia e de amor. Neste capítulo sugerimos pensar em indivíduos compósitos, ao olhar para alguns elementos constitutivos – como uma matriz filosófica marxista, imagens arquetípicas, matrizes afetivas e históricas – desses sujeitos inscritos nestas orientações políticas e surgidos das falas dos diferentes episódios da vida.

No terceiro capítulo, chamado **A instabilidade do homogêneo**, introduz-se a figura dos arquivos mnêmicos pessoais dos casais como objeto de análise. Deteremos nossa atenção nos processos de configuração das narrações sobre algumas lembranças, refletindo sobre a importância da imagem como catalizadora das narrativas e discussões que delas emergem, provocando a atualização dessas memórias que despontam permanentemente a ideia de multiplicidade dos indivíduos.

Finalizando o trabalho, nas **Considerações finais**, propomo-nos a refletir de modo geral sobre o conjunto da experiência etnográfica.

# **Capítulo I**

## **Memória: Criando fragmentos**





## 1.1 – Breve apologia das migalhas

Quando traçamos a proposta desta pesquisa e a desenhamos como o desafio de contar simultaneamente a história de vida de dois casais juntos, em duas locações geográficas diferentes, escavando acervos pessoais, fragmentando as suas falas e imagens para construir um texto de dissertação, tentamos criar, inspirados em Foucault (2013), dispositivos, máquinas abstratas de processamento do real. Projetamos linhas de força que provocaram formas de fazer ver e de fazer dizer as trajetórias. Ao provocar suas memórias, suscitamos a produção de um estrato histórico preenchido de novas discursividades e evidências.

Referindo-se à obra de Foucault, Gilles Deleuze (2011) diz que nele “o saber é um agenciamento prático, um “dispositivo” de enunciados e de visibilidades” (p. 60). Acrescenta, depois, que estas visibilidades “não são formas de objetos, nem mesmo formas que se revelariam ao contato com a luz e com a coisa, mas formas de luminosidade, criadas pela própria luz e que deixam as coisas e os objetos subsistirem apenas como relâmpagos, reverberações, cintilações” (Deleuze, 2011, p. 62). Para produzir este saber, então, é indispensável a atualização fotossensível.

A evocação de memórias gera formas de luminosidade que escrevem uma visibilidade e uma enunciabilidade construídas na práxis do presente do qual fazemos parte neste contexto. Somos cinco sujeitos (dois casais e eu) em encontro: propagando, absorvendo, escondendo, refletindo e desviando luz. Ela nos revela uma possibilidade narrativa que aqui tentamos explorar.

Os encontros com os casais foram realizados das mais diversas maneiras, sempre contemplando uma dimensão prática e operativa. É importante frisar a situação, às vezes desconfortável, de relatar, confidenciar, narrar (e também, no meu caso, estar na posição da escuta) coisas íntimas a um estranho, sobretudo diante de uma câmera.

Geralmente tais encontros se davam ao anoitecer, após a jornada de trabalho, com os últimos raios de sol. Sempre o lugar das entrevistas foi a cozinha e suas redondezas, mesmo quando nem era o cenário previsto para gravar. Às vezes, fomos inclusive trasladando a conversa até nos instalar na mesa da própria cozinha ou na circundante copa, como se a partilha de narrativas evocasse imediatamente uma outra partilha. Intercâmbio de palavras de um lado e intercâmbio de comida de outro. Duas formas de simbolizar a relação. Palavras deglutidas, migalhas ejetadas, silêncios com borra de café, matéria e pensamento. Como diz Bergson: “La memoria, (...) no es la facultad de clasificar recuerdos

en un cajón o inscribirlos en un registro, no hay registro, no hay cajón...” (*apud* Bachelard, 2005, p. 108). De fato, tudo isso se assemelha a uma cocção vital onde se trocam palavras, imagens, comida, objetos, risos, choros, luz. Nada está ordenado. Todas as gavetas foram se virando sobre a mesa, contaminando-se com as sujeiras das comidas, as delícias do diverso, o aroma do imprevisível.

Famoso e muito caro aos antropólogos é o conselho sobre como encarar o trabalho de campo, que Malinowski deu a Evans Pritchard: “não seja um maldito imbecil, e então tudo irá bem” (Pritchard, 2005, p. 243). Esta contundente frase nos ilumina com ácido humor e nos recoloca antenados às pequenas cenas de comunhão do óbvio e insignificante: aquelas cenas que não dizem nada *a priori*, as que ficariam fora do texto visível, longe do áudio audível, às margens, o resto mais excetuável e humano. Mas, como Foucault (2013) nos ensina, nem as enunciabilidades nem as visibilidades são imediatamente perceptíveis. Pretendemos aqui recriar o afeto do irrelevante, constitutivo e catalizador de todos nossos encontros, alimento de *Mnemosine*.



Foto N° 1 – Marco cortando um queijo. Dodora na expectativa.

Sentávamos à mesa já com os deleites do café no jeito para ser compartilhado. Amaciávamos nossas cabeças e corações com aqueles ternos papos-furados que tão bem nos faziam, sobretudo para nos relaxar diante da câmera e do gravador.

**M a r c o**

Nós fazemos as viagens mais malucas que você possa imaginar! As nossas viagens são assim. Nós saímos daqui para ir, por exemplo, pro sul do país. Vamos para a Serra Gaúcha, Serra Catarinense e tal... Fizemos isso durante alguns anos, várias vezes. Todo ano, vinte e poucos dias dentro do carro... Os dois velhos malucos dentro de um carro velho, e ficamos por aí rodando a toa... Sem reservar hotel, sem absolutamente nada disso... Mas todas as nossas viagens começam por Paraty, aqui no estado do Rio. Conhece?

**F l o r e n c i a**

Não.

**M a r c o**

É uma cidadezinha do Brasil Colônia. É uma linda cidade a beira mar. Inclusive, está abaixo do nível do mar. Quando a maré sobe, dependendo da época do ano, a cidade alaga. Sempre começando por ali, vamos pelo litoral até o Rio Grande Sul, até ali embaixo e vamos voltando pela Serra Gaúcha, Serra Catarinense... Eu estava falando de quê?

**D o d o r a**

Você estava falando do queijo, Marco! (Risos).

**M a r c o**

Ah, do queijo... Na verdade eu estava falando era do doce de leite! Na Serra Gaúcha existe uma cidadezinha chamada Nova Petrópolis, passando por Gramado. A gente não gosta de Gramado, não. A gente passa por Gramado assim, nem olhando... Porque virou uma cidade abastada! A Dodora conheceu Gramado em 70 e... seis, não é?

**D o d o r a**

Marco, fala do doce de leite...

**M a r c o**

Era uma cidade linda Gramado... Depois virou aquela porcaria. Ficamos em Nova Petrópolis, todos esses anos, numa pousada chamada Recanto Suíço. Depois de umas cinco vezes que ficamos hospedados lá, a dona da pousada, a filha da dona da pousada vira pra gente e fala assim: “No ano que vem, quando vocês chegarem aqui, se não estiverem com

uma lata de doce leite, vocês não se hospedarão aqui. Eu quero uma lata de doce de leite daquela de Minas Gerais!”. Infelizmente, nós não levamos o melhor doce de leite, que é aquele que tem no caminho de Tiradentes, de São João Del Rey. Na estrada tem uma fazenda e eles fizeram um restaurante na beira da estrada. Chama... Olha o nome horrórico: chama “Charme Country”. Mas tem uma comida deliciosíssima. Tem um pão com linguiça e queijo de coalho derretido na chapa, junto com a linguiça dentro do pão... E tem principalmente o melhor doce de leite que eu já comi na minha vida. Com pouco açúcar e muito leite.

### **D o d o r a**

Pouco mesmo, ele fica até granulado! Parece aquele doce de leite que é feito com leite coalhado, mas não é. Ele fica irregular. Ele não fica aquela coisa lisinha. Não é bonitinho não, sabe. Mas é fantástico! Delícia! Parece que tem um pouco de queijo nele! É desse tipo que você tem lá, não é?!

### **F l o r e n c i a**

Vou trazer para vocês! O de lá é maravilhoso! Aliás, acho que Uruguai e Minas têm uma coisa assim... Uns traços comuns, por causa da indústria láctea e da carne de boi. (Risos). A carne é incrível! E o queijo e o doce de leite são maravilhosos também. E sem falar do vinho.

### **D o d o r a**

Vinho já não é o nosso forte!

### **M a r c o**

Vinho nós tomamos o... “Vento Sur”?

### **F l o r e n c i a**

Uruguaio? Não é argentino, não?

### **M a r c o**

É uruguaio!



**Florença**

Uruguai que tem aqui, tenho visto é o Don Pasqual, Los Lobos, mas... você não gosta de vinho?

**Dodora**

Não... Eu adoro vinho! É que em Minas eu não conheço vinhos bons assim... Aqui no Brasil temos bons vinhos do sul... E parece que agora começaram a fabricar bons vinhos no São Francisco.

**Marco**

Aquele Miolo... Nós tomamos vinho praticamente todos os dias. Para quem toma vinho todo dia, é impossível você tomar vinhos caros... Então, o vinho que a gente mais gosta... O povo fala de harmonizar vinho com a comida... Nós achamos que, primeiro, o vinho deve harmonizar com o nosso bolso, e não com a comida! E com o nosso paladar, claro!

...

Olhando no olho de pertinho e com aquele sem-jeito da mastigação estabelecemos planos de interlocução. Assentamos os delirantes antecedentes que indicaram que, se éramos sujeitos capazes de cruzar essas informações, essas anedotas, esses gestos, essas comidas, daríamos conta de trocar o resto da vida. Assim, construímos aqueles momentos de intimidade.

Houve uma ocasião em que admirei, fascinada, quase como se eu não existisse, uma cena que poderia ser extraída das mil e uma que acontecem nessa casa à porta fechada entre Pedro e Antonia. Ela extraía em silêncio um espinho da mão do Pedro. Após uma breve e agradecida gozação dele, voltaram a ver um jogo do mundial de futebol. Meu olhar e toda minha parafernália tecnológica pareciam sumir e misturar-se com o mobiliário, ao qual tão acostumados tinham seus sentidos.



Foto Nº 2 – Tirando o espinho.

**P e d r o**

Isso! Você conseguiu! Mesmo não enxergando nada! Parabéns.

(Antonia joga o espinho no chão, continua em silêncio e termina de comer seu pão. Os dois voltam a assistir o jogo na televisão).

**P e d r o**

Caraca! Cartão pro cara! Coitado... esse Camarões...



Foto Nº 3 – Cartão vermelho.

## 1.2 – Fala, memória

*O intuito que me levou a empreendê-la (a pesquisa) foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalhavam por seus contemporâneos e por nós (Bosi, E., 2012:37).*

O trabalho desenvolvido por Ecléa Bosi, “Memória e Sociedade. Lembranças de velhos” (1979), é um trabalho de referência para quem pretende colher memórias sem cobiçar escrever nem um tratado sobre a memória nem outro sobre uma população determinada. Essa interseção sem presunções que a autora edifica se consolida como um espaço de trabalho que inspira e que promete.

A ação de coletar memórias, termo empregado pela própria autora, desdobra para nós algumas imagens que queremos destacar. Primeiro, marca uma implícita alusão ao trabalho artesanal, no qual colhe-se lembranças onde previamente semeia-se. Quer dizer que é necessária (e inevitável) uma construção afetiva entre pesquisador/pesquisado para que as narrativas comecem a circular. Por outro lado, o que sucede é muito parecido à própria colheita agrícola, onde estão, análogas aos tubérculos, em estado latente, lembranças submersas que vêm à superfície quando alguém as convoca.

Nesta pesquisa fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto quando ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (BOSI, 2012, p. 37).

O pesquisador presta, assim, um serviço muito importante e que se multiplica, indo além da presente dissertação. Intervimos numa realidade na qual nasceram novos brotos para eles e para nós. Depois dos encontros, ficaram ecoando suas palavras, que retornaram velhos sentimentos esquecidos, novas imagens e milhares de papéis cheirando a naftalina. Passado reinterpretado à luz do presente. Passado a serviço do presente. Agora, outro presente.

### **P e d r o**

Para você deve ser difícil fazer este estudo, pois tudo é tão contraditório!

**Antonia**

É contraditório porque ainda estamos vivendo e é também uma história que nunca relatamos. Estamos fazendo agora.

•••

No decorrer das reuniões, no fluxo de suas vozes, eles se depararam com histórias que nunca foram construídas ou narradas, com ausências e contradições que lhes despertaram interesse pelo próprio passado e, conseqüentemente, desejo pelo presente. Muitas vezes surgiam novas versões de como as coisas tinham se sucedido, outras perspectivas que os levavam a esses caminhos. Sobretudo em relação às histórias da clandestinidade, algumas delas, lembranças muito dolorosas e quase inenarráveis. As narrativas que para eles eram de difícil elaboração, agora se abriam de uma outra forma, revelando novas facetas, uma nova luz sobre o que antes apenas se insinuava sem nunca tomar forma.

Por outro lado, em certas ocasiões, renovava-se o afeto, como se aquilo fosse uma íntima e informal renovação dos votos matrimoniais:

**Florença**

Como Marco falou: “a vida é tão breve” e há tantos caminhos possíveis! Finalmente, por que viver a vida juntos? Por que ficar juntos tantos anos, atravessando tanta coisa?

**Marco**

Quarenta e oito...

**Dodora**

Às vezes eu penso nisso sabe... por quê? Deixa eu ver o porquê...

**Marco**

Por que será né? Eu sei o porquê!

**Dodora**

Por quê?

**Marco**

Porque eu TE AMO! (Risos).

## **D o d o r a**

É, porque eu te amo...

...

E, finalmente, talvez o serviço de maior efeito prático: Antonia e Pedro tinham uns velhos dispositivos nos quais as imagens estavam sumindo. Eles me confiaram esse material para escanear e tratar as fotos com a finalidade de lhes entregar uma versão digital, talvez mais perene do que as fantasmagóricas imagens em extinção. Enviei-lhes por e-mail o resultado com o assunto de “Imagens que retornam”. Eu, instrumento, lhes devolvia lembranças totalmente desconhecidas para mim e já quase esquecidas por eles.

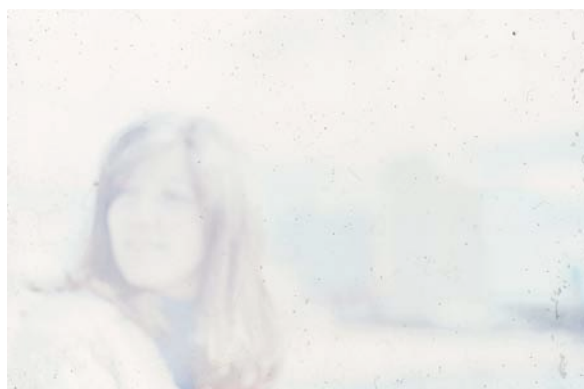


Foto N° 4 – Antonia: Rastro, resto, rosto.

Parece-nos central o trabalho de Ecléa Bosi, pois ela chama a atenção para estes desdobramentos metodológicos que aqui queremos da mesma forma sublinhar, expondo sua tese central de que a memória pessoal é também social, familiar e grupal.

Aderindo a Maurice Halbwachs, a autora nos diz que “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos faz lembrar” (Bosi, 2012, p. 54). Por meio do trabalho sobre “memórias de velhos” (Bosi, 2012), dei-me conta de que essa dissertação trabalha também com essa forte aproximação. Quando refletimos ao longo da vida nas imagens da duração do devir, nas diversas etapas pelas quais esses casais atravessaram juntos, estamos aludindo ao envelhecimento. Esse fenômeno, em termos de atividade mnésica, enfatiza sua função de manter uma certa memória familiar, grupal, institucional da sociedade (Bosi, 2012, p. 63).

**Pedro:**

Estávamos falando do ano 1988 e passamos abruptamente para 2014!

**Antonia:**

Pode ser, mas é que eu já vivi o 88! Já não vivo nele mais! Acontece que, ao nos aproximarmos do que hoje pensamos, estamos reafirmando o que vivemos. Eu sinto um pouco de medo desta nova etapa da vida, onde ficamos como os mais velhos da família. Morreram nossos pais e a gente é filho único... Minha mãe sempre me dizia: “você fez o ensino fundamental, não é?”, como dizendo “você pode ser melhor”, “você tem elementos”, “você pode se converter em algo diferente do que a mera repetição dos seus pais”. Há que estar à altura dos acontecimentos. Para isso fomos à escola!

...

Aproveitamos a teoria nativa, expressa no conselho da mãe de Antonia, e a misturamos com teoria antropológica.

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação (BOSI, 2012, p. 81).

Acreditamos que a memória tem, entre outras qualidades, uma função social. Talvez aqui exista uma posição pessoal moral que comungue com a da autora, quando esta sugere como necessário um amadurecimento via reflexão das memórias em possível conexão com o que virá. Torna-se então possível juntar os tempos nessa proposição. É importante registrar essas narrativas por eles e por nós. Para poetizar a fonte do futuro e reavivar a arte do narrar.

### 1.3 – Tempos

*Eu diria que continuamos a sentir a antiga perplexidade, a mesma que sentiu mortalmente Heráclito naquele exemplo a que sempre volto: ninguém se banha duas vezes nas mesmas águas dum rio. Qual a razão para isso? Em primeiro lugar, porque as águas do rio fluem. Em segundo lugar – e isto é uma coisa que nos toca metafisicamente, que provoca em nós como que um princípio de terror sagrado -, porque nós mesmos somos também um rio, somos também flutuantes.*  
*Jorge Luis Borges*

Procedemos, agora, a repassar alguns aportes centrais sobre memória para nos situarmos conceitualmente perante as narrativas de nossos casais. *Matéria e Memória* (1896), de Henri Bergson, é até hoje a referência bibliográfica obrigatória quando se quer pensar alguma questão sobre o fenômeno mnésico. Mais de um século depois da sua publicação, recorreremos a esta obra, pois é por meio dela que podemos “repensar os liames sutis que unem uma lembrança à consciência atual e, por extensão, a lembrança ao corpo de ideias e representações que se chama, hoje corretamente, ‘ideologia’” (Bosi, 2012, p. 44).

Começamos fazendo um breve esclarecimento da noção de tempo para esta teoria. A realidade, para Bergson (2006, p. 22), é um ininterrupto devir. Haveria uma continuidade entre o passado, o presente e o futuro. O tempo, para o autor, é o que permite o transcurso das coisas. A consciência é o sentido desta duração e a memória é seu registro.

A memória, para Bergson (2006), é uma forma de processar a realidade, de conhecer subjetivamente o universo. Enquanto fonte de informação, ela opera comunicando ao sistema perceptivo uma forma de organizar sua experiência e, como medida de registro do tempo, ela gera uma construção contínua de uma vida.

A percepção age no presente corporal contínuo, onde são organizados os dados da experiência. Estes se nutrem de lembranças, proporcionadas pela memória. A percepção, assim, escolhe objetos da realidade que lhe interessam, matérias que, ao serem selecionadas para serem percebidas, se confundem com a própria percepção. Não há, porém, uma diferença de natureza entre a percepção da matéria e a própria matéria e, sim, uma diferença de grau.

O corpo, imagem entre outras imagens, é incapaz por ele mesmo de representar. “É a memória que faz que o corpo seja coisa distinta de uma instantaneidade e que lhe dá uma duração no tempo” (Deleuze, 2012, p. 20). É por meio da afetividade, envolvida nos processos mnêmicos, que ele ganha volume no espaço.

Haveria, segundo o autor (Bergson, 2006), dois tipos de memória intervindo na percepção: a memória-hábito, onde o corpo se manifesta com seus gestos de adestramento cultural; e a memória-pura, onde se registraria representacionalmente todos os eventos da nossa vida. Da mesma forma em que nos desafia a pensar “uma percepção idêntica a toda matéria” (Deleuze, 2012, p. 22), nos instiga a imaginar “uma memória idêntica a toda a totalidade do passado” (Deleuze, 2012, p. 22).

Enquanto a memória-hábito é caracterizada pela ação e pela repetição e sua direção é o futuro, a memória-pura imagina e representa voltada para o passado. Entre estes dois sentidos, eis o corpo, limite movente entre os dois tempos. É como se uma “memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e viver” (Bergson, 2006, p. 90). Em Bergson, há movimentos divergentes que devem ser entendidos em função de uma convergência posterior. Nada se separa definitivamente.

A consciência perceptiva requer um discernimento seletivo para designar as imagens memoráveis. Bergson (2006), neste ponto, se pergunta por que algumas imagens são escolhidas para fazer parte da própria percepção. O autor ensaia uma resposta ao nos lembrar que nossos sentidos têm necessidade de educação: “Perceber conscientemente significa escolher, e a consciência consiste antes de tudo nesse discernimento prático” (Bergson, 2006, p. 48), que é orientado, agregamos, pelos sistemas simbólicos que compõem a memória, como, no caso, entendemos o amor inserido numa ideologia. Diz Bergson (2006):

As percepções diversas do mesmo objeto que oferecem meus diversos sentidos não reconstituirão portanto, ao se reunirem, a imagem completa do objeto; permanecerão separadas uma das outras por intervalos que medem, de certo modo, muitos vazios em minhas necessidades: é para preencher tais intervalos que uma educação dos sentidos é necessária. Essa educação tem por finalidade harmonizar meus sentidos entre si, restabelecer entre seus dados uma continuidade que foi rompida pela própria descontinuidade das necessidades de meu corpo, enfim reconstruir aproximadamente a totalidade do objeto material (p. 49).

Percepção e lembrança, na teoria bergsoniana, se interpenetram constantemente:

Não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazer à memória antigas imagens (BERGSON, 2006, p. 30).



Entende-se essa agência do passado sobre presente e futuro quando pensamos na continuidade com a qual é pensada o tempo em geral.

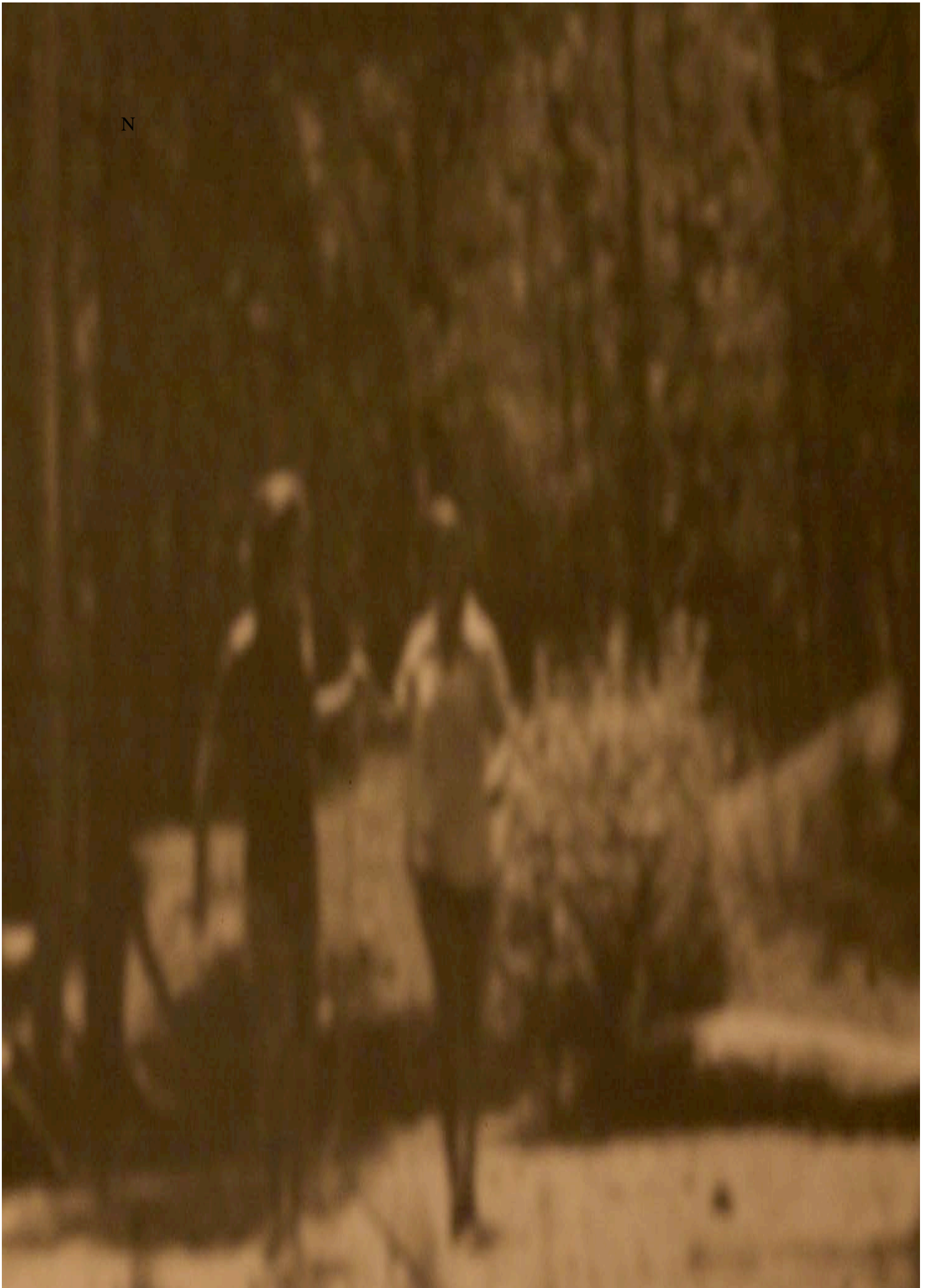
A memória, mais especificamente o que Bergson (2006) chama de memória verdadeira ou pura, em oposição ao hábito, seria a que nos proporciona essa sensação de continuidade, alinhando “uns após outros todos os nossos estados à medida que eles se produzem, dando a cada fato seu lugar e conseqüentemente marcando-lhe a data” (Bergson, 2006, p. 177). Essa ininterrupta ilusão de duração é cortada transversalmente pelo corpo que “sempre orientado para a ação, tem por função essencial limitar [...] a vida do espírito” (Bergson, 2006, p. 209). Ele é apenas um instrumento de seleção das representações que emergem da memória pura. “A educação dos sentidos consiste precisamente no conjunto das conexões estabelecidas entre a impressão sensorial e o movimento que a utiliza. À medida que a impressão se repete, a conexão se consolida” (Bergson, 2006, p. 105).

Na educação da percepção se manifesta a memória como tutora sentimental, como organizadora tendenciosa dos acontecimentos do presente. Nesta imagem, acreditamos que os sistemas simbólicos que se articulam na ideologia, assim como numa relação de casal, participam do processo educativo da percepção. Com estas noções básicas analisaremos, em seguida, a conformação desses filtros de organização das lembranças e, portanto, da percepção, podendo aglutiná-los no que chamamos nesta dissertação de “ontologia de esquerdas”.

## **Capítulo II**

### **Ontologia de esquerdas: compósitos ocidentais**

N



Nomeamos este capítulo como “Ontologia de esquerdas: compósitos ocidentais”, pois é com essa denominação que nos aproximamos do que Dodora chama de “visão de mundo” particular a esses casais. Deixamos de lado o sentido metafísico profundo que tem caracterizado o uso da palavra “ontologia” por algumas perspectivas antropológicas contemporâneas para utilizá-lo aqui apenas como referência ao universo que se constitui a partir das perspectivas e visões-de-mundo que entrelaçam ideologia, amor e memórias. Não se trata de um universo à parte, mas sim de um universo característico, traduzível e exclusivamente vivenciável pelos seus protagonistas.

A denominação escolhida implica, portanto, uma perspectiva abrangente pela qual se enxergam as relações com o mundo. Ambos os casais encontram na denominação “esquerdista” (independentemente das divergências e peculiaridades dos Partidos Políticos e dos contextos geográficos de cada um) uma vertente de sentido para entender as suas experiências vitais. Porém, propomos nos aprofundar no conteúdo destes filtros de interpretação da realidade que se apresentam nas narrativas de suas lembranças e que conformam o que denominamos de “ontologia de esquerdas”.

Tentaremos também, ao longo deste capítulo, relativizar a noção de indivíduo como entidade transcendente da tradição ocidental por meio da aproximação da imagem do “compósito”, que, ao descrever uma composição de pessoa plural, nos permite pensar com maior comodidade as subjetividades expostas por meio das memórias dos casais.

## 2.1 – Começando a se conhecer

### Aproximações entre a ideologia e o amor

A ideia da origem, que assombra sempre a escrita sobre a memória, surgiu nos casais quase de maneira espontânea. Houve o consenso de começar narrando as coisas a partir de quando eles se conheceram, mesmo que depois recorrêssemos a extratos cronologicamente anteriores. O certo é que foi reconhecido esse nó para empurrar as falas. Sempre tem-se que começar por algum lugar.

Com um riso tatuado, essas narrativas foram sendo construídas a três vozes. Não menos afetuosos que conflitivos, os relatos nos introduziram às memórias que nos fizeram pensar na necessidade de entender o conteúdo de filtros comuns de percepção que, no caso deles, interpretam as lembranças.



Foto N° 5 – A origem.

#### **Florença**

Não temos um roteiro... vocês podem começar devaneando sobre o que vocês quiserem...

#### **Dodora**

De forma sucinta, de preferência.

#### **Marco**

Nos conhecemos... Eu acho que vou contar essa história!

**D o d o r a**

Vou sair da sala... Ele já contou esse caso. O que é importante mesmo é pegar o substantivo da coisa. A substância! A gente se conheceu porque trabalhou na mesma empresa. A gente trabalhou numa mesma empresa de engenharia lá em Teófilo Otoni.

**M a r c o**

Não, não foi por isso não!

**D o d o r a**

Então conte a sua versão!

**M a r c o**

Você conhece Macondo? Claro que você conhece Macondo! Algumas coisas só acontecem na minha terra e em Macondo. Quando a Dodora chegou em Teófilo Otoni, no dia em que chegou... Foram há quantos anos atrás? De 66 para cá? 48 anos. Quando ela chegou lá, há 48 anos atrás, eu tinha acabado de chegar do Acre, tinha morado no estado do Acre durante algum tempo, e fui a Teófilo Otoni “lamber as feridas”. Porque na realidade fui expulso do Acre como *persona* não grata. E, em Teófilo Otoni, uns amigos que trabalhavam em uma firma... Um dos donos da firma era amigo meu também... Me chamaram para trabalhar lá... Eu não ia ficar lá... Ia ficar uns três meses apenas, ganhar um dinheiro e depois ir embora. Aí, um belo dia, eu estava já há uns dois meses nessa firma, eram sete e meia da manhã, na minha sala... era uma das primeiras... Eu estava sentado na minha mesa e aparece uma magrela... Lembra como você era magrela?

**D o d o r a**

Já fui magra! Bons tempos aqueles!

**M a r c o**

Com uma calça marrom pega-frango... Que vinha assim no meio da canela... E tinha uma aberturazinha cá em baixo. E uma blusa creme, com uma gola assim meio grande e sem manga. Usava um cabelinho assim meio *chanel*. Ela é negra, mas tinha o cabelo esticadinho, usava o cabelo lisinho naquela época. E com a mochilinha nas costas... Redonda! Sabe aquela mochilinha sem alça, só com um barbante? Que você puxa assim e fecha a boca? Pois é... Era aquela mochila que ela tava nas costas! E chegou e me

perguntou: “Aqui é a firma do Alexandre?”. Que é um dos donos da firma... E eu olhei assim pra magrela, já preocupadíssimo e pensei: “Estou lascado! Casei!”. Eu não tinha a menor intenção de casar...

Aí ficamos sem conversar uns dias e tal... Fomos nos encontrar... Encontramos umas duas vezes na firma... E eu viajei logo em seguida... e quando voltei, uma amiga nossa pediu para que eu a levasse a uma festa de aniversário. Na festa não dançamos. Ficamos meio afastados. Só que quando estávamos indo para casa... Teófilo Otoni é uma cidade muito pequena, naquela época bem menor... a turma toda andando (porque lá é muito pequeno e todo mundo anda para todo lado)... quando passamos debaixo da marquise do Automóvel Clube, o Alexandre virou e falou: “Olha, hoje tem hora dançante no Automóvel Clube, vamos dançar!”. Aí subimos para dançar! Chegou lá em cima, cada um “tirou” a sua namorada, sua esposa, sua... saíram dançando, eu fiquei com a Dodora... Perguntei para ela se queria dançar comigo, ela disse: “Quero!”. Nos enlaçamos... Parece até novela mexicana... (Risos). Nós demos dois passos e eu perguntei se ela queria se casar comigo! E a doida falou que queria! Só pode ser doida, né?

### **D o d o r a**

E aí? A pergunta foi: “Como nos conhecemos?”. Nós nos conhecemos porque trabalhávamos no mesmo lugar!

### **M a r c o**

Não, eu já trabalhava lá! Eu trabalhava lá primeiro!

### **F l o r e n c i a**

E como você teve essa intuição?

### **M a r c o**

Isso é importante! Veja bem! Eu tinha duas namoradas... nesse dia. E não me passava na cabeça essa ideia de casamento... De uma coisa mais séria... Mas quando eu vi a Dodora... Eu não sei realmente... Não posso explicar... Simplesmente eu olhei, e falei: “Eu vou casar com essa mulher!”. Aliás, naquele tempo não se falava mulher, se falava moça! Com essa magrela! (Risos).

### **D o d o r a**

Quando eu vi o Marco, eu não imaginei que fosse casar com ele. Nunca! Jamais! Mas... à medida em que a gente foi trabalhando... A minha referência era o escritório. Na medida em que a gente foi, assim... Eu fui sacando o Marco, eu achava ele muito bonito, charmoso, bacana! Ele era de um físico belíssimo! Uma altura... Me agradou, sabe, assim... Me agradou muito! Porque se não tivesse me agradado muito, eu não teria dito que me casaria com ele na primeira pergunta que ele fez. Eu achei muito interessante a figura!

E teve uma coisa que foi decisiva, que tem a ver com o assunto aqui! A gente tinha uma afinidade... A gente trabalhava e convivia com pessoas que tinham pensamentos muito próximos... Então, eu acho que a questão ideológica pesou.

Você já tinha uma militância junto à Ação Popular, né?!... Ou à Ação Católica?

### **M a r c o**

Já era Ação Popular! Quando eu fui pro Norte, pro Acre, eu já tinha uma militância política.

...



Foto Nº 6 – Como se conheceram?

Como sempre, na cozinha da casa de Pedro e Antonia, fui eu quem soltou a proposta na forma da pergunta:



**Florença**

Como se conheceram?

**Antônia**

Bem, obviamente, na militância. Nos conhecemos no ano de 1971, ano em que se formou a Frente Amplio. O dia 26 de março foi o ato inaugural e nós começamos a militar um pouco depois, no que passou a se chamar naquele momento a Brigada Liber Arce. Era uma brigada de propaganda para trabalhar justamente a campanha eleitoral do Frente Amplio. Nessa brigada nós entramos, cada um por seu lado, sem se conhecer. Um dia, o companheiro que a dirigia disse: “Vamos jogar panfletos no Estádio”. Logo reuniu as brigadas e ordenou: “Pedro e Antônia juntos”. A gente se olhou firmemente... E nesse dia eu não fui ao encontro! O primeiro problema. Eu militava também no Centro de Estudantes do Instituto de Professores “Artigas” (CEIPA) e ocorriam situações muito delicadas. No CEIPA deu-se uma discussão que não me permitiu chegar a tempo ao Estádio, apesar de que era muito importante. Calculo que a discussão era também muito importante, me lembro bem... era com outros setores da esquerda dentro do grêmio do Instituto de Professores. Bom, esse dia não fui. Depois veio a manifestação... vínhamos da faculdade, não é?

**Pedro**

Não. Bom, enfim, ela não foi e eu tive que ir com outra que não gostava. Em poucos dias aconteceria o lançamento dos candidatos do Frente de Esquerda de Liberação, FIDEL, e eu ia numa manifestação da faculdade até a rua 18 de julho, onde era a concentração. Quando passei pelo local onde ela podia estar, subi as escadas, corri e ela estava lá. Fiquei com ela e, então, fomos juntos à concentração. Essa foi a primeira vez que caminhamos juntos.

**Antônia**

Exatamente. Caminhamos juntos.

**Pedro**

Mas ela, que diz que nem reparou em mim, depois, quando a gente se separou no ato, mostrou-me de longe à sua mãe. Diz que a minha sogra comentou: “Tem cabeça de Pedro”. Porque meu sogro se chamava Pedro.

## Antonia

Claro, aí estava o problema! O tema! (Risos). Aí estava O tema. Nós, no IPA<sup>4</sup>, éramos muitas mulheres e poucos homens. O ano de 1971 (agora me lembro de tudo como num mesmo pacote) foi por nós nomeado como “o ano do esforço decisivo”, pois tínhamos que encontrar um namorado. Não era uma questão tão idílica. Não sabíamos quem, nem como, mas tínhamos que fazer o esforço. Tínhamos 22 anos e tínhamos que conseguir namorado, isso era óbvio. Não se podia estender muito mais: 21, 22 e ponto. Outras escaramuças houveram, outras paixões quiçá também. Tínhamos que con-cre-ti-zar. Essa era a ideia.

•••

Quando tentamos nos situar nessas memórias (e sua montagem é feita dessa maneira), insinuamos a complexa relação entre ideologia e afetividade ou, no limite, reconhecemos que algumas histórias podem ter essas duas coordenadas como estruturais e vinculantes. Ao pensarmos a ideologia, deparamo-nos com o risco de pensar os fenômenos que dela se desprendem desde uma ótica meramente institucionalizada. Essa imagem rapidamente nos leva a discorrer sobre um sujeito que pensa como um funcionário, um burocrata, perdendo a força e a beleza da sua agência e da sua subjetividade.

Clifford Geertz propõe no texto “A ideologia como Sistema Cultural”, compilado em sua obra *Interpretação das Culturas* (1989), analisar alguns sistemas de significação que se articulam entre si formando sistemas culturais particulares. Um dentre tais sistemas de significação é o ideológico<sup>5</sup>.

Segundo o autor, este sistema de significação funciona pela congruência que é produzida entre a visão de mundo e o *ethos*, entre o mundo das crenças e das práticas, entre a dimensão ideal e a afetiva. Neste ponto, lembramos o papel harmonizador que atribui Bergson (2006) à educação dos sentidos, ao tentar mitigar uma ruptura original imposta pelo corpo com a própria realidade. Colocamos estas ideias em sintonia, pois parece existir em ambas as leituras uma intolerância do homem perante o sem sentido, diante do que Geertz (2005) denomina como o caos que ameaça, com suas contradições lógicas, físicas e morais, o entendimento da experiência vivida. É por este motivo que os símbolos

<sup>4</sup> Instituto de Professores “Artigas”.

<sup>5</sup> Sabemos que há várias definições e sentidos dados de forma diversa, seja por cientistas sociais seja por filósofos, a este conceito. Preferimos aqui nos ater à noção de ideologia no sentido Geertziano, pois, por ser mais abrangente, nos permite dialogar com a teoria Bergsoniana da percepção.

ideológicos são entendidos como eficazes, pois eles dão sentido e coerência básica entre um determinado estilo de vida e uma metafísica específica (Geertz, 2005, p. 89).

Seguindo esta interpretação, os sistemas de símbolos são fontes extrínsecas de informação (Geertz, 2005, p. 91) que, ao fazerem uso dos diversos recursos estilísticos das figuras da linguagem – no caso da ideologia: metonímia, hipérbole, meiose, sinédoque, oxímoro, personificação etc. (Geertz, 2005, p. 186) –, geram sentido, organizando eficazmente a experiência. Esta eficácia se deve, em parte, a uma prévia autoridade que é reconhecida nos símbolos. Como o autor expressa (e como cremos poder alargar para o sistema simbólico ideológico): “El axioma fundamental que está en la base de lo que acaso pudiéramos llamar ‘la perspectiva religiosa’ es en todas partes el mismo: quien quiere saber, debe primero creer” (Geertz, 2005, p. 105).

Para um olhar antropológico e contemporâneo, são evidentes dois elementos que colocamos aqui como apêndices sublinhados a esta interpretação extensa de ideologia. Primeiro: a relação entre esse sistema simbólico de referência e a sua prática sofre mudanças ao longo do tempo, pois o indivíduo que a exprime se metamorfoseia reinterpretando-a e modificando-a. Daqui se desdobra nossa segunda questão, que é a conflitividade inerente a qualquer relação sógnica. Podemos dizer, ainda neste sentido, que a antropologia tem colaborado bastante para o entendimento das relações entre símbolos, antes como geradoras de diferença do que como padronizadoras de consenso. Como diz Marilyn Strathern (2009):

é necessário [...] livrar-se inteiramente do modelo de um “modelo” que assume a representação simbólica como uma reflexão ordenada. Apreende-se melhor a elaboração de domínios como uma atividade, a criação/implementação da diferença como um ato social (p. 156).

Conflitiva, descontínua, diferenciante e criativa, essa é a forma pela qual entendemos como são vividos os sistemas simbólicos ideológicos que guiam as memórias destes casais. No entanto, acreditamos que esta convicção não invalida pensar em algumas imagens históricas mais abrangentes e comuns às experiências desses casais. Reconhecendo as suas particularidades, inconstâncias e desordens, cremos, então, poder discorrer sobre a memória da relação erótico-afetiva como um fenômeno afetado pelo sistema simbólico ideológico, que informa, em termos de crenças e práticas, modos de compreender e experimentar a vivência amorosa, mesmo que esta, no fim das contas, escape à mera adaptação a essa referência simbólica.



Foto N° 7 – Paquera.



Foto N° 8 – Cúmplices.

Em um breve artigo introdutório à temática do amor, intitulado “On Love” (1996), Alfred Gell nos faz pensar neste fenômeno como outra forma de conhecimento que visa à obtenção, distribuição e transformação de informação de eminente valor social. Haveria uma distribuição social de conhecimento particular a cada sociedade, onde o amor viria a fazer conexões informacionais. No caso das sociedades modernas, ele define o efeito do amor como o de reproduzir ficcionalmente um tipo de afinidades pré-estruturado. Aqui podemos pensar o sistema simbólico ideológico como um primeiro corte estruturante

dessas afinidades e, ao mesmo tempo, como um produtor de modelos ficcionais com os quais a experiência da vida social real vai dialogar.

A experiência amorosa, para o autor, se constitui basicamente por meio de um duplo processo de exposição e ocultamento de informações. Exposição em um nível privado, revelando-se perante a contraparte amada; e ocultamento num nível público, escondendo do resto da sociedade a intimidade agora compartilhada. Gell (1996) sugere como tese, baseada em vários exemplos etnográficos, que há algo intrinsecamente erótico na troca de informações que ocorre entre pessoas selecionadas, à margem do resto da sociedade. Perguntamo-nos se acaso não é esse tipo de troca que caracteriza o compartilhamento das memórias de uma ideologia em comum.

### **F l o r e n c i a**

A identificação ideológica era indispensável para encontrar um namorado? O pretendente tinha que ser “companheiro”?

### **A n t o n i a**

Sim, era o mais provável.

### **P e d r o**

Não era uma regra a cumprir nem uma aspiração. Mas a busca era dentro dos âmbitos em que a gente se movia. Então, podia ser do grupo político, do grêmio ou do centro de estudantes com o qual havia alguma relação. Podia ser do bairro também, como Benjamín. Ou como o Tato, que conseguiu sua namorada em Durazno<sup>6</sup>, porque ele era de lá. Não havia porque casar-se entre judeus. Mas uma possibilidade muito grande era que a escolha fosse dentro do âmbito de atividades cotidianas.

### **A n t o n i a**

As afinidades estavam sempre por aí. Tudo subentendia que estávamos formando parte de uma brigada, que nos diziam que era maravilhosa, que era uma instância particular dentro da juventude, que era muito abnegada e que tínhamos que estar sempre preparados.

---

<sup>6</sup> O Uruguai tem 19 departamentos, entre os quais Durazno, que seriam análogos à concepção de estados no Brasil.

### **P e d r o**

Era como uma brigada de eleitos. De gente que se destacava em seus lugares e, enfim, essa brigada foi o que costurou nossos encontros, pois a gente se via a cada vez que a brigada propunha uma atividade.

...

### **D o d o r a**

Eu já tinha uma proximidade política, mas não tinha uma militância. Mas para mim era importante conviver com pessoas... A ideologia, a visão de mundo das pessoas com quem eu convivo é muito importante pra mim, sabe... É muito complicado conviver numa boa com pessoas que têm uma visão de mundo muito diferente, muito díspar da que a gente tem. Então, isso foi, pra mim, importante. Em relação ao Marco, não foram as suas roupas! (Risos).

...

Analisemos, então, alguns destes modelos ficcionais de amor, transversalizados pela ideologia e que, simultaneamente, nos colocam o desafio de pensar uma experiência de relação social que não necessariamente se encaixa no modelo descrito para o ocidente.

### **F l o r e n c i a**

Como foi esse começo juntos? Nesses tempos, quando a vida política exigia tanto...

### **P e d r o**

Estávamos tão absorvidos pela militância... eu já pensei nisto muitas vezes... A gente, em épocas de guerra, não pensa da mesma forma. A mentalidade muda. A gente se encontrava muito pouco. Horas roubadas pela militância. Terminávamos às onze e meia da noite de militar e, às vezes, eu ia ao IPA<sup>7</sup>, onde ela estudava, para esperá-la e acompanhá-la no ônibus até Piedras Blancas<sup>8</sup>. Ou a levava no carro dos meus pais. Combinávamos de nos ver no outro dia ou dois dias depois. Não era um namoro com horas para ir ao cinema, para sair passeando pelo calçadão... Nada disso, eram minutos roubados por aquilo que nos absorvia totalmente. E não nos parecia estranho. Às vezes, havia alguma festa de algum círculo – assim se chamavam as agrupações onde militávamos –, e a gente ia à festa do

<sup>7</sup> Instituto de Professores “Artigas”, centro de formação docente para educação secundária.

<sup>8</sup> Bairro do nordeste de Montevideu, capital do Uruguai, localidade onde Antônia morava.

círculo do outro... havia alguma noite para comer uma pizza, tomar coca-cola, cervejas, sei lá... Também não se tomava tanto álcool como agora.

**Antonia**

Não! Nada! Nada disso! Bom, a gente não dançava. Pedro não *bailava*. E eu já tinha dançado nas minhas épocas de quinze anos... mas a época que corresponderia a sair juntos, a *bailar*, não existiu.

**Pedro**

A gente não planificava a vida. Não tinha nem tempo para isso.

**Antonia**

Mesmo assim, Pedro levava sempre adiante as coisas, sempre ia adiante com a mente. Mas eu? Sempre no presente. Era terrível.

**Pedro**

Decidimos nos casar no ano de 1973. Eu tinha 22 anos, 23, naquele tempo uma idade comum para se casar.

**Florencia**

Por que quiseram se casar?

**Pedro**

Era costume, para viver juntos, a gente tinha que se casar.

**Antonia**

Ninguém se opunha, “e não há oposição” – como diz a canção...

**Pedro**

Do meu círculo, é inacreditável, mas até hoje continuam os mesmos casais.

**Antonia**

Nem todos Pedro!

**P e d r o**

Nem todos, mas muitíssimos. Benjamín, o Tato, o Lupa.

**A n t o n i a**

O Sancho, que não era da juventude comunista, mas era como se fosse.

**P e d r o**

Nos casávamos nessa idade. Você me pergunta “por quê?” e eu não sei. Nunca paramos para meditar. Havia outros casados e a gente assim fazia.

**A n t o n i a**

Era como uma forma de estabelecer as coisas mínimas, viver juntos, talvez até pelos presentes. Não sei.

**P e d r o**

E quando a gente podia ter se casado? No dia 7 de novembro, aniversário da Revolução Russa. Foi por acaso, mas sintomático!

**A n t o n i a**

Muito engraçado.

...

**F l o r e n c i a**

Por um lado, construir uma relação amorosa de forma permanente, constituir um lar, filhos, um cotidiano, enfim... Parece que... isso tem UM sentido. E a militância, o engajamento político, a tremenda exposição, a absoluta entrega, parece ter OUTRO sentido. Então, me pergunto como foram conciliadas essas duas direções na relação de vocês?

**M a r c o**

Nós militamos juntos. Com oito meses de gravidez, em plena Ditadura do nosso “melhor ditador”, o Médici, estava nas ruas em Cuiabá, de madrugada, escrevendo “Abaixo a Ditadura” nas paredes... Ela estava lá, engajada politicamente. Só não estava na guerrilha, porque estava com um filho de 28 dias, de um mês.



**D o d o r a**

Mas eu acho que mesmo assim (se não estivesse com filho recém-nascido), eu não teria ido. Eu não teria coragem, não teria essa... Na hora que pinta filho na vida da gente, principalmente da mulher, muda tudo. Algumas dão conta. Eu conheci uma, a Anete Scotch, que levou os filhos de 4 e de 5 para a guerrilha. Eles se tornaram pessoas excelentes e continuam militando. Eles têm uma atuação política! Quer dizer, não ficaram revoltados, porque costuma o filho ficar revoltado e nunca mais procurar saber daquilo. Eu também não conheço tanta gente que foi pra... Nunca ouvi falar de muita mulher que levou os filhos... Então, eu não levaria, não. A gente teve a militância nesse período. Depois, eu fiquei aqui com os meninos e o Marco lá. Mas a gente sabia um do outro, nunca isso foi impedimento ou motivo pra gente se separar.

**M a r c o**

A gente ficou um ano sem se comunicar.

**D o d o r a**

Mas eu ficava aqui na boa. Trabalhava feito uma louca. Arranjei um emprego MUITO bom, ganhava uma “nota preta” (muito dinheiro) e tinha contatos com o pessoal da Ação Popular. Tudo absolutamente clandestino.

...



Foto N° 9 – Dodora.

Acreditamos que na interseção da ideologia com o amor, erige-se um espaço para pensar outras imagens do indivíduo, para além das arquetípicas da tradição cultural ocidental.

Creemos que estes casais representam modos alternativos a esses modelos ficcionais modernos, pois, por meio das suas memórias, se evidenciam rastros de particulares subjetividades que talvez ajudem a relativizar o próprio modelo dessa suposta tradição.

Em seu ensaio intitulado “Romeu e Julieta e a Origem do Estado” (1977), Eduardo Viveiros de Castro descreve brilhantemente o que chama de mito de origem do modelo de amor moderno, que sustentaria a visão de mundo onde o indivíduo é liberto dos laços sociais para substituí-los por laços interindividuais (Viveiros de Castro, 1977, p. 131). Por meio da análise estrutural da obra literária de Shakespeare, o autor descobre como se funda um conjunto de representações que definem o amor na tradição ocidental moderna, o que tem como desdobramento uma associação entre amor e poder, que leva a pensar na concepção original do Estado Moderno.

Romeu e Julieta tornam-se símbolos do indivíduo (Viveiros de Castro, 1977, p. 144), portanto, sujeitos transcendentais, ao substituir as relações de alianças sociais por relações psicológicas interindividuais. O indivíduo passa a ter autonomia no domínio afetivo, colocando a potência no poder de escolha do “eu” individual perante o “eu” social. O amor é identificado com o destino cosmológico, ao qual responde esse “livre” arbítrio que

contraria os interesses dos grandes setores da sociedade. Ao questionarem e se livrarem dos seus sobrenomes, os nossos protagonistas se auto-excluem das redes de relações sociais, nas quais são meros instrumentos, para se colocarem num novo mundo como sujeitos (Viveiros de Castro, 1977, p. 152). Este movimento lhes consagra como indivíduos, portanto, singularidades idiossincráticas, e não como membros de uma espécie (Viveiros de Castro, 1977, p. 155). Indivíduos particulares possuidores de personalidades, e não mais pessoas como entidades jurais, individuais ou sociais (Viveiros de Castro, 1977, p. 165).

Ao contrário do amor retratado em “Romeo e Julieta”, caracterizado “como uma relação entre indivíduos, no sentido de seres despidos de qualquer referência ao mundo social” (Viveiros de Castro, 1977, p. 131), em Antonia-Pedro e Dora-Marco percebemos diferenças substanciais, que acreditamos estarem vinculadas à mediação ideológica no amor. O rigor das críticas às relações amorosas do tipo descrito por Viveiros de Castro por parte do materialismo histórico, postura filosófica que permeia ambos os trajetos ideológicos dos casais, denunciava a futilidade e ingenuidade da entrega sem consciência social:

Mais amor! – sim, com Feuerbach o amor está em toda parte e é sempre o maravilhoso deus trabalhador que nos ajuda a superar todas as dificuldades da vida prática – e isso numa sociedade dividida em classes, com interesses diametralmente opostos. Nesse ponto, os últimos vestígios de seu caráter revolucionário desaparecem da filosofia, deixando apenas a velha canção: Amai-vos uns aos outros; caiam nos braços uns dos outros, independente de sexo ou propriedade – uma orgia universal de reconciliação (ENGELS *apud* Freire, 1999, p. 19).

Na construção amorosa-afetiva, via ideologia de esquerda, é necessária uma dimensão social que se integra na experiência íntima do casal e que, ao mesmo tempo em que os insere no mundo, funda a relação como um enclave de resistência. A vida privada é perpassada pelas dores do mundo. Nada do humano lhes é alheio. Diferentemente de como é retratado o sujeito amoroso moderno e ocidental, cuja economia psíquica é descrita como narcisista, ao antecipar o seu desejo de preservação identitária a tudo e a todos, parece-nos que, aqui, nossos sujeitos amorosos estão dispostos a incorporar o sofrimento de si e dos outros, em prol de um amor socialmente transcendente. Podemos pensar nesses termos a experiência extática do amor como a sobrevivência conjunta à dor do mundo. A consternação pela desconformidade com a ordem social dada é a força de movimento que lhes faz passar a vida juntos com uma finalidade maior: a de mudar uma divisão cosmológica.

## **P e d r o**

Nós não passávamos nem passamos o dia todo pensando no casal, pensando em como vai me tratar, que vou lhe dizer, o que vai me presentear, como vamos brigar... Estávamos o dia todo pensando em outras coisas mais importantes. Nosso horizonte não era a própria relação de casal.

## **A n t o n i a**

Inclusive, pensando em perspectiva, minha fortaleza como mulher era justamente ter sido militante. Talvez de outra forma não tivesse aguentado. Acredito que os dois, nesse ponto, tínhamos um forte peso comum. [...] Se eu tivesse que apontar o lápis, diria que tenho necessidade de fazer a vida girar em torno de coisas sociais, comunitárias. A casa, o matrimônio, quando significa prisão: NUNCA! Sempre vivi tudo como uma militância. Sempre fiz questão de, alguma forma, militar. [...] Essa construção afetiva, acho que era valorizada também por Pedro. Para ele era significativo. De repente, na vida cotidiana mais fechada, não há nada de significativo. Restam só as piores coisas, as pequenas brigas e teimosias de que as coisas vão aqui e não lá. Um tédio!

...

Há também diferenças entre nossa interpretação e a conceptualização que se faz desde uma perspectiva “holística<sup>9</sup>”, que tenta dar conta de outras subjetividades quase opostas às ocidentais. Referindo-se ao sistema indiano, Louis Dumont (2008) analisa essa perspectiva argumentando que, aqui, o indivíduo<sup>10</sup> (e a relação amorosa) fica subsumido a uma arquitetura cósmico-social que o transcende e determina (Viveiros de Castro, 1977, p. 166). Isso não necessariamente implica tirania, pois a noção de Poder neste sistema é diferente da conceptualização que podemos ter no ocidente. Uma forte ideia que defende Dumont (2000) é justamente a de relativizar a noção de indivíduo enquanto valor. Essa entidade não é natural, e sim *sui generis*, pois depende de uma grande série de fatores históricos particulares. A relação de subsunção, para o sistema indiano, pode ser descrita em termos de homologia (Dumont, 2008, p. 58), pois há dois termos (indivíduo/sociedade),

<sup>9</sup> “Teoria segundo a qual o todo é algo mais do que a soma das partes” (Lalande, A. *apud* Dumont, L., 2000, p. 12).

<sup>10</sup> Sabemos que o sentido desta noção é mais amplo na obra dumontina do que aquele que aqui estamos utilizando. Apenas queremos ilustrar como nossos casais geram dobras nos modelos teóricos, ao anteciparem suas próprias experiências, que exigem novas imagens para pensá-las.

um englobante e o outro englobado. Esta relação não é excludente, como no caso do individualismo ocidental, e sim vinculante. Há uma totalidade que integra as partes.

Em relação a estes modelos ideais, os casais de nossa dissertação nem se desvinculam inteiramente da “sociedade”, ao priorizarem exclusivamente seus interesses, como Romeu e Julieta, nem reproduzem a ordem cosmológica dada, como em um sistema indiano ideal, pois a chave de sentido da experiência amorosa destes casais atravessa a possibilidade de intervir e alterar essa ordem.

Ao explorar as associações entre a ideologia e o amor, descobrimos o risco de se cair em teorias psicológicas deterministas, que expliquem a organização estrita das emoções por meio dos mandatos ideológicos. Assim operavam as antigas abordagens antropológicas sobre as emoções, que viam a cultura como a rigorosa padronizadora das relações emocionais. Aqui, estamos interessados em apontar meramente as relações de recíproca afetação que podem emergir desse diálogo entre ideologia e amor, sem pretender indicar uma matriz originária da influência. Sempre sublinhando, também, as agências dos sujeitos que exprimem a poética surpreendente da vida em suas singularidades, gerando fissuras nos modelos ideais.

Para nos aproximarmos das implicâncias afetivas da filiação ideológica, recorreremos à teoria nativa. Aparece na fala de Pedro uma imagem reeditada, como numa série de retratos costurados em um poema de Carlos Liscano – escritor uruguaio de esquerda, preso e exilado –, uma perfeita teoria de si.

## **P e d r o**

*Antes dos trinta, no poder ou mortos.  
Éramos jovens, éramos muitos,  
e havíamos entrado na vida  
Somente para mudar o mundo.  
A vida se passou, e nada foi como dizíamos.  
Foi o cárcere, foi a tortura,  
Foram os milhares de mortos.  
Ainda assim, quando nos encontramos,  
A lembrança da ilusão de meninos  
enche ainda o coração,  
que animou-se um dia a acreditar tanto.  
Então sinto que se houve outro modo possível  
Para mim não o queria.  
Porque,  
E desculpem por acreditar,  
lhe devo àquela ilusão a alegria  
de ter conhecido alguns dos melhores.*

As lembranças podem ter mudado. Devem ter mudado, necessariamente, com o tempo. A leitura que fazemos delas cada vez que as trazemos à superfície muda um pouco. Eu queria comentar que há muito tempo li, e que gosto muito, de um poema de Carlos Liscano, que começa assim: “aos trinta, no poder ou mortos, éramos jovens, éramos muitos, e havíamos vindo ao mundo somente para muda-lo” É brutal! Ele ficou 13 anos na cadeia. Você se dá conta? A gente, aos 30 anos, se via no poder ou mortos! Éramos jovens e éramos muitos! Para além da desgraça, que beleza! Imagine se hoje, os jovens, ao invés de ficarem à toa, fossem muitos e bem jovens e estivessem seguros de mudar o mundo. A crueldade, por alguma razão, tem seu valor no universo. Eu penso como, às vezes, a violência e as guerras também têm seu valor. Porque eu não posso dizer que não tenhamos sido felizes naquele drama. Tínhamos um objetivo imenso. Nós não tínhamos tempo de pensar, de nos preocupar, não tínhamos tempo para nada mais além de militar e de querer mudar o mundo.



Foto N° 10 – Dodora e Marco.



Foto N° 11 – Pedro e Antonia.

Talvez o amor tenha finalmente uma potência transformadora da ordem cosmológica (como é descrito no texto de Viveiros de Castro). Seja encarnado e vivenciado por relações entre sujeitos *inner-self* ou por sujeitos cuja composição pretende integrar um social externo, o amor se apresenta como uma força transsubstanciadora. Revolucionária.

Para construir um lugar de compreensão subjacente ao mundo histórico, esse bloco autônomo e impessoal que nos narra a forçosa sequência de nosso devir, devemos evocar estes fluxos anacrônicos de imagens que se conectam. Uma juventude que se mostra imponente e inevitável. Uma relação amorosa que se erige como salvaguarda da potência de um mundo melhor. Uma realidade que os instiga a sair de si para transformá-la. Indivíduos que representam milhares. Um punhado de jovens que, sempre prestes a entregarem sua vida em prol das suas ideias, escrevem-se como exemplos de uma subjetividade representativa de modos específicos de acreditar no mundo e nas relações humanas.

Propomos, a seguir, uma ossatura de imagens que, para além das idiossincrasias políticas particulares e dos diferentes contextos culturais, estendam uma ponte para pensar subjetividades comuns nas suas diferenças. Refletiremos sobre alguns traços dos componentes históricos, morais, metafísicos e psicológicos, nos quais a ideologia intervém na construção de pessoas.

## 2.2 – Mundo moderno

*Tudo o que é solido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profano, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens (Karl Marx).*

Houve um fluxo histórico que resulta interessante lembrar para entender estas subjetividades. A manifestação do chamado *mundo moderno*.

O chamado *mundo moderno* abriu frentes e possibilidades de pensar, sentir, conviver, crer de uma forma diferente. A multiplicação de ideologias possíveis no campo político, o florescimento de utopias, a noção de justiça no campo social, a invenção do amor romântico e outras formas de se relacionar, a consolidação do homem como definidor de seu destino, para além dos desígnios divinos, foram abrindo o leque de possibilidades de um indivíduo compor a sua pessoa de uma forma mais autônoma. O sonho delirante e fascinante do desenvolvimento tecnológico, a aparição da imprensa e de outras formas do narrar, o jornal, a fotografia e, posteriormente, o cinema, transformaram vertiginosamente as formas de arquivamento e transmissão mnemônica. A memória começa a se reproduzir e encontrar formas de atuar no tempo, outras gavetas que simplesmente aquelas da transmissão oral. Em suma, o amor, a ideologia e a memória, os três elementos sob os quais gravitam a investigação dos personagens desta tese, sofreram uma grande transformação no período histórico que chamamos de moderno.

Marshall Berman, no seu escrito “Tudo que é solido desmancha no ar” (1982), define a modernidade como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje” (Berman, 2013, p. 24). Esta experiência se consolida e se transforma ao longo de cinco séculos, gestando tradições e mitos os quais – alguns deles certamente – se manifestam nos depoimentos dos casais. A ideia que permeia toda a tradição moderna, segundo o autor, é a existência de um movimento dialético que gera contradições e sínteses no pensamento de cada época.

Berman (2013) divide a história da modernidade em três fases: uma primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII; uma segunda fase, que começa com a onda revolucionária de 1790; e uma terceira, representada pelo século XX.



Mas, em que consiste essa matriz moderna e como se conecta à ideologia esquerdista? Para ajudar-nos a responder esta pergunta, evocaremos alguns autores e sentimentos arquetípicos.

Berman (2013) nos fala de um certo turbilhão social, descrito desde cedo por Jean-Jacques Rousseau, que focaliza a truculência da vida metropolitana como resultado de uma vulnerabilidade moral. Gustav Flaubert, literato francês reconhecido como precursor do romance realista e pela sua atenção na descrição do comportamento social, publica, quase um século depois da morte de Rousseau, “A Educação Sentimental” (1869). Esta obra é marcante para Antonia, pois é uma das leituras obrigatórias na formação do professorado de literatura; ela a releu nas suas aulas ditadas durante muitos anos. Em determinadas ocasiões, surgiram trechos da obra para explicar alguma passagem da sua vida. Como “A Nova Heloísa”, de Rousseau, esta peça retrata a mudança operada no jovem burguês Frédéric Moreau, que sai do conforto bucólico do lar no interior da França para estudar na cidade grande. A vida do personagem é completamente afetada pelas circunstâncias históricas que comissionavam a França naquele momento, como expressa a discussão entre os amigos do protagonista nos bares da boemia metropolitana:

Sénechal prosseguia: o operário, dada a insuficiência dos salários, era mais infeliz do que o ilota, o negro ou o pária, sobretudo quando tem filhos.

-Deveria ele asfixiá-los, como lho aconselha não sei que doutor inglês. Discípulo de Malthus?

E, voltando-se para Cisy:

- Teremos que acabar por seguir os conselhos do infame Malthus?

Cisy, que ignorava a infâmia e até a existência de Malthus, respondeu que, todavia, muita miséria era socorrida, e que as classes superiores...

- Ah! As classes superiores! – disse em tom de chacota o socialista. – Em primeiro lugar, não há classes superiores; só o coração da superioridade! Não queremos esmolas, está ouvindo? Mas sim a igualdade, a justa repartição dos produtos (FLAUBERT, 2009, p. 146).

Desde muito cedo, a concepção da modernidade incorporou a noção de luta de interesses e, conseqüentemente, abriu um espaço à reflexão sobre a noção de justiça. A justiça, neste contexto, é considerada como a virtude por excelência, pois é por meio da sua reivindicação que o indivíduo consegue ser livre.

## **D o d o r a**

Deixa eu pensar um pouco... Olha, eu acho que tem uma questão que move a gente muito, que é o desejo de justiça. Eu acho assim. Ontem, a gente até começou a falar um pouquinho sobre isso quando você perguntou sobre a gente ter uma atitude mais humanista, porque

está tentando mudar o mundo, né? Eu acho que a nossa geração, no nosso tempo, tem um pouco da sociedade que rolava na época, né? A gente achava, eu, pelo menos, no meu meio, que foi quando eu comecei a militar, já na escola de arquitetura, que a gente tinha potencial pra mudar o mundo, sabe? A gente queria isso. Aquela geração dos anos 60, que a gente se inseriu, mudou um pouco o modo de agir da juventude. Foi o momento em que as mulheres tiveram um movimento importante no mundo, né? Então a gente achava que tinha força. Eu não sei hoje como o pessoal que está na universidade pensa, como é a cabeça do universitário hoje. Porque eu estou muito afastada da universidade, saí, me formei e não voltei mais. Mas, quando a gente estava na universidade naquela época, o universitário era como uma pessoa assim: “Agora, eu me libertei daquela coisa, da minha casa, da casa matriz, agora, eu já sou gente, sabe? Mudei. Eu já tenho certo poder”.

•••

Karl Marx foi uma das vozes representativas desse modernismo do século XIX, que caracterizou a vida moderna como essencialmente contraditória:

Quanto a nós, não nos deixamos confundir pelo espírito mesquinho que continua a marcar todas essas contradições. Sabemos que para obter um bom resultado [...] as forças de vanguarda da sociedade devem ser governadas pelos homens de vanguarda, e esses são os operários. Eles são uma invenção dos tempos modernos, tanto quanto o próprio maquinário (MARX *apud* Berman, 2013, p. 30).

Diz Berman (2013) que a força do materialismo histórico de Marx está em um senso de totalidade que engloba toda a experiência moderna<sup>11</sup>. Segundo o autor, a modernidade deste pensamento se percebe justamente no estilo totalizante, no sentido desenvolvimentista e, sobretudo, no valor outorgado ao indivíduo como agente de mudança.

O século XX esteve marcado pelo desenvolvimento tecnológico e, com ele, os fanatismos futuristas e os delírios fetichistas que ocultavam processos produtivos miseráveis: “o povo se auto-realiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas” (Marcuse, *apud* Berman, 2013, p. 40). Porém, o espírito contrariado e moderno suspeita de que os homens são mais do que meras máquinas modernas.

---

<sup>11</sup> Lembro-me da nostalgia de meu pai ao falar do materialismo histórico. Ele dizia que o marxismo foi a primeira abordagem não mística da vida que tentava explicar tudo. Dizia que foi uma teoria que fundamentou leis do funcionamento da matéria, trouxe um fio condutor à história, que não existia até esse momento. Dizia, ainda, que o materialismo histórico trouxe unidade conceitual à vida e que, hoje, não existe uma teoria que explique várias dimensões da vida e que, ao mesmo tempo, ofereça um rumo, um caminho.

Ainda segundo Berman (2013), o permanente distúrbio das relações sociais, a incerteza e a agitação social foram os sentimentos característicos da vida moderna.

### **D o d o r a**

Agora, eu acho que tem esse impulso que vem do lugar, do grupo em que a gente se engaja e tem a motivação pessoal, psicológica. Coisas que tem haver com a gente mesmo. Eu acho que tem a ver com essa coisa de você não tolerar a desigualdade, essa coisa errada que acontece na sociedade que só não vê quem não quer. A coisa da opressão, da dominação desumana que acontece. A grande pobreza que acontece no país. Essa distribuição de renda absurda, essa concentração absurda de renda, e você não tolerar ver isso. Então, a gente achava que podia, eu, pelo menos, achava que podia lutar contra isso, sabe? De alguma forma. Aí, quando você encontra um movimento que pensa mais ou menos igual, pronto, achou. Eu acho que tem uma coisa boa também que acontece, talvez conosco, e eu vou fazer certo paralelo com esse trabalho que você está fazendo. Eu acho que eu e o Marco somos duas pessoas que sabem amar, sabe? Eu acho, porque pra gente é muito importante não estar voltado só pra si mesmo, sabe? Eu estava pensando sobre isso ontem, uma das coisas que eu encontro no Marco, não sei se você encontra isso em mim, porque eu não sou boa assim não, mas o Marco tem uma coisa importantíssima, que me atraiu durante a maior parte do nosso casamento. Eu nunca tive tanta consideração de ninguém como o Marco me considerou, sabe? Assim, é muito bom a gente ser paparicado. (Risos)... Ainda tem esse aspecto do afeto, né, Marco?

### **M a r c o**

Isso vem muito da admiração...

### **D o d o r a**

Não, não é não. Você é assim com as pessoas. Com seus filhos, com os amigos dos seus filhos, com os filhos deles. Marco é uma pessoa muito carinhosa, acolhedora. Então, eu acho que quando a gente tem essa coisa, esse sentimento assim, a gente contamina com ele, não fica só pra gente não. É um negócio, assim, de amar. O amor, eu não sei se acontece com o pessoal que milita na esquerda de um modo geral, mas tem uma coisa de amor que move a gente, sabe? Até compaixão pelo outro. Eu não sei se eu estou conseguindo me expressar, acho que tem uma coisa de compaixão. Sem pieguice, acho que é uma coisa de se colocar no lugar do outro, sabe? E, isso, a gente aprende na religião também, então, é

como “amar a Deus e ao próximo como a ti mesmo”, só que tirando a parte de Deus, amar ao próximo como a ti mesmo, isso pra mim é compaixão. E a gente, eu acho que, assim, saber amar é saber se colocar no lugar do outro e sentir a dor do outro em você, sabe? Eu acho que é por aí que a gente acaba engajando nisso, querendo não aceitar ou não aceitando o sofrimento do outro. Pronto. Falei demais. Estou começando a ficar emocionada com o que estou falando, meu deus!

...

Surgiram, assim, correntes afirmativas, neutras e negativas sobre a própria modernidade. Nos anos 60, houve uma onda de popularizar e se apropriar das potências criativas do modernismo por parte de um grupo de artistas, escritores e intelectuais. Este movimento foi criticado pela sua leviandade e extremo relativismo. Assim, nos anos 70, eclodiu a aparente desintegração do *mundo moderno* e a junção de pequenas unidades particulares com interesses específicos. Segundo Berman (2013, p. 47), perdeu-se a mais cara das lições modernas: a dinâmica e a dialética da modernidade do século XIX .

### **P e d r o**

Quando pensamos em ideologia, podemos falar de dois tipos. A ideologia do proletariado e a ideologia que vai se gestando desde o berço, sem floreios, sem manifestos. Dessa ninguém consegue escapar. Por exemplo, o fato de a gente ter pais e sogros que não se separaram, nos leva, de alguma forma, a não se separar. Assim como leva nosso filho a não se separar. Essa ideologia não é racional. Nenhuma é. A outra, a do proletariado, a marxista, foi a que gerou todas as revoluções sexuais, feministas, de toda ordem. E, quando apareceu Stalin, contra todas as vanguardas artísticas e intelectuais, outras tendências começaram a avançar por outro lado da mesma esquerda. Por exemplo, o existencialismo. Artistas como a Frida Kahlo! Eu falo isto, embora a moral que o nosso Partido inculcou fosse muito rígida.

...

Podemos pensar a ideologia esquerdista como uma dobra do mundo moderno. Ela absorveu a sua linguagem e seu espírito. Pedro percebe claramente a sua capacidade de renovação. Talvez esta resiliência moderna seja a característica que faz com que estes casais se encontrem nesta ideologia como sujeitos ao longo do tempo.

**Florença**

Falou “éramos” e me pergunto se até hoje?

**Pedro**

Até hoje. A imensa maioria da gente sente isso até hoje, pois, dentro das centenas ou milhares de companheiros, conta-se nos dedos de uma mão os que renegaram. Os demais podem concordar mais ou menos, podem até brigar, mas nem tente questionar a história daquele partido, pois todos a defenderão. Eu inclusive. Embora tão longe. Foi uma gestação impressionante a que fez aquele partido. [...] Acredito que, quando a gente se chamava de “camarada”, estava dizendo o máximo que podia dizer a um ser humano. Como era bom! Hoje, embora tenha mudado muita coisa, esse afeto perdura muito. Claro, já não é o mesmo, entre outras coisas, por uma razão de idade. A gente vai envelhecendo e virando ranzinza. Ficamos mais reclamantes e com menos paciência. Quando se é jovem, tudo está bem. Acho que os jovens são mais tolerantes. Lucia, minha filha, por exemplo, ri dos problemas cotidianos, “fiquei sem grana para o bonde e tive que vir andando, rrsrrsrrs”. Já eu, seria: “puta que o pariu! Fiquei sem grana!”, reajo como velho! Enfim, uma digressão. O que quero dizer é que conservo muitas relações assim. Teu pai. Com ele, coincidimos uns meses num piso da cadeia. E, sim, é verdade que com ele falávamos mais do que com outros, mas nem dava tempo para construir uma grande amizade. No entanto, perdura até hoje, não só a amizade, mas as ganas de compartilhar as mesmas ideias, opiniões, afetos. Platero, Brunete, “você se lembra aquela vez que..” ou “lembra daquele livro?”. Há uma tendência a essa comunhão, que não é comum em outros âmbitos da sociedade. [...] Acho que aquilo semeou muita coisa.

...

O modelo moderno, historicamente produzido, eurocêntrico, ocidental e fermentado pela industrialização, desdobra, pelas suas contradições ou empatias, uma ideologia que o recria, ora se distanciando, ora mergulhando nele.



Foto N° 12 – Aniversario de Pedrín.



Foto N° 13 – Mundo-balão.

### 2.3 – Das pessoas compósitas e das visões de mundo

*Tal vez sejamos ao mesmo tempo, como creem os panteístas, todos os minerais, todas as plantas, todos os animais, todos os homens. Felizmente, porém, não o sabemos. Felizmente, cremos na existência de indivíduos. Se assim não fosse, ficaríamos esmagados, ficaríamos aniquilados por essa plenitude.*  
(Jorge Luís Borges)

Quando, a partir da antropologia, problematizamos as outras visões de mundo, incluindo visões de si, descobrimos, muitas vezes, uma série de contrastes artificiais. Edifica-se uma distância entre nós e eles que nos deixa aturdidos. Nem compreendemos esse "eles" nem nos identificamos cabalmente com esse "nós". Não nos reconhecemos naquelas formas de vida e nem nas que forçam o contraste. Como aponta Marcio Goldman (1999): “É curioso como alguns antropólogos aceitam a ideia de um individualismo ocidental e, ao mesmo tempo, dediquem todos os seus esforços a encontrar entre nós representações que não obedecem a esse modelo supostamente dominante”.

Repassemos, portanto, algumas imagens que compõem o modelo de pessoa ocidental que, em princípio, deveria espelhar os nossos casais e vejamos em que medida este arquétipo nos serve para pensar estes sujeitos.

Convoquemos, primeiramente, a Marcel Mauss, pioneiro em colocar a necessidade de estudar essa categoria de entendimento em todas as suas manifestações. No seu ensaio sobre a “Noção de Pessoa” (1938), o autor nos anuncia, a partir de diversos casos etnográficos, a existência de diferentes categorias do “Eu”, construções conceituais, históricas e processuais da pessoa. Ele nos diz: “nunca houve ser humano que não tenha tido senso de sua individualidade espiritual e corporal ao mesmo tempo”. Depois, complementa: “o que quero mostrar é a série de formas que esse conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas mentalidades” (Mauss, 2003, p. 371). O autor distingue assim, sucintamente, vários exemplos etnográficos que reproduzem a diversidade das representações do Eu.

Na tradição romana, fonte histórica para a construção do modelo ocidental, a noção de pessoa inclui o direito, inserindo uma dimensão moral de consciência de si. Segundo Mauss (2003), foi a tradição cristã que deu o conteúdo metafísico à noção de pessoa, fato que consumou a edificação da individualidade racional ocidental.

Louis Dumont (2000) considera que é no processo histórico da modernidade que emerge o valor consagrado do indivíduo tal como hoje o entendemos. Na sua obra “O individualismo; Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna” (1983), Dumont faz um percurso histórico através da noção de indivíduo. Consoante a Marcel Mauss, Dumont atribui à religião o papel central na consagração do indivíduo como valor, não só pelo conteúdo metafísico quanto pelo histórico institucional da Igreja. Haveria um primeiro individualismo, representado por meio do que ele denomina indivíduo-fora-do-mundo, inspirado no modelo de renúncia ao mundo do indivíduo indiano. Este modelo é visualizado também nos primeiros cristãos que, após uma transição ideológica da Igreja, insere-os no mundo, transformando-lhes em indivíduos-no-mundo. Sua tese fundamental é a de que “algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristãos e no mundo que os cerca” (Dumont, 2000, p. 38). Mas não é exatamente igual, pois, enquanto o renunciante basta-se a si mesmo porque mora fora do mundo social, o indivíduo moderno esta inserido nele (Dumont, 2000, p. 38).

O indivíduo moderno foi caracterizado, desde o século XVI, como naturalmente egoísta. Sempre sujeito ao suposto cuidado exclusivo de si e à procura da satisfação dos seus prazeres mais imediatos, resulta difícil pensar na construção de relações sociais daquele indivíduo assim tipificado. Marshall Sahlins (2008) problematiza esta imagem, desnaturalizando o que chama de “cosmologias do capitalismo”, por meio das experiências de contato cultural. *A ilusão ocidental da natureza humana* (2008) é um trabalho de crítica à ideologia moderna e capitalista no mundo contemporâneo, no qual se questiona a naturalidade da ideia de que o ser humano é egoísta por “natureza”, bem como a ideia de que o mercado (ou o Estado) é a entidade que converteria o egoísmo dos indivíduos no bem da comunidade. O antropólogo aponta uma série de exemplos etnográficos que questionam esta imagem ideológica-totalizante, ressaltando seu caráter produzido e, finalmente, revelando seu mistério: “culture is the human nature” (Sahlins, 2008, p. 104).

Estas reflexões sobre a noção de pessoa apontam a importância de se considerar os contextos históricos culturais que carregam as diferentes representações. Entendemos, então, por noção de pessoa “las formas simbólicas – palabras, imágenes, instituciones, comportamientos – mediante los cuales, en cada lugar, la gente se representa a si misma, ante sí misma y ante los demás” (Geertz, 1983, p. 62 *apud* Pitarch, 1996, p. 22). Esta famosa citação de Geertz expõe de forma densa a necessidade de entender o conjunto de representações individuais inserido em tramas de relações de socialidade. Segundo Marilyn Strathern (2009), esta socialidade se expressa na construção social e cultural do estar



relacionado, comprometendo a agência humana na produção da relação. Sempre que nos pensamos, o fazemos em relação a alguém em algum contexto particular.

Este trabalho compreende estas duas coordenadas (alguém e um contexto específico) que, ao assumirem a descontinuidade dos grupos sociais, prescindem da necessidade de contiguidade de tempo e espaço para pensar as relações. Aqui, as relações de ipseidade e alteridade podem ser múltiplas. Essa relativização nos permite pensar que pode não ser tão determinante a afirmação de que: “existem sociedades que constroem sistematicamente uma noção de indivíduo onde a vertente interna é exaltada (caso do Ocidente) e outras onde a ênfase recai na noção social de indivíduo, quando ele é tomado pelo seu lado coletivo: como instrumento de uma relação complementar com a realidade social” (Da Matta; Viveiro de Castro & Seeger, 1987, p. 13). Nos casos aqui analisados, *a priori* inscritos nessa tal ocidentalidade, vemos como a pessoa também recria nas narrativas das suas memórias uma composição múltipla, integrando em si outros sujeitos, palavras, tempos.

O conceito de indivíduo compósito, utilizado por Marilyn Strathern e pensado para grupos melanésios, revela uma figura instigante, já que expõe o funcionamento de uma pessoa divisível, que absorve e libera matérias heterogêneas e substâncias que “podem reproduzir em outras algo da natureza da pessoa da qual se originaram” (Strathern, 2009, p. 40). Essa capacidade de gerar “extensões metonímicas”, esta abertura ou permeabilidade, remete-nos a uma imagem muito mais poética e próxima a de nossos casais quando lembram-se de si.

Não pretendemos trazer este conceito *stricto sensu* tal como encontra-se no “Gênero da Dádiva” (1988) e, sim, almejamos, ao nos aproximar desta figura, deslocar os tipos ideais com os quais se pensam os sujeitos ocidentais. Excetuando as enormes distâncias geográficas e cosmológicas entre América Latina e Melanésia, evocamos este tipo de pessoa compósita, pois nos permite pensar e complexificar as nossas experiências com maior comodidade e, assim, descrevê-las mais livremente.

Nas memórias desses casais existe um fluxo contínuo entre o mundo e o indivíduo. O mundo, composto por homens vivos ou mortos, por linhagens, por palavras, por outros tempos, por imagens, cheiros, sensações, reinterpretações, etc., interpenetra-o.

Propomos pensar, no contexto desta dissertação, em pessoas como microcosmos de relações (Strathern, 2009, p. 204) produzidas ao longo do tempo.

Numerosos são os livros que falam, de alguma maneira ou outra, sobre o que é ser de esquerda. Com cortes mais historiográficos ou autobiográficos fala-se, de forma genérica, sobre alguns aspectos da ideologia. Preferimos circunscrever nossa análise às

experiências pontuais dos casais integrantes do Partido Comunista do Uruguai e da Ação Popular do Brasil, traçando alguns elementos comuns, sustentados com suas próprias reflexões e com elementos subjacentes a esta particular matriz filosófica.

Numa primeira aproximação, podemos concluir que ambas as ontologias políticas, desde o ponto de vista filosófico e histórico, tiveram como pedra de toque o materialismo. Podemos dizer, sucintamente, que o materialismo histórico é a maneira com que Karl Marx organizou a história. A história era entendida como matéria e, esta, como matéria prima do movimento. Matéria e movimento são duas imagens que se instalam juntas.

O materialismo histórico estuda a dimensão concreta da história: as relações de produção, as relações entre classes sociais, os conflitos ao longo do tempo. É uma teoria localmente pensada e referida à realidade da Revolução Industrial Burguesa da Inglaterra, produtora do proletariado industrial britânico, que, por alguma razão, projetou-se ao resto do mundo. A orientação que subjaz a este pensamento é a filosofia da práxis, encarregada da ação no momento presente. A promessa do para-além celestial religioso, sob esta ótica, dificulta e adormece a luta dos homens por superar sua indignidade social. A construção do sentido crítico é o que revoluciona as estruturas pelas quais os homens são explorados. A tomada de consciência destas estruturas de dominação, destas relações de produção capitalista, só é viabilizada pela ação reflexiva. O pensamento está em função da mudança social. A práxis política do proletariado é o que produz uma nova ordem. Uma esclarecedora citação de Marx resume vários destes aspectos:

En directo contraste con la filosofía alemana que baja del cielo a la tierra, nosotros subimos de la tierra al cielo. Es decir, no partimos de los que los hombres dicen, imaginan, conciben, ni tampoco de los hombres tal como son narrados, pensados, imaginados, concebidos, para llegar a los hombres de carne y hueso. Partimos de los hombres reales, activos, y sobre la base de su real proceso de vida. Los fantasmas que se forman en el cerebro humano son también, necesariamente, sublimados del proceso vital material de los hombres, que es verificable empíricamente y está sujeto a premisas materiales. En consecuencia, la moralidad, la religión, la metafísica, todo el resto de la ideología y sus correspondientes formas de conciencia, ya no conservan su apariencia de interdependencia. No tienen historia, no tienen desarrollo; en cambio los hombres, al desarrollar su producción material y su intercambio material, alteran, junto con ésta, su existencia real, su pensamiento y los productos de su pensamiento. La vida no es determinada por la conciencia, sino la conciencia por la vida (MARX *apud* Sahlins, 2006, p. 138-139).

Podemos dizer que a filiação de ambos os movimentos a esta teoria filosófica produz uma marca na subjetividade de seus integrantes. As imagens da ação em relação ao valor do concreto, a inevitabilidade da negação dialética, a necessidade de uma reflexividade de

classe e o otimismo teleológico pela nova ordem social iminente compõem uma teia de significações na qual as percepções destes indivíduos vão se prender.

Perpassa estas ideias um *Eu* moral que interfere no mundo para mudá-lo, atribuindo uma tremenda responsabilidade à vivência da juventude.

É desenhado um centro que expulsa os excessos, ou melhor, que canaliza as exuberâncias emotivas, colocando-as na luta ideológica por uma nova ordem mundial. O homem de esquerda é o homem justo, e homem justo é o homem igual (Ricoeur, 2012). Neste ponto, podemos retomar e pensar no individualismo ocidental descrito por Dumont (2000), pois, para esta criação ideal, os valores da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) representam uma chave de sentido que aqui também identificamos para estes sujeitos. Pensemos, também, nas implicações dessa noção de justiça/igualdade, entendida em ambas as instituições políticas por meio do marxismo.

Vejamos quais são essas clivagens ideológicas, revendo rapidamente alguns conceitos chaves da teoria.

Na teoria marxista, a mercadoria é o que movimenta o mundo. Nessa perspectiva, o valor desta é igual ao tempo socialmente necessário para construir um objeto. Conseqüentemente, esse tempo social é medido pelo valor da força de trabalho, que equivale a tudo aquilo que é preciso utilizar para manter viva aquela força de trabalho.

O operário, nas horas em que trabalha, produz um *plus* valor (mais-valia), que fica “sobrando”, uma vez que o capitalista paga ao operário o suficiente para reproduzir essa força de trabalho. Este *plus* é o que gera ganância para o capitalista.

Aparece, aqui, o primeiro problema estrutural que Marx se coloca. Existe operário e capitalista, porque o capital é feito de lama e sangue da periferia. O capital se consolidou com o saqueio colonial. Ele se ergue sob o abuso de poder e a exploração, revelando uma assimetria injusta: o centro existe porque existe periferia.

Mas, cabe se perguntar: como a gente não percebe uma realidade tão óbvia e indigna? O autor brilhantemente responde que o mundo das mercadorias é um mundo encantado. Vivemos num mundo de intercâmbio permanente de mercadorias onde o homem se coisifica. As mercadorias remetem a uma mercadoria representativa que é o dinheiro. As mercadorias estão cobertas de deslumbres que obnubilam essa injustiça estrutural. É por essa razão que é indispensável o senso crítico e a reflexividade interpelante ao mundo na construção da subjetividade de esquerda.

Funda-se, assim, uma interdependência de opostos: a liberdade do burguês depende do escravismo, da colonização. A ontologia de esquerda se sustenta na oposição entre

igualdade e liberdade, caracterizando-se pela defesa da primeira como protetora da maioria e delegando a sua contradição à direita, sempre ocupada dos interesses individuais.

O homem de esquerda marxista acredita que os proletários sustentam momentaneamente a sua identidade em uma solidariedade de classe sem fronteiras. Como Marshall Sahlins (2006, p. 129) nos lembra, para Marx, o indivíduo é o ser social .

O Novo Homem, promessa de protótipo ideal do homem que vinha caminhando no horizonte do mundo desde a URSS, trazia consigo (dentro dele) a sociedade. Nada do humano lhe era alheio. Como diz o próprio Marx:

O objetivo do comunismo é ‘o desenvolvimento de toda a capacidade dos indivíduos enquanto tais’. Porque ‘somente em comunidade com os demais cada indivíduo consegue os meios para cultivar seus próprios dons em todas as direções; só em comunidade, portanto é possível a liberdade pessoal (MARX *apud* Berman, 2013, p. 121).



Foto N° 14 – Pedro e Antonia em cena.

## **P e d r o**

Essa imagem vem da URSS, mas, sobretudo e em nosso caso, vem de Cuba e do Che. Era algo que estava muito distante de nossas possibilidades. A gente se achava perto da Revolução, mas nunca de ser Homens Novos. O Homem Novo era alguém como o Che, que dizia “acima de tudo sejam bons revolucionários”, que promovia o valor do companheirismo e da solidariedade e acreditava que todas as causas humanas fossem da

gente mesmo, dar a vida por... eita! O cara era ministro, já tinha feito a revolução e deixou tudo para brigar por outro povo. [...] O Homem Novo terminaria com o egoísmo, entre a competência e a cooperação optaria sempre pela cooperação. Daria tudo de si e pegaria simplesmente o necessário, pois a razão última do comunismo era “de cada um, de acordo com suas possibilidades e a cada um de acordo com suas necessidades”. Então, qualquer um ia ao mercado e levava um par de sapatos, pois se tinha apenas dois pés para que ia querer quatro? Não levaria 48 pares, deixando um outro, pobre, andar descalço. O aleijado, que não pode contribuir tanto em termos produtivos para uma sociedade, talvez necessitasse mais do que o outro que não é. A cada qual sua necessidade. Essa concepção um dia se cumprirá, a gente achava que tinha que lutar por essas coisas. Não lutávamos por um partido como o de Stalin ou de Khrushchov. Nós pensávamos que o Partido ia na direção da construção daquilo. Estávamos convencidos. Eu estou de acordo com o que tem realizado o Frente Amplio no Uruguai, mas por isto não teria arriscado a vida. Arrisquei a vida, porque acreditava que construiríamos outra sociedade, outro mundo. Por isto, teria apoiado, mas até certo ponto. Naquela época “éramos muitos, aos 30 no poder ou mortos. Havíamos vindo ao mundo somente para mudá-lo”. É assim! Talvez fosse tudo uma farsa, mas a desfrutamos também.

...

Habermas (*apud* Sahlins, 2006) escreve: “Marx resume su visión del hombre como ser natural, como criatura objetiva y sensorial, describiéndolo como ‘sufriente, limitado y condicionado’. El hombre sufre debido a lo que soporta. Ser sensible, según Marx, es necesariamente sufrir” (p. 163).

O homem é sensível e sofre porque é homem-social. Nele incorpora as necessidades e as carências dos outros. De alguma forma, nunca está satisfeito, já que sempre haverá no mundo alguém por quem lutar.

## **M a r c o**

Os nossos candidatos têm que ser eleitos, não porque foram vendidos como sabonete em propaganda de televisão. Eles vão ser eleitos, porque estavam nas portas das fábricas, estavam nas escolas, num trabalho diretamente ligado às massas. O que que é isso? É a prática social! A prática social do indivíduo informa o que esse indivíduo é ou, pelo menos, o que ele vai se tornar. Você tira uma pessoa dessa prática social de trabalho, de luta, de greve, do que for, e joga dentro de um gabinete para ficar discutindo com um bando de

canalhas. Aí passa o primeiro mandato... Terminado o primeiro mandato, essa pessoa não quer mais voltar à prática social, que era uma prática de luta, onde se forma o caráter, onde este é aguçado, temperado. Quando vai pro gabinete...

### **D o d o r a**

Mas é assim que funciona... Se não fosse assim, como você conseguiria as coisas numa sociedade de classes, com tantas desigualdades, com tantas diferenças? Ou você escolhe uma pessoa para representar as diversas facções da sociedade, ou então vai pra guerra.

### **M a r c o**

Mas se essas pessoas continuassem o trabalho junto às massas! Uma pessoa que conheço que fez isso é o Nilmário. Ele fez isso! O Nilmário nunca abandonou... sabe! Chegou a por em risco o casamento dele... Porque ele saía de Brasília e não vinha pra cá... a mulher dele morava aqui, era professora universitária aqui... ele já ia direto para o Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri.... encontrar com o pessoal, discutir as reivindicações, o que que o pessoal estava precisando... Eles estavam formando pessoas politicamente!

...

O Novo Homem era a utopia encarnada nos grandes homens da história do Partido Comunista. Imagens de próceres de carne e osso, que faziam das palavras da teoria vida engajada e rebelde. Paradoxalmente próximos e distantes, os jovens militantes de esquerda os olhavam com admiração.

Quando evocamos os referentes simbólicos deste campo ideológico, brotam, em seguida, algumas imagens religiosas que dialogam harmonicamente com o *corpus* de valores e ideias esquerdistas. Pensamos, a partir delas, em arranjos deslocados que compõem pessoas.

As imagens dentro da mitologia de esquerda, que compõem uma *pessoa*, não se restringem ao manifesto comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. Como observamos acima, com as origens da noção de pessoa ocidental, e como em algum momento Pedro nos lembra, os primeiros cristãos são muitas vezes lembrados pela renúncia aos bens materiais e pela rejeição à ideia de propriedade privada. Talvez esta atitude seja um dos símbolos mais fortes que paira ao longo da história da ideologia.



Foto N° 15 – Pedro em Crisma.



Foto N° 16 – Nossa Senhora no meio de outras lembranças.

## **Florença**

Você enxerga alguma relação entre cristianismo e comunismo?

## **Pedro**

Acredito que sim. Não são excludentes. Acredito que todas as religiões tem um fundo humano, aliás, os primeiros cristãos eram como comunistas primitivos. Se organizavam de

forma comunitária. O marxismo entronca com todo o desenvolvimento do pensamento ocidental e cristão. Me parece que não é por acaso que o movimento Comunista estivera impregnado de uma religiosidade muito parecida à cristã. Da mesma forma, não me parece casualidade que o comunismo da União Soviética fosse tão parecido em algumas coisas ao czarismo. Não são casualidades. Talvez não exista forma de que a história escape a essas armadilhas. Eu crismei e, apesar de ter renunciado prontamente a vida cristã, acredito que sempre me senti emocionalmente muito próximo. Somente emocionalmente. Por exemplo, tenho carinho por Jesus até o dia de hoje. Mas Jesus como o Che Guevara, não como evangelizador.

•••

Marco e Dodora passaram pela experiência política da Ação Popular, grupo político descendente da Ação Católica, onde obviamente existia de forma mais direta esta ligação entre política e religião. Marco nos compartilha suas contradições:

### **M a r c o**

Eu acho que a Dodora falou o que serve pra maioria dos militantes que começaram pela Ação Católica. Apesar de que, muitos, muitos desses militantes, quando a coisa tomou um aspecto mais político do que religioso, saiu.

### **D o d o r a**

A maior parte...

### **M a r c o**

Não. Uma parte saiu quando virou político e a maior parte saiu quando virou marxista. Quando o movimento teve a proposta de se tornar marxista a maior parte saiu. Alguns continuaram simpatizantes com o movimento da ação popular e de outros partidos, e alguns simplesmente se afastaram completamente. A maioria, inclusive, ficou impregnada dessa vontade de mudar e continuou de uma forma ou de outra. E eu acho que uma minoria partiu para o outro lado, sabe? Viraram inimigos mesmo do movimento popular. Eram pessoas que estavam ali não em busca de justiça, mas para fazer caridade, e caridade é uma das piores invenções da religião. Agora, humildade e caridade são duas coisas insuportáveis para quem consegue pensar. Humildade significa: se alguém lhe bater em um lado da cara, vire o outro. E o que é que é isso? Isso é virar pra você e dizer: seja submisso ao extremo, ate onde não pode mais. Eu acho que ser modesto, bom, seja modesto até onde não poder



mais, mas, ser humilde, não. Humildade é um instrumento de dominação. E caridade? Só é necessário caridade onde não há justiça. Aí eu vou fazer caridade e deixar que a injustiça corra solta. De forma nenhuma.

Diferentemente da Dodora, eu comecei mais cedo. Primeiro, porque eu não fui pra escola, nem pra ginásio, nem pra colégio e nem pra universidade. Eu comecei a ler muito cedo, e não foi só a leitura, comecei a ver na rua mendigos. Na minha época, existiam mendigos que hoje a gente não vê mais na rua. Existiam doenças do tipo elefantíase, boubá, onde as pessoas ficavam com as pernas dessa grossura, inchadas e completamente feridas e tinham um cheiro característico de iodofórmio, que era um remédio que era passado e que cheirava longe. E minha tese é de que era um retiro pra esse pessoal, eles iam pra rua e tal, e eu não conseguia ficar, ver, sem sentir, sabe? Desde criança, desde menino pequeno. Eu não conseguia ver aquilo sem sentir que ali tinha alguma coisa injusta. E o que é pior, eu acho que essas coisas, porque a minha família tinha religião, mas esse tipo de coisa, me fez não é desgostar, mas não acreditar em Deus. Eu nunca consegui acreditar que um Deus onipotente, onisciente, onibondoso, oni qualquer coisa, pudesse permitir que uma criança sofresse. Que uma criação dele sofresse. Então, eu sempre vi a religião, ou os deuses, como uma forma de exploração. Qualquer religião, pra mim, sempre foi fruto do medo. A religião fala assim: “Se você for bonzinho, fizer isso e aquilo...”. Bom, se submisso ao seu senhor, você vai para o céu. Porque esse senhor Deus que esta lá de cima, para mim, ele é a representação do senhor que tem o dinheiro, que tem o poder e que manda em você. Não é nada mais e nem nada menos do que isso. Então, se você for submisso ao seu senhor, for humilde, for bonzinho, você vai ao céu. E não tente mudar a ordem das coisas.

Virei ateu e, naquela terra, que eu já te falei muito dela, isso é um problema sério, porque tinha um negro, pastor protestante e comunista. Você já viu?

### **F l o r e n c i a**

As três em uma?

### **M a r c o**

As três em uma pessoa. Tinha uma Bíblia debaixo de um braço e um manifesto comunista embaixo do outro. (Risos). Era pastor protestante. Um dos filhos dele é juiz de direito, aposentado em Belo Horizonte. O Levelin. Tinha certa cultura americana. Eles eram assim, a igreja, a religião tinha uma ligação com os Estado Unidos, mas ele era comunista, sabe?

Eu conversei muito com ele quando era mais novo, o Nilmário também, já mais velho, porque ele é mais novo do que eu.

### **F l o r e n c i a**

Como ele se chamava?

### **M a r c o**

Se eu te disser que eu não me lembro? Era uma figura tão importante, eu me lembro do rosto, das conversas, dos filhos, do Levelin, que hoje é juiz aposentado aqui, e, dele, eu não lembro o nome. Alguma coisa me tirou o nome dele. Mas o que foi mais importante, as conversas, ele não falava nada de marxismo, dessas coisas não. Ele falava sobre justiça. Para quê caridade onde existe justiça?

...

Vimos como, para pensar numa pessoa de esquerda que vivencie estes valores, é mais confortável trazer uma imagem descontínua e compósita, do que uma imagem fechada de um indivíduo racional ocidental descrito ao longo da história. Mesmo assim, há momentos em que achamos que este tipo ideal, às vezes, se aproxima das subjetividades de nossos casais. Abordemos, agora, por meio das memórias, as fantasmagóricas integrações das suas moralidades. Evoquemos as múltiplas pessoas e palavras que também lhes integram e exprimem a construção de si e das interpretações ideológicas e amorosas.

## 2.4 – A Educação Sentimental: literatura e família



Foto N° 17 – Afetos de Antonia no barco se despedindo dos avós.

As referências literárias e familiares são duas vertentes de sentido para os quatro sujeitos que integram esses dois casais. Eles se fizeram *pessoas* também com as leituras e, obviamente, mamando desde o berço atitudes e referências familiares, que foram aproximando-os naturalmente das futuras escolhas ideológicas e amorosas.

Uma certa linguagem imagética e sensível foi impregnando a construção dos próprios critérios de sentido. Esta tradição sensorial palpita desde longe, intervindo nas intuições do porvir.

Antonia é uma imigrante galega que, como tantos espanhóis, atravessaram de navio o Atlântico, procurando uma vida de paz e prosperidade. Chegou a terras uruguaias com quase cinco anos e somente seus pais como referência. Sempre sentiu muito a falta de uma família populosa e, claro, muitas saudades da sua terra natal.

Aqueles cinco primeiros anos de Espanha marcaram em Antônia uma bela melancolia que, até hoje, recria com emoção, ao falar dos pais e da sua velha Galícia.

A figura de Nibia Sabalsagaray, emblema das vítimas da ditadura militar no Uruguai, foi muito influente na vida de Antonia, não só pela profunda amizade que as unia, mas,

como outros lhe lembram, por ter influído inconscientemente na sua primeira gravidez. Pedro conta que depois do doloroso enterro de Nibia, Antonia ficou grávida do Pedrín.

Trazemos, agora, alguns trechos de vários de seus depoimentos nos quais são esboçados alguns destes elementos que nos fazem entender como os lentos e imbricados caminhos das crenças (entre elas, ideológicas e amorosas) foram processualmente percorridos.

### **A n t o n i a**

Eu sempre conto o contável. Só ele para narrar as tremendas esperas a que eu o submetia. Nos encontramos em um bar e depois de um longo tempo – a verdade é que não se notava que havia me esperado tanto, não seria assim hoje.

### **P e d r o**

E, além do mais, eu era o suprasumo da pontualidade.

### **A n t o n i a**

E segue sendo.

### **P e d r o**

Eu tinha que estar às 10? Chegava às 10! E sabia que ela não vinha. Cinquenta minutos depois começava a esperar que ela chegasse. Então, desenhava qualquer coisa nos guardanapos. Num dia inesquecível, quando já éramos casados e clandestinos, tínhamos combinado de nos encontrar na Rivera [esquina] com Boulevard. Passada uma hora, ainda não havia chegado. Comecei a me preocupar. Telefonei para a casa de meus pais e ela ainda estava saindo de Lagomar! Uma viagem que, naquela época, durava 40 minutos fácil.

### **A n t o n i a**

Onde mesmo eu estava? Ah sim, naquele bar, *El Pereira*, onde hoje costumo me encontrar com Miriam...

### **P e d r o**

*La Giralda.*

**Antonia**

*La Giralda*. Falávamos de nossos pais, de nossas famílias, e Pedro me disse que não tinha irmãos. Que problema o fato dele não ter irmãos! Nem um irmão, nada! Nem eu. Foi terrível, o mundo como que se estreitou. Mas tudo bem, não ia ser por causa disso... Ainda me lembro de haver pensado “eu teria que ter ido embora naquele momento, pois havia imaginado construir uma família com mais gente”. Veja que éramos galegos e tínhamos uma família muito pequena aqui. Compensávamos com amigos e gente do bairro – alguns deles também imigrantes. Mas sentia essa ausência de família em alguns momentos. E eu havia imaginado que uma vez ampliando-me afetivamente, a vida seria outra. Isso foi engraçado.

**Pedro**

O engraçado é que ela sempre sofreu em ser filha única; a mim, nunca me preocupou. Achava que estava na ordem natural das coisas. Ela, sendo filha única, sempre ambicionou ter irmãos.

**Antonia**

Sem dúvida na minha casa faltavam crianças, pois eu vim para cá com quase 5 anos e foi muito trabalhoso. Era o que dizia minha mãe. Tinha sido tão difícil organizar a vida aqui que isso nem lhes passou pela cabeça.

**Pedro**

A pobreza também...

**Antonia**

Sim, tudo era muito trabalhoso. Depois, quando Pedrín nasceu, meus pais com aproximadamente 40 anos viraram avós. Minha mãe ria e me dizia: que momento para ficar grávida! Uma coisa estranhíssima. Sempre faltaram filhos nessa família. E, então, eu pensava que ia ter muitos filhos. Ainda bem que depois veio Lucia, nossa segunda e última filha.

**P e d r o**

É como se tivéssemos tido dois filhos únicos! Eu me sinto pai de dois filhos únicos. Por exemplo, agora, enquanto ela dizia que queria ter muitos filhos, eu estava com a cabeça naqueles anos e me esqueci completamente de Lucia.

...



Foto N° 18 – Antônia meditativa.

**A n t o n i a**

Eu havia ido à Buenos Aires em 71 pela primeira vez. Nossos recursos eram contados. Creio que Pedro usufruía de um nível um pouco mais alto, pois ia de carro a Lagomar. Meus pais trabalhavam no bairro.

**P e d r o**

Isso se sentia. Mas eu tinha um amigo no colégio, o pai arquiteto, que já tinha uma outra casa, outro passar. Havia, como agora, diferenças sociais que se faziam notar. No caso de Nibia, que vinha do interior, era ainda pior. Era como um canarinho assustado, como tantos outros amigos que vinham morar do interior na capital.

**A n t o n i a**

Nibia sabia mais de Montevideú que eu, pois achava que não podia se perder. Então, conhecia todas as ruas, os nomes, as orientações, para cá e para lá. Outro perfil. Eu era,

como dizia ela, galega. Quando íamos a Nueva Helvecia, ela me dizia “agora me dou conta de por que você gosta tanto do campo”. Seus avós ainda viviam no campo e lá era parecido com a Galícia. Coisas que não havia visto de novo, no desterro...



Foto N° 19 – Antonia pequena com a mãe e os vizinhos, mostrando a plantação de couve e a fartura de Coca-Cola.

...

### **Pedro**

Nossos pais estavam dispostos (como as Mães Armênicas) a dar a vida de seus filhos. Hoje ninguém pensa assim.

### **Antonia**

Não é um processo rápido, pois elas protestavam também.

### **Pedro**

Sem comparação.

### **A n t o n i a**

Mas me recordo agora... Eu voltava muito tarde para casa e meu pai ia me esperar no ponto de ônibus. Ele não sabia quando eu ia voltar. Sentava lá e me esperava. E, depois, me dizia “venho aqui, pois ficar escutando sua mãe é pior”. Não era fácil. Essas coisas que passamos por alto. Porque toda a heroicidade e epopeia também eram assim. A epopeia gerava medo. Os informativos, os jornais, as rádios, uma morte te levava a uma passeata, e uma passeata a outra morte.

...

### **A n t o n i a**

Meus velhos eram gente solidária que, embora sofrendo muito, seguravam a onda. Por outro lado, o pai de Pedro era militante do Partido. Meu velho também era militante. Íamos juntos aos movimentos, não estavam alheios, sofríamos dos mesmos medos.

...

Pedro conta a sua teoria de como chegou aos destinos que chegou. A figura do pai é onipresente nessas justificações. Com orgulho, se refere a este personagem quando explica sua aproximação “natural” à ideologia.

### **F l o r e n c i a**

Como foi sua aproximação à ideologia?

### **P e d r o**

Acredito que foi algo muito gradual e natural. O país ia se deslizando para isso. Meu pai, por exemplo, era branco<sup>12</sup>, mas sempre muito rebelde, e minha mãe de origem colorado<sup>13</sup>. Meu pai, lá pelo ano de 1958, fez-se comunista. Começou a comprar “O Popular”. O Partido Comunista era um partido que havia, no ano de 1956, mudado sua política. Abandonou o Stalinismo e compôs um caminho para a revolução muito interessante, e que deixou uma marca em toda América Latina. Com peso internacional. Então, começou a captar adeptos como meu pai, por uma linha política justa. Pretendia ser uma proposta de massas, e não sectária e estreita como antes. Logo meu pai começou a se chamar de Comunista. Não se filiou nesse momento, mas ele já era comunista. E eu também, porque era seu filho. Me lembro que, com 8 anos, houveram eleições e ganharam os brancos pela primeira vez depois de 93 anos. Eu dizia a meu pai: “se até agora governaram os colorados

<sup>12</sup> Relativo ao Partido Nacional, de corte rural e nacionalista.

<sup>13</sup> Relativo ao Partido Colorado, nascido nos centros urbanos e de corte liberal e republicano.



e a gente se deu conta que não serviam, agora, com os brancos, vai acontecer o mesmo, para as próximas, vamos nós!”. Estávamos longe. Bem, nem tão longe, pois depois, no ano de 1971, quase ganhamos! Se não tivessem dado o golpe, na outra eleição ganhávamos. Minha mãe sempre me recriminava. Embora ela fosse receptiva às ideias comunistas, tinha medo por mim. Sempre teve. Na medida em que fui crescendo, piorou. Ao final, toda minha família se fez de esquerda. O resto da minha família era reacionária e conservadora, dos partidos tradicionais. Os aniversários infantis terminavam sempre em broncas. Mas, aos poucos, chegou o [ano de] 68, e já um sobrinho apareceu militando na Federação de Estudantes Universitários do Uruguai como dirigente. Em 1969, com as militarizações, outro primo caiu preso com as medidas de segurança. E, assim, começou a desabar o castelo de naipes deles e a se edificar o nosso. Quando entrei no colégio, rapidamente me relacionei com gente de esquerda.

### **F l o r e n c i a**

Quando criança, o que você gostava de tudo isso?

### **P e d r o**

Hoje em dia está muito desvalorizada aquela teoria, mas, naquele momento, entroncava com as maiores histórias de gente boa e de gente que lutava pelo bem dos demais, e que queria o bem para todos. Eu me lembro de minhas leituras de menino, “Marcelino pão e vinho” ou “O Touro Bonifacio” ou “Peter Pan” mesmo. Essas histórias se encaixavam com aquelas. Não fazia sentido com o Tio Patinhas. Tudo era um escorregador que ia te fazendo deslizar. Todos os países do mundo, desde o Maio Francês, os hippies na América do Norte, na África do Sul. Era uma onda juvenil. Tem a ver com os Beatles. Tem a ver com Lennon e Yoko, tem a ver com a guerra do Vietnã, onde David venceu Goliat. Com tudo isso, o sujeito que mais ou menos tinha um interesse social na política, não podia cair para o outro lado. E tudo aconteceu em apenas alguns anos. Os tupamaros<sup>14</sup> tornaram-se conhecidos nos anos de 1967, 68. No ano de 1971, já eram um movimento muito grande. Em 4 ou 5 anos, nutriu-se de gente que não necessariamente vinha da esquerda. Não me refiro a seus quadros dirigentes, bem, Mujica mesmo! Me refiro a uma juventude que sentia certo anti-comunismo e que se deslumbrava mais facilmente com essa teoria foquista<sup>15</sup> e se

---

<sup>14</sup> Denominação dos integrantes do Movimento de Liberação Nacional

<sup>15</sup> O foquismo foi a teoria revolucionária desenvolvida pelo filósofo francês Jules Régis Debray. Consistia na criação de focos armados guerrilheiros como forma de combate ao imperialismo.

enfiava de cabeça nos tupas<sup>16</sup>. Criaram um movimento do nada e, em pouco tempo, recrutaram muita gente. Comparativamente, criaram um partido que nenhum outro partido de esquerda conseguiu fazer. O Partido Comunista, com sua nova teoria de 1956, vinha crescendo aceleradamente, mas tinha 30 e tantos anos de história. Eu vi que minha tendência a isso não foi racional, mas foi comum à época. Fui para o lado dos Comunistas, porque eu era um cara obediente, não gostava das loucuras, e meu pai era comunista. Ou, talvez, pensando bem agora, porque gostei de uma mocinha que era comunista e se tivesse sido tupa... sei lá! Jamais seria direitista ou indiferente, porque isso não estava dentro do meu universo.

### **Florença**

Então, sua adesão vem como uma coisa herdada, como você falou, não muito racional, mais emotiva.

### **Pedro**

Nós achamos que racionalizamos tudo e isso é uma grande mentira. Nunca tomamos decisões inteiramente racionais. Menos ainda em casos como estes! A gente se vê levado a isso e depois pensa, coloca enfeites para si mesmo, com teoria, com razões, com a falsa consciência de que falava Hegel.

...

Tanto os pais de Antonia quanto os pais do Pedro apoiaram incondicionalmente suas escolhas e lhes acompanharam em cada momento da vida.

Uma cena que retrata esta forte relação apresenta-se para nós por meio das cartas que Pedro escrevia aos pais quando estava preso. Com muita emoção, nos lê a última, escrita antes de recuperar sua liberdade.

### **Pedro**

Eu começava assim as primeiras cartas: “olá, velhos, aqui estou eu outra vez”. Este “aqui estou” queria dizer que, apesar de tudo, estava. Assim comecei muitas cartas. A última dizia:

---

<sup>16</sup> Diminutivo de Tupamaro.

*Bem meus velhos, “aqui estou”, assim eu dizia em minhas primeiras cartas, recordam? E assim lhes digo hoje, apesar de o significado destas duas palavras já ser outro.*

*Já é quase tão somente uma grata anedota recordar que estas duas palavras tiveram para mim uma grande significação naqueles tempos, e não posso deixar de recordá-las com carinho.*

*Assim comecei muitas de minhas cartas anteriores e assim gostaria de começar esta, que seguramente será a última que vos escrevo daqui e oxalá também a última de qualquer lugar. Quero dizer que não precisaremos de nos separar mais. Aproxima-se o momento de fechar definitivamente uma etapa muito importante para todos nós. Sinto vontade de já conversar sobre ela, mas isso vai acontecer em casa, tranquilos, com uma certa distância, nesta prometida e aguardada rodada de mate. Algumas coisas se apresentam incertas. Bem capaz que eu chegue antes desta carta. Caso contrário, saibam que estou bem. Fixei residência a uns 3 ou 4 dias e o fiz com calma. Durante anos imaginei estes momentos diferentemente de como os estou vivendo. De qualquer forma, estou bem e os escrevo esta carta, não sei se para acompanhar as fotos, se para que haja expressamente uma última carta, ou se para deixar-lhes uma escrita constante, não sei se fará falta, de minha vontade de estar junto, de meu carinho, de minha confiança. Mas, sobretudo, pelo agradecimento pleno e total do tipo de vida que me propiciaram. E outra vez volto a dizer que estou feliz. Mas não feliz porque estou partindo, isso é apenas uma circunstância, contente estou pelo que fomos e pelo que somos. Um abraço grande velhos. Vão fotos e esperanças.*

...

Antonia é professora de literatura, motivo pelo qual as alusões literárias são uma constante, enquanto Pedro, que sempre foi um bom leitor e escritor, destinou os anos de cadeia a ler quase compulsivamente.

Esperando Antônio, falávamos com Pedro sobre literatura. Ele me dizia que o havia fascinado *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Cheia de neologismos, ao estilo Guimarães Rosa, seu ídolo, a novela o havia capturado pela beleza das imagens e, sobretudo, pela cadência, pela sonoridade da escrita.



Foto N° 20 – Pedro olhando para trás.

### **Florença**

Sempre gostou do mesmo tipo de literatura?

### **Pedro**

Tive uma abertura na prisão, pois antes eu era muito mais racional. Gostava, por exemplo, de ficção científica soviética. Eles falavam de um futuro onde tudo era perfeito.

### **Florença**

Um exemplo?

### **Pedro**

*Café molecular, Um amor no ano 2042.* Agora já nem me lembro... Havia dois irmãos... Eram todos politicamente corretos com aquela forma de compreender o mundo, com aquela sociedade. Li a *Bradbury*, onde iam a uma expedição a Marte e os cosmonautas terminavam brigando e se assassinando. Eu pensava: mas como pode ser que o homem, dentro de 100 anos, seja tão ruim como agora? Você lia um livro soviético e nada a ver. Já havia terminado a maldade, as guerras... Me lembro de um, *Que difícil é ser Deus*, onde o cara chegava em um planeta que tinha evoluído igual a Terra, mas estava 500 anos atrasado. O cara chegava com os conhecimentos e com a tecnologia atual e era como se fosse Deus. Mas não podia se delatar. Então, tinha que controlar suas pequenas

intervenções. Por exemplo, via que uma população ia a uma guerra e seria destroçada, mas não podia intervir. Não podia mudar a história. *Que difícil é ser Deus*. Tomar decisões sobre algo que tem sua própria evolução... O livro te colocava problemas filosóficos interessantes, que serviam para pensar o que teria acontecido – se não fosse pelos interesses econômicos – se tivéssemos deixado que a África se desenvolvesse sozinha. Talvez hoje houvesse muito menos mortos. A leitura te levava a questionar a intervenção. Qualquer tipo de experimentação social. Cuba. Se todo o campo socialista não tivesse querido viver à imagem e semelhança da URSS, talvez houvesse surgido uma forma viável. Mas, como se uniformizou, morreu uma, morreram todos. O que teria acontecido se houvessem deixado outras experiências descobrirem o seu caminho... Talvez alguma delas tivessem chegado a um bom destino.

...

Imagens literárias como inspiração, como instigação da reflexão, sempre como construtoras. Sem dúvidas, literatura como algo vivo.

Antonia narra as tensões internas dentro do centro de tortura *La Tablada*. Estar alerta, ser cuidadosa com os recursos psíquicos internos, era tudo estratégia na hora de lidar com os militares. A essas alturas, a sua bagagem literária também se converteu em uma tática.

### **Antonia**

Eu dizia a um companheiro “temos que fazer política”, mas é porque estávamos muito travados, porque a política era relação e a gente estava cercado pelas próprias limitações da clandestinidade. [...] Aí caímos [...] E você tinha que lidar com isso, nada mais. Tem muita coisa que pode vir a sua cabeça. Coisas em resposta às falas deles [militares] para conseguirmos alguma informação. Tudo tinha que ser medido. Tudo o que te diziam em um sentido ou em outro, isso ou aquilo, se te traziam um companheiro para falar com você ou se te levavam a um outro para que você o visse. Nada podia te fazer mudar de ideia. Não era um problema de valentia, mas de cálculo. Uma espécie de cálculo, um cálculo no ar, que você ia fazendo. Eu pensava que eles não tinham que me ver tão forte, pois, de fato, não era...

Eles estabeleciam que teríamos que assinar uma ata. Isso poderia não ser nada de mais, mas também podia simplesmente revelar sua debilidade. E, depois disso, o que vem? Sempre pensávamos nisso. Até onde resisto? Não vou assinar a ata. Mas, antes disso,

vinham as conversações e todos nos falavam, o bom, o mau, o que vinha olhar, o que fazia a composição de lugar, as traições, as enganações... Eu te dou minha palavra! Me disse um milico! E, então, contei a ele, pois ele não o sabia seguramente, o que era o capítulo quatro do Quixote, onde a palavra dada podia não ter valor se não se tratava dos mesmos códigos, das mesmas sensibilidades. Então, explicava pra ele este fenômeno terrível.

### **P e d r o**

Tem-se que falar do Quixote nestas situações, não acha? (Risos).

### **A n t o n i a**

Veja que “O Menino Andrés” dizia ao Quixote que não confiava em Juan, o rico, pois não era um cavaleiro. Dizia “quando você se for vai voltar para me buscar, vai me matar”. Neste sentido, o capítulo quatro do Quixote é muito pedagógico. Não havia possibilidade de dar sua palavra entre fenômenos tão ímpares.

...

Criação e literatura. Lembranças que se imbricam. Uma moral herdada e construída com esses arquétipos de tinta. Marco, em outro tempo e lugar, lembra da construção da sua sensibilidade.

### **M a r c o**

As pessoas sempre me diziam: “toda conversa com o Marco sempre termina em política”. Toda! Você pode estar falando de floricultura, vai terminar em política. E, assim... Nunca consegui me ligar à política institucional. Nunca consegui pensar em sequer me candidatar a nada. Por uma razão muito simples. Eu tive uma criação que... Me ensinaram a brigar muito, a ser muito... Quando eu era menino, se um menino de sete anos falasse assim: “eu te dou a minha palavra de honra que eu faço isso ou que eu não faço isso”, essa palavra de honra valia, mas valia assim.... O menino morria, mas não quebrava a palavra dada.



Foto N° 21 – Marco lembrando.

## **Florença**

E de onde vem essa empatia com o outro?

## **Marco**

Pra te dizer a verdade, eu nunca fui cristão. Desde que me entendo por gente, eu sou ateu. Quando quiseram que eu fizesse primeira comunhão, toda a família... Me batizaram, porque eu era bebê... Eu nunca consegui acreditar em nada em que eu não pudesse colocar a mão. Eu acredito em muitas coisas científicas sem nunca ter visto, mas que estão mais que provadas.

Então, eu acho que sensibilidade, que solidariedade, que fraternidade não dependem de religião. A Dodora foi criada como cristã. Eu acho que a coisa é de família mesmo... Se bem que eu tive que brigar um bocado, tive que quebrar o pau... Nunca fui muito ligado à família exatamente por isso. A família era de fazendeiros. Eram revolucionários enquanto não ficaram no poder. Eram anti-escravistas, abolicionistas, em pleno Brasil Império e escravista. Mas depois que ficaram ricos e essa coisa toda, aí esqueceram essa parte.

Eu, desde menino, sempre fui muito assim... solto. Sabe o quê que é solto? Solto na vida... Nunca dei muita bola pra família... Era aquele que fugia de casa... Que desaparecia de vez em quando... Que adorava mato... Ficava no mato. A minha diversão sempre me levava pro mato... A cabeça, até uma determinada idade, estava envolvida com pescaria,

caçada, mas sempre sozinho. E as pescarias e caçadas eram muito gozadas, porque o livro que eu levava pro rio substituía o resto.

Eu li. Li muito. Meu irmão mais velho tinha uma ótima biblioteca, e eu li que não foi brincadeira. Assim de... Eu comecei bem pequeno, ainda com as coisas do Monteiro Lobato. Lia a Narizinho, mas as coisas sérias também, econômicas, políticas... Eu lia, na biblioteca, de *Sítio do Pica-pau Amarelo* até o *Kama Sutra*. Porque lá não havia restrição. Tive contato com alguns filósofos... Então, acho que a minha formação, antes de ser religiosa, foi humanista. Eu acho que vem daí.

### **F l o r e n c i a**

E quais literaturas você considera marcantes?

### **M a r c o**

Alguns livros eu reli, eu releio, porque livros são absolutamente mutáveis. Eles mudam de um ano para outro, a cada cinco anos... É a forma que a gente tem de falar que a gente não muda. Porque, na realidade, quem muda é a gente. E, cada vez que a gente lê, o livro está diferente. Então, eu tive que reler muitas coisas. E releio até hoje algumas delas. Por exemplo, Machado de Assis, que eu li ainda menino. Graciliano Ramos, Tobias Barreto, estou falando dos autores brasileiros... O livro que me encantou desde sempre é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. E esse eu, na realidade, já devo ter lido no mínimo umas 20 vezes. É quase uma obsessão. Sei quase de cor. E tem um autor brasileiro, que eu considero, assim, um dos grandes poetas da literatura universal mesmo. Literato, poeta e filósofo, chamado João Guimarães Rosa. Esse eu acho completo. Não foram só obras de literatura que eu li dele, eu li por completo as obras... E, aliás, dei a obra completa dele quando minha neta fez um mês de idade. (Risos). Um dia ela vai ler e entender o porquê.

Então, eu acho que veio daí, desses livros. Li alguns autores alemães, russos... Eu acho que passei boa parte da minha vida lendo, porque como eu não estudei, não fui à escola, então, passei boa parte da minha vida lendo.

Eu tinha um amigo, que morreu há pouco tempo atrás, um belo dia virou pra mim e falou... Eu fui à casa dele e tinha três livros novos na biblioteca deles. Eu lembro um deles, eu virei: “Eduardo, me empresta esses livros que eu estou sem nada pra ler”. Já tinha lido toda biblioteca da maçonaria inclusive. Ele disse: “Você está doido, meu pai pediu esses livros por meio do clube de leitura, mas ele está viajando”. Eu abri os livros e disse: “eu te



entrego antes do seu pai voltar”. Ele disse: “não vai dar, meu pai volta dentro de quatro dias”. Eu disse: “me empresta assim mesmo”. E eu levei os livros pra casa...

### **Florença**

De quem eram os livros?

### **Marco**

Eu não me lembro. E li durante quatro dias, praticamente sem parar. Comia lendo, fazia tudo lendo e dormia pouquíssimo. E quase morri de dor de cabeça de tanto ler.

...

Dora fala de Marco com muita admiração. Chama a nossa atenção para os diferentes contextos de criação deles e para a coincidência entre seus dois gênios. Mas, sobretudo, enfatiza o sentimento de amor de um pelo outro como o fator mais estruturante das suas sensibilidades.



Foto N° 22 – Dodora lembrando.

### **Florença**

Me conta o que você pensou, aquilo que você lembrou que te fez apaixonar pelo Marco...

**D o d o r a**

Além dessa coisa da atração física, eu acho que tem uma coisa interessante que eu sempre pensei a respeito. Quando perguntam assim: o quê que você viu na pessoa? É difícil a gente falar, porque a gente vê um conjunto de características que a gente não analisa. Mas tem uma coisa que eu sempre pensei, que é o seguinte. Aquela coisa de que os opostos se atraem, isso eu acho uma babaquice, sabe... Mas essas coisas que o Marco fica contando, que é um cara destemido, que não tem medo de nada, ele enfrenta tudo, então, assim... Eu enxerguei nele uma pessoa completamente diferente de mim. E isso é interessante. Quando você reflete de uma forma racional, um acaba completando o outro. Então, isso sempre me atraiu no Marco. Ele é muito diferente, teve uma formação diferente, viveu num ambiente completamente diferente, é uma pessoa super inteligente sem ter feito o estudo formal, conhece um mundo de coisas, que é muito diferente de mim. Então, eu sempre senti essa admiração por ele, nesse aspecto. É um cara que enfrenta qualquer coisa. Pra ele não tem aquela coisa de “não sei fazer isso”. Ele não sabe, mas sabe que vai dar conta de fazer, que vai aprender. Então, essa é uma coisa que não está relacionada à ideologia política nem à coisa da atração (física).

**M a r c o**

Ela gosta de mim, porque ela é a mulher mais inteligente que eu conheço. (Risos).

**D o d o r a**

Quando eu penso “Por que eu vivo com o Marco esse tempo todo?”, não é porque sou medrosa e é mais cômodo estar com alguma pessoa, é porque eu GOSTO dele. E esse “EU GOSTO DELE”...

**M a r c o**

Você já viu as fotografias dessa mulher de quando ela era nova?

**F l o r e n c i a**

Já vi, uma beleza! Irresistível mesmo!

**M a r c o**

E, além de tudo, um corpo... Até hoje.

### **D o d o r a**

Eu vou bater nele, ele está querendo apanhar! [...] Então, é isso. Sobre aquele outro aspecto, esse lado humanista, eu também não sei dizer por que eu vim a ser uma pessoa com essa sensibilidade. Eu, às vezes, tendo a pensar que tem alguma coisa espontânea nisso aí, sabe. Mas não pode ser, não existe isso. As pessoas nascem como um livro que ainda vai ser escrito. Não sei se existe índole, eu acho que não existe não... Mas algumas pessoas, no ambiente em que elas são formadas, elas são envolvidas por determinado tipo de sentimento, atitude dos pais, dos irmãos, da família, tudo isso vai despertando ou aquilo que você tem de melhor ou aquilo que você tem de pior. Vai despertando coisas que estão latentes em você quando você nasce. Então, a nossa família não era uma família de posses, nós nascemos num ambiente bem “pobrinho”, apesar de morar aqui nessa casa. Na verdade, esse era um lugar desvalorizado dentro de Belo Horizonte. Mas era uma família onde pintava muito amor, sabe.

Minha mãe era uma pessoa extremamente doce, meu pai era aquele cara autoritário, sabe. Aquele que achava que podia bater bastante nos filhos quando desobedeciam, que impunha a autoridade dele a qualquer preço.

### **M a r c o**

Mas era um músico fantástico.

### **D o d o r a**

Mas era um cara assim... De sensibilidade artística. Um músico de primeiríssima linha. Foi considerado o melhor clarinetista do Brasil, durante o tempo em que ele estava na ativa. Era professor do Conservatório... Um músico fantástico! Era uma pessoa de sensibilidade, mas uma sensibilidade não muito trabalhada, do ponto de vista da relação com a gente, porque tinha aquela coisa do ultra-machismo. Era um cara do final do século XIX. Então, era assim que “a banda tocava” (era assim naquela época).

Então, a Dona Chiquita é que foi a grande mentora dele. Era uma pessoa de grande sensibilidade, embora muito submissa... Era aquela mãezona e sempre colocou na gente aquela ideia de uns pelos outros. Pelo menos dentro do núcleo familiar, a gente se protegia. Eu era a protetora dos meus irmãos mais novos. Eu brigava na rua pra defender meus irmãos, sabe...

Então era isso... Eu acho que começa com o tipo de ambiente que muita gente chama de berço, eu também chamo, mas no sentido de um berço mais pautado pelo sentimento.

Depois a gente vai pra escola, começa a ler... Eu não li muito, eu estudei mais... Eu li mais livros didáticos. Acho que a leitura eleva o espírito, sabe... Por mais que a coisa seja realista, às vezes, seja crua, tem essa característica de te levar para uma dimensão mais humana, de um modo geral.

Eu li muito esses românticos da literatura brasileira, José de Alencar, Machado de Assis, quando era mais nova... Meu pai... Olha que loucura! Acho que quando eu tinha 11 pra 12 anos, um dia chegou aqui com uma coleção completa de Dostoiévski. O primeiro livro que eu li chamava-se *Humilhados e Ofendidos*. Ninguém lê esse livro e depois sai do outro lado impune. Você conhece esse livro? É deslumbrante, é maravilhoso! O *Crime e Castigo* já tem uma outra conotação. O *Humilhados e Ofendidos* é muito interessante. É muito piegas inclusive, mas a pieguice ajuda a gente quando a gente ainda não tem preconceito contra ela.

### **M a r c o**

Dostoiévski não é nenhuma Madame Delly...

### **D o d o r a**

Então, a gente vai formando a mentalidade da gente em relação a isso. Aí vai amadurecendo... Cheguei na Escola de Arquitetura e tive a sorte de entrar na Escola de Arquitetura em 1961, quando a escola ainda formava alunos para serem arquitetos de boa formação estética, humanista, e tal. Porque, a partir da Ditadura, a universidade brasileira passou por um processo de sucateamento. Os melhores professores foram caçados, as melhores pessoas foram desbaratadas... Mas ainda nesse período em que eu entrei, foi uma escola que realmente mudou a minha cabeça. Fez a minha cabeça para o lado político de esquerda. Porque a turma com a qual eu me identifiquei, era a turma considerada subversiva. Então, nessa época, a universidade me ajudou muito.

...



Foto N° 23 – Dona Chiquita à esquerda.

### **Florença**

Você e Dodora tinham que estar muito convencidos... Porque foi muito o que estava em risco. Nem qualquer homem, nem qualquer mulher.

### **Marco**

Eu tinha uma aliada boa aqui, que era a sua mãe.

### **Dodora**

A Dona Chiquita. Ela nem sabia tanto das coisas... Mas ela gostava tanto do Marco! Impressionante o tanto que ela gostava de você!

### **Marco**

Da mesma forma que eu gostava muito dela!

### **Dodora**

Ela teve um derrame cerebral, um AVC, em 1973. Marco tinha acabado de voltar. Marco voltou em dezembro de 72. Eu já ia fazer um ano de emprego no Plambel. Então, eu ia tirar férias em fevereiro. Eu tinha entrado dia 13 de março de 72. Eu ia entrar de férias em março

de 73. A gente já estava com a viagem marcada. Aí, uns dias antes de a gente viajar, minha mãe teve esse derrame. Foram dois meses depois que você voltou que ela teve esse derrame. E ficou parálitica até 1979. Foram sete anos que ela esteve na cama. Mas ela não era revoltada, de forma alguma. Sempre foi submissa. A gente dava um atendimento VIP pra ela. Nós compramos cama hospitalar, cadeira de rodas, tudo o que tem em um hospital. Fora os períodos que ela passou no hospital. Naquele quarto, a gente instalou campainha. Deixamos tudo no maior conforto possível. Aqui tinha uma porta e aqui tinha uma janela. A gente fechou o negócio de tal maneira que ela não ficasse incomodada. Que a luz não a incomodasse. Com o intuito de deixar ela no cômodo central da casa, para acompanhar tudo o que estivesse acontecendo.

### **Florença**

E por que vocês falam que ela era uma aliada?

### **Marco**

Porque nós nos gostávamos muito. E quando ela ficou sabendo, ela achou ótimo.

### **Dodora**

Eu tinha um cunhado, casado com minha irmã, esse era considerado o cara normal. Um dia, ela falou assim: “Dodora, eu não gosto do Paulo. Eu gosto é do Marco”. Do desviado! (Risos). Maior barato!

### **Marco**

Inclusive, o livro mais chato que eu li na minha vida foi o *Guerra e Paz*, do Tolstoi. Eu não conheço nada mais chato do que aquele livro. Eu li quando tomava conta da Chiquita no hospital. Eu dormia com ela no hospital. Lia durante as noites. São mil e muitas páginas. Três volumes.

### **Dodora**

Ela falava que... não se sentia mal. Ela se sentia muito feliz, pois tinha os netos, os meninos, os nossos filhos... Todo fim de semana vinha a família toda, era uma delícia! Não sei como deve ser ser parálitica, não, mas deve ser horrível! Ela falava que era bom!

**M a r c o**

Essa família da Dodora é uma família meio atípica! Eu vou contar um casinho rapidinho, de um avô da Dodora. Ele era clarinetista na banda de Ouro Preto. Que era a banda chique que tinha em Minas. Ouro Preto era capital nessa época. Porque não existia Belo Horizonte ainda. E o avô da Dodora era um criolinho de uns 16 anos de idade, que tocava uma clarineta fantástica! O Pedro II, que era o nosso segundo imperador, um tremendo filho da puta, mas intelectual – metido a intelectual, cientista, essas coisas todas –, viajava pelo mundo inteiro e viajou o Brasil quase todo. E gostava muito de vir a Minas Gerais. Veio ao Caraça mais de uma vez. No Caraça tem inclusive uma pedra na descida para a casa das escravas. Nessa pedra tem desenhado um brasão do império, na pedra, esculpido, que foi onde ele escorregou e bateu a bunda nessa pedra.

**D o d o r a**

Ao invés de desenharem a bunda do cara, desenharam um brasão!

**M a r c o**

Um estudante sacana foi lá e desenhou o brasão. E Pedro II chegou a Ouro Preto. E, lógico, a banda foi tocar para o imperador. E a banda tocou. Quando terminou, o imperador mandou chamar o clarinetista de 16 anos e falou com ele: “Eu gostei tanto da sua música, do seu jeito de tocar. Você toca tão maravilhosamente, que você pode me pedir o que quiser”.

**D o d o r a**

Você acredita? O IMPERADOR falou ISSO com meu avô.

**M a r c o**

Sabe o que ele pediu? “Eu quero 15 dias de licença da banda!” (Risos).

**D o d o r a**

Você acredita? Por isso que a gente é pobre desse jeito!

...

Os antecedentes afetivos mais próximos, como as figuras paternas e maternas, instituíram com seus modos de ser arquétipos que lhes dispuseram a simpatizar com o *corpus* mitológico próprio da esquerda. As imagens vindas da literatura também assim o fizeram. Eles se compõem destas presenças que, no dia a dia, se expressam informando sua percepção.



## **Capítulo III**

### **A instabilidade do homogêneo**



Tentamos trazer até aqui algumas das imagens nas quais temos pensado ao longo da pesquisa de campo, emergidas das falas e de nossas associações. Estas tem construído um sujeito caleidoscópico, composto por todos os tempos e relações significativas.

Usamos a teoria bergsoniana da memória para tentar compreender como esse passado se faz presente e como as nossas representações imagéticas estão além da percepção e da lembrança. As imagens da nossa vida arquivadas são uma força significante em suspensão. Nem exatamente a coisa nem exatamente uma delirante representação.

Quisemos entender melhor o que há por trás de um hipotético homogêneo, como é um suposto casal de “indivíduos” que se reconhece como de esquerda, quer dizer, que acha que essa denominação transversaliza grande parte deles mesmos ao longo do tempo. Pretendemos, evocando as matrizes e representações em jogo, alargar nosso horizonte de interpretação de suas próprias memórias e, como implícito desdobramento, da noção mesma de *pessoa* refletida para um sujeito ocidental.

Implicitamente sugerimos que nada do que *a priori* é uma unidade, uma homogeneidade, de fato é. Nenhuma dessas influências antes mencionadas são absolutas e determinantes. Não há neste trabalho relações conclusivas e, sim, imagens em jogo que, neste momento e neste lugar, para nós, fazem sentido. A força da incerteza e do conflito tem permeado os depoimentos, sobretudo na hora de estabelecer um consenso narrativo. Os diversos relatos não escapuliram do risco de gerar diferença. Esta breve coletividade de quatro pessoas construiu corajosamente novas perspectivas das próprias histórias, subjetivações de si, deixando-se permear pelas nossas diversas lentes. Pretendemos neste capítulo abordar algumas imagens que, em particular, representaram este movimento divergente, não com o intuito de sublinhar futilmente o embate em si mesmo, mas com o desejo de remarcar a atividade mnemônica como uma desordem viva e catalisada pelo próprio poder da imagem.



Foto N° 24 – Espectros de Pedrín.

### 3.1 – Dos retalhos e do inacabamento

Em sua obra *Arqueologia do saber*, Michel Foucault (2013) postula que a história tradicional ou global, aquela que sustenta uma cronologia contínua dos monumentos e da razão, tem sofrido uma mutação epistemológica, resultando na história geral, ocupada com a formulação de séries irreduzíveis a um modelo totalizador. Esta mudança se produziu, diz o autor, com os aportes dos trabalhos de Karl Marx, da genealogia nietzschiana, da psicanálise, da linguística, da etnologia, que problematizavam a onipotente integridade da noção de indivíduo. A figura da descontinuidade é a nova forma a ser pensada pelo transformado discurso histórico. Uma nova modalidade histórica para um novo sujeito produzido. Sujeito fragmentado e descontínuo, que nos apresenta desafios na apreensão da sua representação.

Sobreviver ao tempo, sobreviver no tempo. Como Paul Ricoeur (2010) nos diz, a memória é quem garante a continuidade temporal da pessoa, possibilitando, com suas lembranças evocadas, reconstruir os arquipélagos de si.

A relação que temos com a memória é dubiamente delicada. Ao mesmo tempo em que compulsivamente guardamos e arquivamos objetos, imagens e palavras para deixar constância de nossa existência, como diz Alain Resnais no seu filme *Toute la mémoire du monde*, o homem, no fundo, tem medo de ser engolido por essa bagunça arquivada. Para

proteger sua liberdade, construiu fortalezas. Estas são feitas dos critérios de organização e conservação, que escolhem uma série de experiências, que antes faziam parte do universo abstrato da vida, e as distinguem como documentos do real. Todas estas experiências são guardadas, colocadas em suspenso em caixas, sótãos, álbuns, cofres, bibliotecas. Ficam ali, prontas para o dia em que alguém as puxe para cortar o presente, para se lembrar dos outros, para lembrar-se de si.

Ricoeur (2010) chama nossa atenção para a relação entre a identidade e a memória. O autor nos coloca perante o que chama de “problemática da identidade” e, esmiuçando suas causas, nos alerta sobre a fragilidade da própria memória e, portanto, da identidade.

Em primeira instância, esta *problemática* tem sua causa no que ele denomina de relação difícil com o tempo. Diz o autor “A manutenção de si no tempo repousa num jogo complexo entre mesmidade e ipseidade” (Ricoeur, 2010, p. 94). Assim, aparece um *outro do passado* fantasmagórico que se diz *eu*, confrontando o presente e colocando em risco a própria existência do *Eu do presente*. Produz-se, neste momento, uma disputa de poder e legitimidade no interior de cada indivíduo. As imagens arquivadas se apresentam materialmente como nosso duplo, implicando uma “semelhança (que) não exhibe mais o Mesmo, mas se infecta de alteridade” (Didi-Huberman, 2013, p. 200).

Se, como foi acima retratado, a constituição da(s) memória(s) de uma pessoa é um processo conflitivo, imaginemos agora a situação de um casal que se vê incitado a narrar a vida juntos. Quando o arquivamento da memória é uma tarefa coletiva, a disputa pela legitimidade é intensificada. A negociação e a fabricação da verdade como consenso é indispensável. O arquivo mnêmico suscita diferenças antes do que monocórdias narrativas.

Antônia e Pedro tentam reconstruir os primeiros momentos de noivado:

**P e d r o**

Foi um período que parece longo, mas que deve ter sido de...

**A n t o n i a**

Abril a...

**P e d r o**

Não, de abril não...

**A n t o n i a**

Mais para lá... maio, junho...

**P e d r o**

Tem que ter sido muito mais para lá.

**A n t o n i a**

Não, porque fomos ao Estádio em Junho, acabava de cair Antônio... Era inverno.

**P e d r o**

Me parece que foi ainda depois. Claro, os períodos parecem tão longos e, quando a gente vê... foram dois meses, três meses.

**A n t o n i a**

E pareceu eterno, claro! Fazíamos mil coisas, todos os dias era uma tonelada de tempo. Ligadíssimos o dia todo, o tempo todo.

**P e d r o**

Olha, vou te falar: se não estou equivocado, o lançamento dos candidatos do FIDEL foi no dia 8 de Outubro. E no [dia] 25 de Outubro a gente começou a namorar. Olha como engana...

**A n t o n i a**

Mas, então, está faltando o período anterior...

**P e d r o**

Um pouquinho...

**A n t o n i a**

Está faltando o da brigada de intervenção de bairros.

**P e d r o**

Pelo que eu me lembro, a primeira vez que falamos foi no dia 8 de Outubro, no lançamento... Me parece, vai saber!

**Antonia**

Mas o episódio do bairro dos judeus onde nós... onde foi o ato na praça...

**Pedro**

Me lembro sim, mas pode ter sido qualquer dia... pode ter sido...

**Antonia**

Lembro-me que Pedro tinha umas meias... Não me lembro que sapatos – eu não era muito observadora –, mas tinha umas meias brancas que não me esqueço. Lembro-me das meias brancas *sport*, que naquele momento não eram tão comuns, ninguém andava tão *sport*. Daquele ato me lembro das meias brancas. Você se lembra das meias?

**Pedro**

Sim, me lembro sim.

**Antonia**

Foi o ato em que León disse: “tem que falar”.

**Pedro**

Que você tinha que falar...

**Antonia**

O que falei naquele ato? Ninguém sabe... Porque assim se passavam as coisas, mas...

**Pedro**

Suponhamos que fossem duas atividades por semana, ou três. Sábados e domingos, como eram dias livres... deve ter acontecido o ato. Foi num bairro aqui por perto. Outra vez fomos a um bairro onde eu vivia, Novo París, Paso Molino.

**Antonia**

Ah, me lembro sim... Que eu te recriminei, pois não me convidou pra comer, ou não me levou pra tua casa, mas levou a...

**P e d r o**

Já éramos noivos?

**A n t o n i a**

Não me lembro. Mas eu recriminei alguma coisa.

**P e d r o**

Eu acredito que começamos a namorar no dia 25 de Outubro. Logo, tivemos um mês até o vinte e tanto de novembro que foram as eleições.

**A n t o n i a**

Aí a gente se separou, porque fizemos coisas diferentes.

**P e d r o**

Bom, outra vez fomos ao interior, a Carmelo.

**A n t o n i a**

Ah, sim, Carmelo!

**P e d r o**

Imagina estudantes da capital, mauricinhos da cidade...

**A n t o n i a**

Fazendo propaganda partidária em Carmelo...

**P e d r o**

Algum companheiro teve que ir de porta em porta, onde havia muitas prostitutas e bordéis. O que íamos lhes dizer?! Com vinte e poucos anos, sem conhecer o mundo ainda... Outra vez fomos a Las Piedras. A gente voltou de trem.



## **Antonia**

Tudo isso era motivo de encontro e de aproximação. Mesmo assim a gente era devagar em comparação com os tempos de hoje, de nossos filhos, sobretudo da filhota de 25 anos... Pelo amor de Deus! Tínhamos velocidade de tartaruga.

•••

Ricoeur (2010) nos diz: “é mesmo enquanto fator de integração que a ideologia pode ser tida como guardiã da identidade, na medida em que ela oferece uma réplica simbólica às causas da fragilidade da identidade” (p. 95-96). Em sintonia com a definição de Geertz (2005), podemos supor que as teias de significação ideológicas que fazem parte de Antonia e Pedro lhes assistem com dados – reais ou não – na construção de suas memórias. A ideologia partidária, enquanto protetora de uma certa identidade grupal, criou esquemas coerentes de narração e interpretação, pretendendo construir uma versão unanimemente consagrada (Bosi, 2012) da qual os integrantes se servem para lembrar.

No entanto, essas narrativas não fogem dos conflitos intrínsecos aos pontos de vista. Os sujeitos que lembram, emaranham estes dados “historiográficos” com os desvios poéticos das imagens fetichizadas, com as sensações térmicas, com os humores do dia.

Mais uma vez, apontamos a construção coletiva da memória como um trabalho conflitivo, mesmo quando existem vários dispositivos de consenso, como, por exemplo, uma relação amorosa e um nexos ideológico. A memória tem sua dinâmica interna que, quando expulsa para o domínio público da consciência, evidencia os diferentes sistemas que ela produz em cada espectador do mesmo fato (Bosi, 2012).

Nos relatos de Pedro e Antonia há uma inegável sensação de não se ter dado a real dimensão às coisas que se passavam no momento em que elas se passavam. Ao mesmo tempo, esse sentimento não está carregado de arrependimento, mas de aceitação, ou, no limite, de assombro ou curiosidade. Às vezes, o que lhes promove essa objetivação é a exposição das suas histórias perante um outro, seja eu, sejam velhos amigos que lhes abordam com novas interpretações e versões deles mesmos.

## **Florencia**

Vocês se casaram na igreja?

**P e d r o**

Não, somente no civil. Não fizemos festa nem nada. Aos que foram no civil os convidamos de última hora para um trago lá em casa. Não temos fotos.

**A n t o n i a**

Ninguém se lembrou de tirar fotos do casamento. Alguém tirou uns diapositivos. Tem umas de um grupo de amigos que tínhamos que resgatá-las.

**P e d r o**

Temos cinco diapositivos resgatáveis.

**A n t o n i a**

Nunca nos preocupamos com fotos... As coisas que se perderam, eu, às vezes digo a mim mesma, se perderam. O passado é tão imenso, o que resgatar? Aquelas fotos se perderam, por exemplo, porque meu pai as enterrou para não perdê-las, para não ter que destruí-las. Apareceram, mas já não eram prioritárias. Dá uma sensação de que não paramos nunca.

**P e d r o**

Tudo era muito rápido, não nos importávamos com nada.

**A n t o n i a**

Uma companheira que voltei a ver depois de 30 anos, que estava exilada na Argentina, comentou... que eu chorava pouco. Eu não recordava disso e me impactou muitíssimo. Que ela me havia visto chorar pouco por todas estas coisas terríveis que haviam acontecido, a morte de Nibia... Uma vez, disse a ela: “estou grávida”. E, claro, agora conto como um resultado positivo da vida, e creio que naquele momento também senti assim. Mas ela havia me visto como que juntando as duas coisas, a gravidez e a morte de Nibia e... chorei. Me disse isso há pouco tempo. Tem milhões de coisas que estão em outra dimensão. E eu não as posso captar plenamente. Às vezes, com alguma história que alguém te conta de como te via. Alguma coisa que aconteceu com você. Às vezes penso que nem sempre foi a maneira de ver as coisas. Às vezes penso que tem a ver com a detenção, com a cadeia ... cortar, entrar em uma outra dimensão para afrontar e resolver de outra maneira.

...

Essas partículas de si que estão em outra dimensão lhes retalham. O arquivo pessoal converte-se na tentativa de apreender alguns destes recortes esparzidos pelo ar. Mais uma vez, nos invade aquela sensação de imensidão em expansão: quanto mais vivemos, mais escamas de nós vão se perdendo e se metamorfoseando. Apenas num dado momento somos aquela pequena porcentagem de poeira. Quando nos conferimos, às vezes temendo pelo nosso desvanecimento, outras nos aventurando às passagens, abrimos também as possibilidades do improvável que, em certas ocasiões, pode ser desagradável. Injetamo-nos de alteridade e estranhamento: no fim das contas, sempre podemos amanhecer no corpo de uma barata.

Falávamos sobre o período em que Pedro já estava preso, Antonia procurada pela polícia e Pedrín, o primeiro filho, sob os cuidados de seus avós.

**Florença**

Em todo esse período, vocês se comunicavam somente por cartas?

**Pedro**

Sim.

**Florença**

E alguém te levava notícias? Pedrín ia?

**Pedro**

Sim, mas Pedrín quase não se encontrava com Antônia, não levava notícias dela.

**Florença**

Quase não se encontravam com Pedrín?

**Antonia**

Na época da clandestinidade, justamente desde o ano de 1979 em diante, foi quando pensávamos em reconstruir o partido. Aí já estávamos mais comprometidos. Os encontros com Pedrín eram por meio de amigos. Depois do ano de 1980, chegaram os meus tios da Espanha. Nesse momento, tivemos vários encontros com Pedrín, pois viajamos para o interior do Uruguai.

(Para Pedro). Eu nem imagino qual seria a sua versão da história...

**P e d r o**

Mas você se encontrava muito pouco com ele, ou, pelo menos, se encontrava ainda menos...

**A n t o n i a**

Sim, a gente se encontrava menos...

**P e d r o**

Também não sei, mas quantas vezes por mês você o via?

**A n t o n i a**

Não sei, nem me lembro.

**P e d r o**

Uma? Duas? Cinco? Dez?

**A n t o n i a**

Às vezes passávamos vários dias juntos, e, às vezes, não tínhamos notícias por uma semana, eu tenho me esquecido muito...

**P e d r o**

Mas, desse jeito como você está contando, se passavam juntos vários dias e, depois, uma semana sem se ver, qualquer um entende que passavam a metade do tempo juntos. Essa era a proporção?

**A n t o n i a**

Não, era não.

**P e d r o**

Bom, então esclareça.

...

Diz Ricoeur (2010): “O esquecimento é o desafio por excelência oposto à ambição de confiabilidade da memória” (p. 425). Há uma espécie de apreensão involuntária que

superpõe os tipos de rastros, documental, psíquico e cerebral, que depositam no espaço mnêmico um caráter conferível, como se fosse somente uma questão de cadeia verificativa ativada e irreversível. Contudo, quanto menos informação aparece numa tela (mnésica ou cinematográfica) maior é a profundidade de campo para exprimir a força dessa imagem, que muitas vezes nos surpreende pela potência de seus desdobramentos reflexivos.

### **Florença**

Antonia, como você lida com os vazios?

### **Antonia**

Não sei, estas coisas assim, detalhes... Passaram-se décadas sem falarmos disso. Quando nos juntamos com alguns companheiros de detenção, quando a comissão de paz de 2002... Quando caímos, três companheiros haviam desaparecido, e, ontem, me dizia Elbio que o último a desaparecer foi o Matos. Então, queríamos colocar isso à comissão...

O fenômeno de falar se instaurou com dificuldade.

Começamos a falar em uma reunião na qual cheguei tarde. Reunimos o elementar, mas ficaram muitas coisas soltas: como havia caído um, como havia caído outro, na verdade, nunca havíamos compartilhado isso.

Em 2012, fizemos a denúncia. Estabeleceu-se que a lei não tinha efeito e, aproveitando as reviravoltas da lei, entramos com mais de 120 denúncias. Muita gente não quis participar. Poderíamos ter sido 50 ou 60 que passaram pelas torturas, contudo, fomos apenas 12. Tem gente que tem muita memória, mas não a usa.

### **Florença**

Você pode reconstruir algo a partir destes comentários de Pedro?

### **Antonia**

Às vezes sim, às vezes não. Outro dia me encontrei com algumas amigas, umas ex-presas, outras não, e uma amiga muito querida começou a falar mal de uma ex-presa diante de pessoas que nem sequer tinham estado no país e nem tinham estado presas. Eu disse a ela: “Espera aí, deixe de histórias”! Aquele não era o lugar pra falar disso.

**Florença**

Talvez a memória esteja mais cheia de lacunas que de lembranças. Dá a sensação de que, às vezes, não se tem a necessidade de preenchê-la.

**Antônia**

Completamente. Nem sequer quando me fazem recordar coisas das quais não me lembro não me afeta, para mim, já era.

**Florença**

E, você, Pedro?

**Pedro**

Sobre estes vazios? Você sabe que eu não os tenho, ou pelo menos não os noto. Percebo falhas naturais na memória ao reconstruir as lembranças. Desconfianças normais, porque outras vezes me dei conta de que acreditava me lembrar de algo de uma maneira e, na verdade, tinha acontecido de outra. Por exemplo, não me lembro exatamente quando me castigavam na cadeia, mas lacunas como vejo em Antônia, em mim, eu não as noto, o que não significa que não as tenha.

Como muitos outros companheiros, quando preso, escrevi umas cartas que eram exercícios para me organizar. Estas cartas não eram para ninguém, simplesmente serviam a mim, me ajudavam a manter viva a memória, recriando o que sentia em cada momento.

O que acontece com a memória é que se você não narra os acontecimentos você os esquece. Na cadeia me esqueci, por exemplo, de todos os nomes de meus companheiros de faculdade, de meus amigos, pois não os mencionava a ninguém.

Já outras coisas que aconteciam por lá, sim, pois conversava com meus amigos. Talvez ela, na clandestinidade, não podendo conversar com ninguém, se esqueceu de muito mais coisas do que quem se exercitava narrando reiteradamente, mesmo que mudando o contado, o que também acontece.

Não me sinto mal com estas lacunas, nem com algum trauma. Me lembro de uma vez em que fui a uma psicóloga e me perguntei “onde dormia na casa de Lagomar?”. Não me lembro. Hoje não posso me lembrar de onde dormia. Em 1973, estava dormindo em tal quarto, pois me lembro da noite do golpe, mas, quando tinha 17, 18 anos, onde dormia? Não me lembro.



Foto N° 25 – Pedro longe.



Foto N° 26 – Antonia longe.

O que há no limiar da imagem, da escrita, especializado nestas zonas de penumbra-  
esquecimento? Podemos pensar que, às vezes, essa assignificância ecoa simplesmente até  
encontrar uma ilha de luz dizível. É possível silenciar o arquivo empurrando a gaveta para o  
fundo do armário. “Reconhecer uma lembrança é reencontrá-la” (Ricoeur, 2010, p. 441), e  
nem sempre estamos prestes a fazer esta operação. Paul Ricoeur (2010) coloca certo

esquecimento como sinônimo de perdão. Esta possibilidade nos interroga, finalmente, *a quem de nós estamos perdando na hora de fazermos nossas narrativas históricas?*

**Antonia**

Eu estou me perguntando, por exemplo, quantas vezes eu me comunicava com meus pais?

**Pedro**

Nesse momento não havia telefone, então, muita comunicação não podia haver. Tinha que se comunicar com algum amigo, que falava com os pais que, no próximo sábado, às cinco horas, ia estar em tal ponto de ônibus...

**Florencia**

Mas como você sente que o Pedrín lidava com a sua clandestinidade e com a prisão de Pedro?

**Antonia**

Acho que estava habituado a isso, não sei se ele percebia a extrema gravidade da situação. Ele tinha que ir na cadeia para ver o pai...

**Florencia**

Mas ele chorava?

**Antonia**

Não tenho notícias disso.

**Pedro**

Quando ele tinha dois anos, ele me visitou na cadeia. Foi tão lindo! Todos os companheiros tinham visitas. Estávamos num galpão com mesinhas pequenas e um milico. Meus pais foram com Pedrín. Nunca vou me esquecer daquele dia, pois Pedrín, com dois anos, me levou um chocolate! Imagine! Eu que estava comendo merda há meses! Ou nem comendo direito! Comi na hora aquele chocolate. Passei toda a visita falando com meus pais. Pedrín quase nem falava, mas quando foi a hora de ir embora ele gritou: “Tchau papai, amanhã a gente volta”. Ficou para todos os presos da cadeia uma doçura gigantesca. Esse episódio passou à história.



**Antonia**

A gente usa essa expressão como parte de nosso glossário familiar.

...

Essa frase lembrada, que remete àquele episódio, reverbera nas milhões de situações em que hoje é empregada, atualizando e reforçando o afeto e a cumplicidade. A repetição da frase em vários contextos é uma ação política contra o esquecimento. Ainda mais, é uma expressão de intervenção naquele passado que, apesar de evocar objetivamente o desmembramento familiar, ressurge como uma chave da resistência, do amor e da união, que até hoje se recria.

Pensamos o espaço-tempo do arquivo mnêmico como irregular, descontínuo e presente. Mesmo se referindo ao passado, podemos expressar a sua atualização quando nos lembramos da contemporaneidade do passado, no sentido de que ele coexiste com o presente do qual ele já é o passado (Deleuze, 2012, p. 49). Porém, aqui, o risco da superposição dos tempos e dos sujeitos aumenta. O arquivo pessoal se constrói como salvaguarda da distância entre os tempos/pessoas e, paradoxalmente, na hora da sua abertura, justamente o que ele apresenta é a justaposição, a mistura e a confusão. Passado, presente, aqueles e nós.

Antonia estava servindo uma deliciosa torta que tinha cozinhado. Como sempre na cozinha e temperando nossas falas com delícias. Pedro e eu vasculhávamos na sua caixa de lembranças, onde a vida parecia finita e superposta.

**Pedro**

Estas são as primeiras coisas que permitiram entrar na cadeia quando apareci. Deve ter sido das primeiras, pois diz: “enviem um prato fundo...”. Quando você caía preso, eles te deixavam um tempo na tortura e ninguém sabia que você tinha ficado preso. Ninguém se responsabilizava. Quando a gente ia para o quartel, avisavam a tua família. Ficávamos sem comunicação, mas por meio de cartas podíamos pedir roupa e um pouco de comida. Lembro que consegui que deixassem entrar um pouco de mel com o papo de que tinha uma úlcera. A gente compartilhou-o com os outros presos.

Este é meu número de preso.



Foto N° 27 – 2335.

Esta foto é de quando Antonia saiu da cadeia,



Foto N° 28 – Antonia volta à cozinha.

e esta foto é de quando eu saí da cadeia, e que fizeram uma reportagem.



Foto N° 29 – Pedro na imprensa.

**Florença**

Quanto pesava?

**Pedro**

Vixe! [...] Acho que 64 quilos. Agora peso 86. Quando saí do cárcere pesava 73. O peso ideal. Depois emagreci e cheguei ao peso de uma caveira.

**Florença**

Você não acha uma maluquice estar falando sobre tudo isso a que você sobreviveu?

**Pedro**

Não acho incrível, não... Talvez seja porque a mentalidade de um doente não é igual a de uma pessoa saudável. A prostração, a dor, a debilidade do doente já são parte de sua vida. Não lhe afetam psicologicamente como, por exemplo, a uma pessoa saudável. A própria cadeia. Você olha para aquilo e acha que é impossível! Tantos anos! E depois a gente se acostuma. Cada dia você se sentia feliz se, por exemplo, fazia bem um artesanato, se jogava

bem o futebol, se recebia uma carta ou se ganhava no xadrez. Houve companheiros que surtaram e se mataram. A gente sobrevivia, até que saía. Havia pessoas na cadeia que tinham caído por mercenários e, sem a força da nossa ideologia, da luta por um mundo melhor, também tiveram que se adaptar. Se não existe outra opção, a gente rema. Há algum tempo que estou pensando... Agora, quando vinha do supermercado, passei pelo bairro em que meus pais tiveram uma loja. Quando tinha 10, 11 anos, brincava nessa rua.

Me vi brincando no passeio. Logo pensei uma coisa que venho pensando há muito tempo: então, isto era a vida! Isto que vivi, que não foram apenas desgraças, coisas das quais estou muito feliz... Isto era a vida! Agora, vejo meus netos e me pergunto: “que vida lhes tocará?”. Olha como se passou a minha vida. Conhecer uma mulher! Todos os dramas dos 13, 14, 15, 16 anos, e a gente nem imagina o que vai ser depois. Meus amigos, os confidentes e eu, acreditamos que foi uma época vivível. Que de fato se viveu. Eu não estou inconformado. Se, por alguma razão, eu pudesse escolher algo que não vivenciar novamente seria a tortura. Mas, ainda assim, depois que você já está lançado, já não é possível parar. Tínhamos tanta esperança! Teu pai, por exemplo, desde a época da cadeia, é um cara super otimista. Ele sempre dava uma força. Mesmo vivendo em condições ruins na cadeia, a gente tirava forças das fraquezas. Sabíamos aproveitar o ruim...

### 3.2 – Produzindo imagens

*A imagem não se apoia em nada e por isso não conhece nem o  
repouso nem a segurança.  
O que significa que é com base numa fraqueza insigne  
e num por em perigo  
que a arte desenvolve um poder de transformação,  
não uma transformação do mundo,  
mas uma transformação da relação entre os sujeitos que constroem  
e partilham um mundo  
(Marie-José Mondzain).*

As narrações, em geral, são tessituras no tempo de uma forma viva e mutante. Imagens e palavras são dois dos elementos de maior potencia narrativa. Convivem em estado de mútua provocação e evocação, quando juntas e mesmo quando separadas.

Como diz Cesar Guimarães (1997): “Imagem e palavra se perseguem e se separam, disjuntos, sem formar uma totalidade, sem encobrir a diferença que as reúne, mas proporcionando as trocas, as superposições, os hiatos e os desencaixes entre o visível e o legível” (p. 25).

Pensemos alguns exemplos de imagens que sintetizam experiências profundas para nossos casais, *a priori* ilegíveis, mas cuja significação se abre para nós por meio da revelação discursiva.

As imagens dos arquivos pessoais dos casais têm transitado da legalidade à ilegalidade. Esta distinção é crucial, pois esses registros se transformam em provas incriminatórias, deslocando sua significação, transformando as visibilidades e as enunciabilidades.

Ambos os casais celebraram núpcias no civil e, no caso de Dora e Marco, também na Igreja. Como qualquer casal, retrataram aquele momento em uma série de fotografias que foram durante alguns anos um repertório visível do seu amor. Depois de passar à clandestinidade, aquelas fotografias que tinham sido capturadas pragmaticamente sob a luz daqueles dias, submergiram nas sombras da ilegalidade. Incandescentes e sombrias eram, agora, bizarros dispositivos de perigo que tinham se voltado contra eles mesmos. Enquanto Dora queimou uma por uma das evidências do seu vínculo com Marco, os pais de Antonia enterraram essas fotos com a esperança de algum dia reencontrá-las.

#### **Florença**

Seu pai enterrou as fotografias do seu casamento, que anos depois foram resgatadas..

**Antonia**

Enterrou-as num tanque de gasolina de 200 litros, pois ele fazia as coisas como um bom galego! Forrando o tanque com nylon, sepultou todas as revistas *Marcha* e outras da União Soviética, além de diversos outros materiais.

**Florença**

Quantos anos tinham se passado?

**Pedro**

8, 9 anos...

**Antonia**

Quando veio a democracia.

**Florença**

Vocês estavam presentes quando as desenterrou?

**Antonia**

Sim, já estávamos livres.

**Florença**

Foi um ato solene?

**Antonia**

Não, não foi um ato. Fez isso por conta própria e, depois, apareceram as revistas e nós estávamos militando, já estávamos em outra...

**Pedro**

Claro, não tinha o valor histórico que teria hoje.

**Antonia**

Fica-me a sensação de que nunca podíamos medir o peso real das coisas que vivíamos, mesmo depois de sair da prisão. Tudo acontecia muito rápido, o fato de militar novamente, desafortadamente, e trabalhar... Tínhamos que reconstruir tudo, família... E juntar os

pedaços, as coisas da casa. Às vezes, dizíamos: “vamos nos casar de novo, assim, nos dão novos presentes”, pois haviam nos levado tudo.

...

### **Florença**

Você tinha que estar muito engajada com a causa dele para ficar sozinha por conta da casa, dos filhos...

### **Dodora**

Pensando bem, a causa era a mesma. Só que ele militava de um jeito e eu ficava aqui. Mas continuei simpatizante do partido.

### **Marco**

Ela tinha ainda contato com o pessoal, ajudava no que podia. Numa dessas ajudas, ela pegou o álbum fotográfico mais bonito que eu já fiz na minha vida. Eram umas 30 fotografias, 40 por 50, mas em forma de livro, de álbum, dela grávida. Isso lá em Cuiabá. Com luz natural, dentro de casa. Usando sombra e luz na barriga dela, sentada em uma cadeira que nós fizemos. Nossos móveis de Cuiabá... nós é que os fizemos. E, um belo dia, uns companheiros do partido que eram clandestinos... De Curitiba... Eles sabiam que a Dodora tinha esse álbum de fotografia, pediram emprestado. Porque eles estavam montando uma loja de fotografia. Um estúdio de fotografia. Então, eles queriam esse álbum para estudar, ver iluminação, porque eles estavam aprendendo a fazer fotografia. E levaram o álbum. E caíram.

### **Dodora**

Eu nunca mais vi meu álbum.

### **Marco**

Pode ser que ainda exista na mão de alguém. Aquele álbum era bonito.

...

A fotografia é apenas um objeto cujos efeitos de sentido (Dubois, 2012) vão se ativar segundo os contextos emergentes. Estes acervos tornam-se hoje sobreviventes, surgindo do centro do objeto meramente mimético como um símbolo do amor.

Imagens das mais diversas formam turbilhões de sentido dentro destes espaços arquivados. Às vezes, os objetos menos esperados, as fotografias mais inócuas emergem do passado muito mais que como figuras retóricas. Ressurgem exercendo o poder de sedução do passado, forçando o involuntário desmoronamento de nós sobre a história que envolve o objeto.

**M a r c o**

As festas de aniversário do Lucas começavam um mês antes do dia. A meninada participava da confecção do bolo. Tá vendo essa mesa de madeira aqui? Era uma mesa um pouco maior que essa... E teve bolo do tamanho da mesa!

**D o d o r a**

E o bolo era sempre uma cena!

**M a r c o**

Por exemplo... O bolo era a casinha de um sítio... Aqui em cima, no bolo, tinha uma matinha onde nascia um riacho e o riacho descia e formava um lago. Em volta dele tinha marrecos, patos, tudo feito de argila pela criançada. Tinha cobra, tinha galo brigando com cobra, tinha galinhas, cavalo, porco, burrinho carregando cesta...

**F l o r e n c i a**

Tem fotos disso?

**D o d o r a**

Sim, claro!

**M a r c o**

Tinha um tatu entrando numa toca perto do lago... Água nascia, corria, caía na água, e tinha uma bomba de aquário que a jogava outra vez pra nascente. Então, o rio corria de verdade! Isso é um dos bolos... O outro bolo tinha um forte Apache e o bolo mesmo eram duas montanhas... E um trem elétrico passava por dentro dessas duas montanhas.

**D o d o r a**

Era um barato! Foi uma casa muito alegre!



## Marco

Era uma animação! Não tinha um dia que não tinha um tanto de gente! No fim de semana, às vezes dormiam umas 20 e tantas pessoas nesta casa, entre crianças e adultos.

...



Foto N° 30 – O bolo de Lucas.

Soube também da existência de uma foto emblemática na cadeia. A foto era de Pedro e nela havia uma mulher na praia de costas. Somente para ele, Pedro, apresentava-se o rosto de Antônia na nuca da mulher, naquele momento requerida pela polícia. Para o resto, era simplesmente uma paisagem marítima com um contorno feminino e anônimo. Quando contei esta história para um amigo, ele me lembrou do quadro de Rene Magritte, *La reproduction interdite*, onde retrata-se um homem de costas olhando-se em um espelho no qual está refletido as suas costas.

Deleuze e Guattari (2010) distinguem um rosto como um sistema de significância e subjetivação, ou, em seus termos mais imagéticos, um sistema muro-branco/buraco-negro. O rosto não é a cabeça. A cabeça faz parte do corpo. O rosto não.

E precisamente porque o rosto depende de uma máquina abstrata que ele não se contentara em recobrir a cabeça, mas afetara as outras partes do corpo, e mesmo, se necessário, outros objetos sem semelhança. Consequentemente, a questão é a de saber em que circunstâncias essa máquina é desencadeada, produzindo rosto e rostificação (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 40).

É no buraco que se cria uma íntima subjetivação que nem todo mundo pode ver.

Esta é uma característica inerente à fotografia. O recorte. Num nível pragmático de leitura, o plano da nuca de Antonia exclui e expulsa literalmente seu rosto, mas sabemos que a presença latente deste resto/rosto de significado implicitamente se integra à fotografia. A fonte de luz que dá visibilidade é a intimidade.

Didi-Huberman (2013) chama a atenção para a restrição que tem nossas interpretações, sugerindo uma fuga, uma rasgadura por meio da qual nos abrimos a novas significações das imagens. Propõe um movimento de revisão do que *vem a ser visível* na imagem. Nos termos do autor, trata-se de dialetizar: “pensar a tese com a antítese [...] o tecido com sua rasgadura” (Didi-Huberman, 2013, p. 190). É nesse movimento que o rosto de Antonia é revelado. Pedro, nosso narrador, o torna visível<sup>17</sup>.



Foto N° 31 – Dodora é Antonia.

<sup>17</sup> Buscamos nos arquivos de Pedro esta foto de Antonia de costas. Infelizmente não a encontramos. Um dia, Marco estava nos mostrando seu arquivo de fotos no computador e, coincidentemente, reparamos em sua obsessão em fazer retratos de pessoas de costas. Na foto número 31, vemos Dodora de costas, sentada em um banco, contemplando o mar. Para mim, nesta foto, nesta dissertação, Dodora agora é Antonia.

Outrem é um mundo possível, tal como existe num rosto que o exprime, e se efetua numa linguagem que lhe dá uma realidade. Neste sentido, é um conceito com três componentes inseparáveis: mundo possível, rosto existente, linguagem real ou fala (DELEUZE & GUATTARI, 2013, p. 25).

Signos icônicos e linguísticos entram em relação, operando sob uma tradução inter-semiótica (Guimarães, 1997). Entre eles, de forma demiúrgica, cria-se um acontecimento que, no entender de Ricoeur (2010, p. 42), ganha status de coisa, integrando o regime do conhecimento histórico. Ele escreve:

Existe uma diferença essencial entre a tese da lembrança e a da imagem. Se me recordo de um acontecimento de minha vida passada, não estou imaginando, eu me lembro dele, isto é, não o coloco como dado ausente, mas como dado presente no passado. [...] Mas eis agora a reviravolta. Ela se produz no terreno do imaginário. Resulta daquilo que podemos chamar de sedução alucinatória do imaginário (RICOEUR, 2010, p. 69).

### **Florença**

Se tivesse que pensar em uma imagem significativa pra você, uma foto...

### **Dodora**

Pra nós? Pra ambos? Numa foto que existiu ou numa foto hipotética?

### **Florença**

Tanto faz.

### **Dodora**

Sabe no que eu penso? Em foto de viagem! Da gente viajando... Pode ser uma foto de Alcobaça, por exemplo, que acho que tem a ver com a gente... Eu não penso em outra hipótese de uma situação muito feliz... Pra mim é quando a gente está viajando mesmo! Essas coisas de álbum de família e tal, não imagino.

### **Marco**

Tem uma foto sua com o Pedro e a Ana, que eu tirei. O Lucas não existia.

**D o d o r a**

Aquela é bem significativa, mas não tem nem o Lucas nem o Marco. O básico mesmo é a família toda! Mas se tiver uma foto com os três filhos, que ele tenha tirado, já valeu!

**M a r c o**

É engraçado... Porque a foto mais significativa pra mim já não existe há muito tempo. E o pior de tudo é que eu não estou nela e não fui eu que tirei.

**D o d o r a**

Que foto é essa?

**M a r c o**

Imagina uma noiva com um vestido sem um frufu, liso, colado, branco, de cima a baixo sem um frufu. E um botão de rosa vermelha na mão.

**D o d o r a**

Tinha o véu, que era uma matilha espanhola chiquerrima, longa... Depois de mim, ainda tinha um metro de pedaço de renda.

**M a r c o**

Agora imagine uma mulher bonita, com corpo escultural... Escultural não... bonito, longilíneo, vestida desse jeito, com esse véu e com UM botão de rosa VERMELHO, na mão, no lugar de um buquê. Preto e branco! Aquela fotografia era um negócio assim...

**D o d o r a**

Eu não me lembro daquela fotografia!

**M a r c o**

Pois eu lembro! E não fui eu que tirei. Acho que foi o Dualídio.

**D o d o r a**

Ah, Marco, mas essa é a foto da sua vida?

(Risos).

Eu acho que fomos e somos pessoas muito felizes. Nessa idade, a gente não pensa muito em felicidade, não. Agora, a gente pensa mais em harmonização... Tomar vinho todo dia... (Risos).

**M a r c o**

Felicidade dos filhos é algo que está mais desprendido desse ímpeto de ser feliz.

**D o d o r a**

No tempo em que a gente precisava, a gente foi muito feliz, né?!

**M a r c o**

Muito mesmo!

**D o d o r a**

Uma vez eu falei isso com a Dedê! Dedê é a minha irmã! Quando a gente estava separado, eu aqui com os meninos... Dedê falou assim: “Dodora, como é que você consegue ainda gostar desse cara que te largou?”. Eu falei assim: “Olha, hoje eu estou aqui sem ele, mas, quando a gente estava junto, eu fui TÃO feliz – entre Teófilo Otoni e quando nos casamos –, mas eu fui TÃO FELIZ que valeu a pena”... Quando ele voltou, a gente retomou... Mas eu não acho que a gente recomeçou feliz assim que você voltou, não. Você estava eufórico, mas eu não sei se estava com aquela vontade de continuar... Mas logo a gente retomou a vida junto, e aí ficou muito bom MESMO.

...

Pedro conta que na cadeia não era permitido ter mais de 10 fotografias e que elas tinham que se renovar a cada pouco tempo. Esta política de esquecimento de si implementada pelas forças castrenses revela uma fascinante questão: qual é a potência real das imagens, do arquivo pessoal? Qual é o verdadeiro perigo que pode representar lembrar? Quando se teme que uma ponta incandescente de cigarro se transforme numa estrela<sup>18</sup>?

---

<sup>18</sup> Podemos pensar que, assim como na fotografia, a luz pode ser objeto de fetiche, por ser a fonte de visibilidade (Krauss, 2002, p. 137). A força das imagens se deve a essa dobra que na sua temível analogia se transforma em um guia na escuridão.

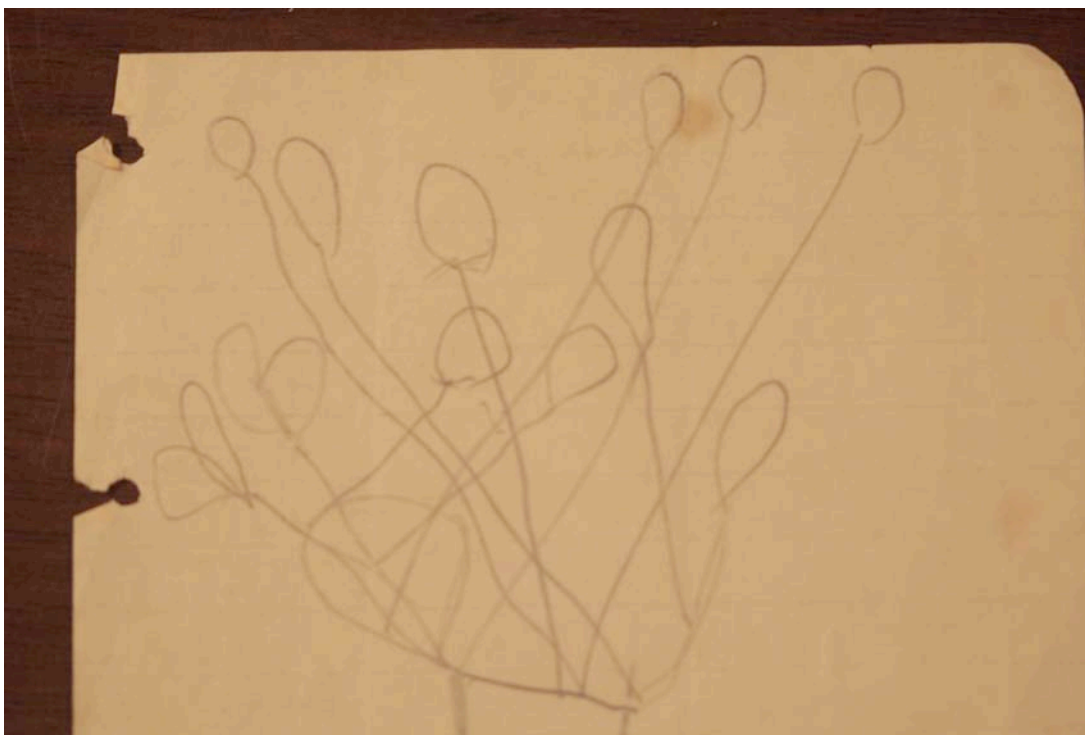


Foto N° 32 – Balões de Pedrín para Pedro na cadeia.

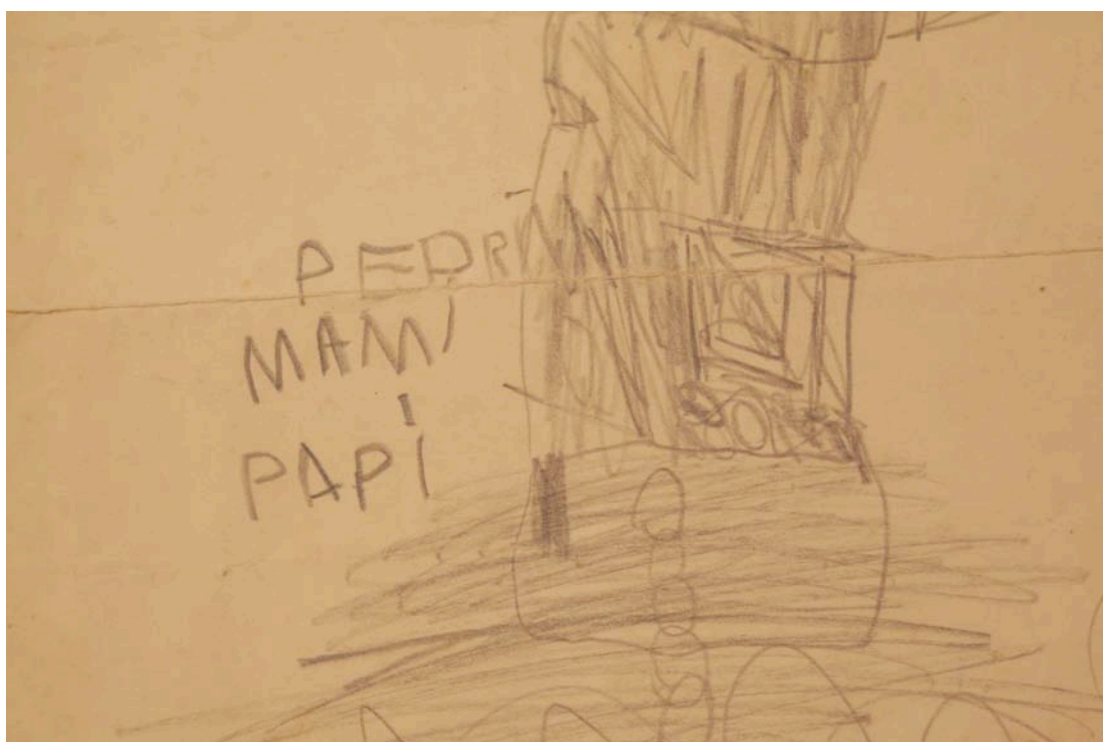


Foto N° 33 – Família.

Entendemos que construir imagens é uma compulsão vital. A contrapartida dessas práticas indignas de repressão é que as imagens são engendradas com procedimentos tão eficazes que dão conta de desafiar os apagões e a ausência forçosa de estímulos. O esquecimento é uma imagem que também pode ser oblíqua e imperecivelmente construída.

Trazemos uma notável passagem de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, onde magistralmente o personagem principal conta suas maneiras de enfrentar uma repressão análoga:

Houve também o caso dos cigarros. Quando entrei para a prisão, tiraram-me o cinto, os cordões dos sapatos, a gravata e tudo o que trazia nos bolsos, especialmente os cigarros. Uma vez na cela, pedi que me fossem devolvidos. Responderam-me que era proibido. Os primeiros dias foram muito difíceis. Foi talvez isso o que mais me abateu. Chupava pedacinhos de madeira que arrancava das tábuas da cama. Uma náusea permanente acompanhava-me durante o dia inteiro. Não entendia porque me privavam de algo que não fazia mal a ninguém. Mais tarde compreendi que isto também fazia parte do castigo. Mas, a essa altura, já me habituara a não fumar e isso deixara de ser um castigo para mim. A não ser por estes aborrecimentos, não me sentia muito infeliz. Todo o problema, ainda uma vez, estava em matar o tempo. Acabei por não me entediar mais, a partir do instante em que aprendi a recordar. Punha-me às vezes a pensar no meu quarto, e na imaginação partia de um canto e dava a volta ao quarto, enumerando mentalmente tudo o que me encontrava pelo caminho. A princípio, isto durava pouco. Mas a cada vez que recomeçava era um pouco mais longo, pois lembrava-me de cada móvel e, para cada móvel, de cada objeto, de todos os detalhes e, para os próprios detalhes, de uma incrustação, de uma rachadura, de um bordo lascado, da cor que tinham, ou de sua textura. Tentava, ao mesmo tempo, não perder o fio deste inventário e fazer uma enumeração completa. De tal forma que ao fim de algumas semanas conseguia passar horas apenas enumerando o que se encontrava no meu quarto. Assim, quanto mais pensava, mais coisas esquecidas ia tirando da memória. Compreendi então, que um homem que houvesse vivido um único dia poderia sem dificuldade passar cem anos numa prisão. Teria recordações suficientes para não se entediar. De certo modo isso era uma vantagem (CAMUS, 2013, p. 83-84).

### 3.3 – Heterotopias e fronteiras. Construindo espaços de normalidade e outros desvios

Os conceitos de heterotopia e heterocronia circunscrevem a possível construção de uma ciência, chamada de heterotopologia, proposta por Michel Foucault (2013) nos fins dos anos 60. Esta ciência estaria comprometida a estudar as relações dadas nestes espaços-tempos outros, surgidos como “contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (Foucault, 2013, p. 20).

Ao longo do trabalho, tentamos colher uma série de discursos emergidos destes pequenos espaços preservados, enquadrados em retalhos do passado conservado em caixas materiais ou virtuais. É por esta ação-relação vinculante entre discursividade e espacialidade, entre dizibilidade e visibilidade, que nos perguntamos se é possível pensar o espaço da memória, constituído por aqueles arquivos, também como espaços heterotópicos. Foucault (2013) define estes espaços como os organizadores, ou, ainda melhor, os controladores de alteridade pela racionalidade ocidental. Há desvios que, em prol da sobrevivência do sistema, devem ser contidos. Ao mesmo tempo em que implicam a exploração de outras lógicas, delimitam-se e fecham-se em ínfimas ilhas. “As heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante” (Foucault, 2013, p. 20). Estes espaços liminares (álbuns, caixas, armários, cofrinhos, gavetas, arquivos virtuais) visam, de certo modo, a manutenção da ordem, produzindo, em consequência, ilusão de mesmice. De alguma forma tentam sustentar a ficção do indivíduo que, ao longo do trabalho, tentamos desconstruir. Para que os sujeitos sejam “um” no cotidiano é necessário conter os milhares de fantasmas que ameaçam a sua integridade. Diferentemente da utopia, que não tem espaço real, a heterotopia existe como espaço de resistência, na denominação do autor, como heterotopia de desvio (Foucault, 2013, p. 35).

Essas caixas de Pandora fechadas e guardadas nos permitem viver os personagens cotidianos, as máscaras que preservam nossos papéis sociais, mas não evitam que tenhamos a profunda consciência da nossa descontinuidade. É no momento em que alguém as puxa, espalhando-as sobre a mesa, que nossas assombrações se apresentam, questionando estruturalmente o que achamos que somos.





Foto N° 34 – Pedro se abre<sup>19</sup>.

Ao mesmo tempo, perguntamo-nos sobre essa versão de nós mesmos guardada: acaso ela não é um mero relato confessável? Como diz Bachelard (2005): “En el cofrecillo se encuentran las cosas inolvidables, inolvidables para nosotros y también para aquellos a quienes legaremos nuestros tesoros. El pasado, el presente y un porvenir se hallan condensados allí. Y así, el cofrecillo es la memoria de lo inmortal” (p. 119).

Mas, como temos visto, nem todo o conteúdo dessas coleções é obviamente visível ou enunciável. Haverá sempre zonas de penumbra, até mesmo escuridão, para prolongar esse infinito de intimidade. Fechemos as caixas, os álbuns, os olhos, todos os abertos. “Habrà siempre más cosas en un cofre cerrado que en un cofre abierto. La comprobación es la muerte de las imágenes. Imaginar será siempre más grande que vivir” (Bachelard, 2005, p. 122).

<sup>19</sup> A caixa de lembranças de Pedro tem o sugestivo nome de “Berço de Pedra” talhado na madeira.

Como aponta Bachelard (2005), a potência da abertura das caixas, gavetas, cofrinhos, armários, produz a possível revelação. Segundo o autor, há uma dialética entre o mundo externo e o mundo interno a estes espaços de intimidade, que é resolvida na hora da sua abertura como uma descoberta. O mistério parece finalmente desvendado quando a tampa é retirada, a porta aberta, o arquivo acionado.

Estes espaços de arquivo que pensamos heterotópicos contêm em si a delimitação do que se define ou não meritório de identidade. Este exercício de seletividade, tanto para inscrever o que é confessável quanto para arquivar o que não é, constitui um esforço pela definição de um eu. Taumaturgos irremediáveis, padecemos da obsessão de delimitarmos, justapondo, muitas vezes, espaços e tempos incompatíveis:

Ocorre que as heterotopias são frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo. São parentes, se quisermos, das heterocronias. [...] De modo geral, em uma sociedade como a nossa, pode-se dizer que há heterotopias que são heterotopias do tempo quando ele se acumula ao infinito (FOUCAULT, 2013, p. 25).

Há em ambas as histórias períodos limiares que nos remetem a estas formas de pensamento e sentimento arquivadas.

Quando Marco estava sendo procurado e, finalmente, foi preso, Dodora ficou reconstruindo um cotidiano com filhos, gravidez e trabalho, sem ter notícia alguma dele e, no entanto, com ele de alguma forma. Os anos de cadeia que separaram Pedro e Antonia foram também preenchidos com algum tipo de informação espectral afetiva. Quando ambos cumpriram a pena, assim como quando Marco apareceu em casa, depararam-se, depois de muito tempo, com a necessidade de erguer a mais simples das vidas: o corriqueiro de todo dia. Essa invenção do cotidiano, esse achado do eu mais elementar, foi em ambos os casos uma intencionada edificação.

### **F l o r e n c i a**

E como é este momento quando estão os três juntos? Quero dizer, sem ninguém preso, ninguém clandestino?

### **A n t o n i a**

Muito estranho.

**P e d r o**

Sim, seguramente me recordo da mudança substancial da noite para o dia. A noite que ela saiu mudou a história. De toda forma, até chegar ao que se pode entender por normalidade, demorou um pouco, pois ainda estávamos na casa de meus sogros, dormindo os três em um quarto só.

O inquilino da casa ao lado, um rapaz muito generoso, se foi para deixar a casa pra gente. Meu sogro a alugava, melhor dizendo, o rapaz a alugava de meu sogro. Tivemos que arrumar a casa, mudar e conseguir alguns móveis.

**F l o r e n c i a**

Mas foi uma época vivida com alguma ilusão?

**P e d r o**

Sim, claro. Mas seguíamos militando bastante.

**A n t o n i a**

Ah, sim.

**P e d r o**

Que é uma das coisas de que me arrependo... Não me arrependo de nada de antes, de nada, mas disso sim, me arrependi naquele momento e me arrependo agora. Pedrín entendeu, aceitou e, para ele, o anormal era o normal. Não esteve bem, pois ele nos esperou muito e, quando saímos, inclusive quando eu saí, antes dela, também comecei a militar e o via pouco. De toda forma, sempre tivemos uma boa relação enquanto estive preso. Logo saímos para acampar duas ou três vezes. Tínhamos nossos momentos, nossos fins de semana. Quando sentíamos vontade, íamos visitar Antônia, depois, íamos para a casa de meus pais em Lagomar. Tínhamos uma boa relação, mas não uma relação forte e cotidiana de todos os pais, outra coisa.

...

**P e d r o**

Fiquei pensando quando você perguntou... a medida que ia passando o tempo, o que significava eu para ela... porque já havia se passado alguns anos. Eu te disse que, desde meu ponto de vista, estando preso, não me perguntava nada, pois estava precisando de

carinho, de certezas e de muitas outras coisas. Todos os presos precisavam. Depois, fiquei pensando e me lembro de que quando saí tão pouco tive dúvidas. Quando saí tinha também a mesma certeza, a mesma segurança, e nunca me perguntei como podia encontrá-la. Ou melhor, me perguntei depois, ao ver nela um reflexo.

Primeiramente, pensei que as coisas podiam não ter sido assim. A visita da prisão de Punta De Rieles era diferente da nossa. Ao invés de entrar um de cada vez, entravam até três familiares. Sempre Consuelo, minha sogra, meu sogro e eu. Depois de sete anos sem vê-la, eu tinha vontade de dizer-lhe qualquer coisa, algo íntimo, não sabia o quê, ou não dizer nada, mas estar com ela a sós. Pois nem meus sogros, nem ela, me concediam esta honra. Então, um dia discutimos, tranquei meu sogro e disse a ele: “quero entrar sozinho”... Quando fui embora desta visita, caminhando sozinho uns 200 metros até a guarita, uma presidiária me grita de uma janela: “Pedro, o amor é cabrón!”. Esta frase justamente neste momento! Foi incrível!

### **A n t o n i a**

Isso tem uma explicação. Acontece que agora estamos um pouco cruzados, brigados, então, todo o passado vai se cruzar e todo o futuro... não sei, talvez. (Risos). Meu pai tinha essa frase, mas a dizia por ele, não a dizia por nada em concreto, era uma frase que seu tio repetia, que um velho tio da Espanha usava para as situações mais genéricas. Então, ousou interpretá-la como um ponto de aproximação, nada a ver com o raciocínio de Pedro.

### **P e d r o**

Bem, por que me disse isso e não me disse: “feliz ano novo”, que seu pai também repetia todos os anos? Ou, por que não me disse: “feliz primavera”, “feliz ano do partido comunista”?

### **A n t o n i a**

E o que quer dizer para você? Eu nem sequer a interpreto, não chego a entender a implicância que você tem com esta frase. Por outro lado, eu sei o que ela significa e porque a transmiti.

**P e d r o**

Eu sempre a entendi. Talvez seja uma frase comum na Espanha ou na Galícia, mas rapidamente se faz entender. “O amor é cabrón” porque te faz sofrer, porque te faz tropeçar e levantar-se mil vezes...

**A n t o n i a**

É assim que se utiliza. Não quando tudo está às mil maravilhas, então, o amor não é cabrón. Quando está no momento de aguentar as diversas circunstâncias nas quais o amor te coloca. E meu velho era uma graça quando dizia isso...

**P e d r o**

Bem, mas não estamos falando de seu pai, estamos falando de alguém que usou uma frase de seu pai, que você a retransmitiu, e que a falou justamente naquele momento para que eu interpretasse o que me havia passado. Entendeu? Ou seja, estamos sete anos separados, não nos víamos por sete anos e, no dia que vou te ver, tenho que lutar para encontrar um lugar... Enfim, capaz que a mulher tenha dito... vai saber em que sentido...

...

**F l o r e n c i a**

Como vocês conseguem lidar com estas duas interpretações do amor claramente diferentes?

**P e d r o**

Como uma luta de espadas CHA, CHIN, CHUN...

**A n t o n i a**

Assim como é maravilhoso apaixonar-se, depois destes momentos apoteóticos existe também a luta para tentar uma possível estabilidade.

Eu, por exemplo... naquele momento não me revelava, mas chegou um momento em que o casamento não me fazia bem e não sabia como resolver...

**F l o r e n c i a**

Quando já estavam juntos?

**Antonia**

Talvez tenhamos confiado muito em nós mesmos e tivéssemos precisado de um outro tipo de apoio. Somos de 68, quando tudo se resolvia postergando para frente. Óbvio que tem muita coisa boa. Seguramente outra opção tivesse um custo mais alto, disse ele... Viu como ele é mais calculista? Havia muita coisa pra defender, coisas pra resgatar e tão pouco havia outra opção. Não nos permitíamos alguma outra opção. Já não somos aqueles e, às vezes, digo “ainda bem”.

**Florença**

Mas, em todo caso, o primeiro momento de “aqui estamos, somos uma família, estamos em uma casa e começamos a construir um cotidiano” é um momento feliz ou cheio de dificuldades? Como vocês se recordam disso?

**Antonia**

Eu creio que é um momento feliz. Não deve ter sido nada fácil, mesmo que não tenhamos experimentado assim... A militância pesava muito, nos tirava tempo... Parecíamos trotskistas, ele me chamava de trotskista e tinha razão.

**Pedro**

Os trotskistas tem fama de serem muito tenazes...

**Antonia**

Em nossa lenda particular eu era a trotskista porque não cedia.

**Pedro**

Creio que foram momentos felizes, ainda que seja por contraste com os anos de cadeia, independentemente de que depois, na vida cotidiana, briga-se porque a comida não tem sal, ou porque um vaso caiu... Foi um período muito lindo, vendo de agora. Todos estávamos juntos com “normalidade”. Naquele tempo, um dia parecia ser cinco. Reencontramo-nos em março de 1985 e tudo estava bem com Pedrín, nossos pais estavam bem. Logo conseguimos esta casinha e, depois, trabalho e, logo depois, ela ficou grávida de Lucia e aumentamos a casa...

**M a r c o**

Nesse período eu estava preso... Quando eu voltei... Meus filhos eram praticamente órfãos, porque nos últimos tempos não tinham notícia nenhuma... Ficaram nove meses sem nenhuma notícia minha, sem saber o que tinha acontecido comigo durante nove meses. E... a Dodora era viúva. Só que quando cheguei aqui... eu não sei que “diabo” que a gente tem um com o outro..., mas foi como se não estivéssemos separados. Aliás, trinta anos depois de 64, ou seja, em 1994, houve uma festa dos fundadores da Ação Popular. Em São Paulo, em um baita de um sítio. Um sítio enorme! Houve um festão e um churrasco fantástico! E estavam lá mais ou menos umas 600 pessoas. Era o pessoal da época da fundação. Estavam comemorando 30 anos da fundação da Ação Popular em 1994, ou seja, há vinte anos atrás. E eu cheguei, estava um grupinho junto. Nesse grupinho tinha dois dirigentes da Ação Popular, dirigentes da cúpula. “Companheiro!!!”, diziam. E aqueles abraços, aquela festa toda! A Dodora não foi nesse dia. “E aí? Como é que foi? Você esteve sumido, desaparecido!!!”. E aí eu comecei a contar a história. Aí, a mulher do Eduardo Pacheco, um dos dirigentes, virou pra mim e falou assim: “E a sua mulher, estava te esperando? Ela deixou você entrar em casa?” (Risos).

**D o d o r a**

Você só entrou em casa porque quando você chegou eu estava no banheiro. (Risos).

...

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder-se-ia buscar nas antigas figuras de uma ficção-científica social, nas mônadas ou na poeira de Cantor já há alguns anos levantadas pela antropologia contemporânea, a ideia de multiplicidade dentro da unidade. A questão da integração múltipla do sujeito faz parte das primeiras apreensões sociológicas que, mesmo opondo o indivíduo à sociedade, reconheciam o binômio indissociável e interrelacionado.

Ora, nessa dissertação tentamos pensar para além desta imagem dicotômica, levando a sério a ideia de uma possível composição múltipla também da pessoa ocidental.

Utilizamos a exposição de alguns modelos ideais para essa tradição, de modelos de relações aplicadas a esses sujeitos, de matrizes intervenientes na formação deles. Não houve, porém, nenhum modelo que exclusivamente conseguiu exprimir as experiências de nossos casais. Arriscamos aberturas e desvios a esses modelos, trazendo momentaneamente a descontinuidade da imagem compósita, atrevendo-nos a pensar numa composição radicalmente diferente. Ao expor alguns traços do que denominamos de “ontologia de esquerdas”, buscamos suscitar o arranjo de ideias e emoções que produz um tipo de pessoa ao longo do tempo, e cujo registro traduzível é a memória – esse sistema vivo que nos faz conhecer o universo, que produz fotogramas que estão para além da própria matéria e para além da representação. Aprofundamos, então, em algumas dessas imagens produzidas por intuição e expostas à racionalização no contexto das entrevistas. Emergiram novos sentidos, novas sínteses que exprimiram nessas figuras os tempos impossíveis e improváveis que lhes compõem.

Por meio de uma imagem produzida em regime de clandestinidade, de outra insignificante como a de um bolo de aniversário, de outra inexistente mas imaginada, dos retratos das absurdas influências, das vagas conexões religiosas e literárias e de tantas outras imagens que foram montando esse quebra-cabeça, vislumbramos pontos de fuga dos modelos ideais que caracterizam os sujeitos ocidentais como identidades indivisíveis, egocêntricas, fechadas, uniformes e racionais. No entanto, reconhecemos que esses modelos existem em algum plano; sua influência gera conflitos e resoluções particulares. Retornamos à convivência com esses modelos e ensaiamos a hipótese de pensar uma resposta dialógica que, ao mesmo tempo em que contempla esses arquétipos, respeita a inerente multiplicidade que lhes compõe. Pensamos, assim, os espaços de arquivos mnêmicos como espaços heterotópicos, espaços de contenção dessas alteridades, espaços de ficcionalização de unidade coerente ou, pelo menos, tendente a esses modelos ideais.



Espaços que, ao distinguir um interior e um exterior, possibilitam a existência da multiplicidade e da unidade.

Neste ponto, perguntamo-nos se esses modelos hegemônicos para pensar as subjetividades ocidentais não acabariam antes modelando a realidade do que oferecendo explicações interpretativas. A esse respeito, a função do arquivo mnêmico é possivelmente a de traçar um itinerário de si latente, nem totalmente visível nem dizível, capaz de gerar congruência segundo os filtros pelos quais a informação atravessa, mas deixando imperceptíveis brechas que permitam fazer novos arranjos interpretativos.

Diremos, então, que o complexo de memórias transversalizadas pela ideologia e pelo amor constitui uma das narrativas possíveis destes sujeitos múltiplos:

Um mundo envolve já um sistema infinito de singularidades selecionadas por convergência. Mas, neste mundo constituem-se indivíduos que selecionam e envolvem um número finito de singularidades do sistema, que as combinam com aquelas que seu próprio corpo encarna, que as estendem sobre suas próprias linhas ordinárias e mesmo são capazes de reformá-las sobre as membranas que colocam em contato o interior e o exterior (DELEUZE, 2009).

A partir do que diz Deleuze, podemos inversamente dizer que dentro desse sistema finito de singularidades, as possibilidades de arranjo parecem ser infinitas. Esta dissertação certamente pretende ser uma destas possibilidades de arranjo. Isto implica reconhecer, por um lado, o poder inventivo da montagem antropológica e, por outro, a possibilidade de estabelecer conexões entre sujeitos de socialidades e geografias diferentes.

Pensar as linhas que unem a lembrança com a percepção nos fez, às vezes, atentar para o conteúdo afetivo comum constitutivo da memória. Referimo-nos à eficácia do sistema simbólico ideológico como mobilizador das cargas afetivas particulares a essas narrativas mnésicas. O amor, força de conhecimento e de transformação da vida, desenhou com seus traços conflituosos de cumplicidade um espaço testemunhal por onde transitar a vida juntos. Afirmando suas existências no outro, expandiram suas forças de incidência na realidade.

Discorreremos repetidas vezes sobre o valor da colheita de memórias, pois é por meio delas que pensamos no retorno do mesmo indivíduo afetado de alteridade. Diferente, mas igual. Agora e sempre, múltiplo.

Essa imagem “produzida” neste trabalho, por assim dizer, remarca a tensão gerada pela constituição de relações do composto, sujeito enquanto rede de relações. Relações

entre indivíduos, pois é através dos outros que se compõe e se educa a sensibilidade, a percepção; e relações entre tempos, pois é a memória regressiva com todas as suas presenças que, por natureza, se embate com a outra que nos impulsiona a viver.

Neste panorama de mudança e conflitividade (inerente a qualquer relação sígnica), há uma perpétua revisão do que vem a ser visível em cada oportunidade em que os arquivos mnésicos são acordados.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BACHELARD, Gaston. *La poética del espacio*. México D.F: Fondo de Cultura económica, 2005.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2013.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Cine I. Bergson y las imágenes*. Buenos Aires: Cactus, 2009.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2011.

\_\_\_\_\_. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_ & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol.3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. São Paulo: Papirus, 2012.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. *Homo Hierarchicus*. O sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 2008.

FLAUBERT, Gustave. *A Educação Sentimental*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FREIRE COSTA, Jurandir. *Sem fraude nem favor*. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GEERTZ, Clifford. *La interpretación de las culturas*. Barcelona, Gedisa, 2005.

GELL, Alfred. *On Love; Anthropology of this century* (1996). Disponível em: <http://aotcpress.com/articles/love/>.

GEORGES, Didi-huberman. *Diante da imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.

GOLDMAN, Marcio. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

GUIMARÃES, César Geraldo. *Imagens da memória: Entre o legível e o visível*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: CosacNaify, 2003.

PITARCH, Pedro. *Chúlel: una etnografía de las almas tzeltales*. México D.F: Fondo de cultura Económica, 1996.

PRITCHARD, Evans. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Amor e Justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SAHLINS, Marshall. *Cultura y Razón Práctica*. Contra el utilitarismo en la teoría antropológica. Barcelona: Gedisa, 2006.

\_\_\_\_\_. *The western Illusion of human nature*. Chicago, Prickly Paradigm Press, 2008.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto. & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. Em: OLIVEIRA FILHO, J. P. (Org). *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*. Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade melanésia. Campinas: Unicamp, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; BENZAQUEM DE ARAUJO, Ricardo. “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. Em: VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade: ensaio sobre sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.